

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE**

**RONALDO LEITES DIAZ**

**RELAÇÕES DE HOSPITALIDADE:  
“A MORTE EM VENEZA”, DE THOMAS MANN:**

**CAXIAS DO SUL**

**2023**

RONALDO LEITES DIAZ

RELAÇÕES DE HOSPITALIDADE: “A MORTE EM VENEZA”, DE THOMAS MANN:

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS).  
Linha de pesquisa: Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira

**CAXIAS DO SUL**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

D542r Diaz, Ronaldo Leites  
Relações de hospitalidade [recurso eletrônico] : "A morte em Veneza", de  
Thomas Mann / Ronaldo Leites Diaz. – 2023.  
Dados eletrônicos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de  
Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2023.  
Orientação: Luciane Todeschini Ferreira.  
Modo de acesso: World Wide Web  
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>  
1. Hospitalidade. 2. Turismo. 3. Mann, Thomas, 1875-1955. I. Ferreira,  
Luciane Todeschini, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.483.13

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

RONALDO LEITES DIAZ

RELAÇÕES DE HOSPITALIDADE: “A MORTE EM VENEZA”, DE THOMAS MANN:

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS).  
Linha de pesquisa: Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira

Aprovado em:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira (UCS)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Garcia Spolon (UFF)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista (UCS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Brocchetto Ramos (UCS)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus pela oportunidade de realizar este trabalho e por me sustentar em suas mãos, me guiando em cada passo trilhado. Sem a sua orientação e força, não teria sido possível chegar até aqui.

Também gostaria de agradecer à minha família e aos meus amigos pelo apoio incondicional e incentivo durante todo o processo. Seu amor e suporte foram fundamentais para me manter motivado e determinado em alcançar meus objetivos.

Eu sinto muito, mãe, a sua perda e quero expressar o quanto te amo sempre. Quero dedicar este trabalho à sua memória, mãe, Geni Silva Leites. Você foi uma pessoa que sempre esteve presente em minha vida e sempre estará em meu coração e em minha memória. Você sempre acreditou em mim e me incentivou a estudar. Eu tenho certeza de que está torcendo por mim neste momento também, esteja onde estiver. Seu amor, seu apoio e sua orientação sempre estarão comigo enquanto meu coração pulsar, me guiando em minha vida pessoal e acadêmica.

Em especial, quero agradecer a pessoa que mais amo neste mundo, meu companheiro nesta jornada. É maravilhoso ter alguém que nos apoia e nos incentiva, principalmente em momentos desafiadores como a conclusão de um projeto acadêmico. É ótimo saber que você está ao meu lado, sempre me dando apoio, e tenho a plena certeza de que isso me ajudou a superar os obstáculos e alcançar meus objetivos. Que possamos continuar a compartilhar momentos especiais e apoiarmos um ao outro ao longo de nossas jornadas.

Quero expressar minha gratidão à minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira, por sua orientação, sabedoria e paciência ao longo deste trabalho. Seu conhecimento e sua experiência foram essenciais para o meu crescimento como estudante e pesquisador.

Agradeço a todos que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional, colaborando para o meu sucesso. Que todos possam receber minha forma de reconhecimento e gratidão.

A hospitalidade é uma virtude que transcende a simples cortesia. Ela envolve o acolhimento, a compreensão e o respeito ao outro e é fundamental em diversos âmbitos da vida, incluindo a elaboração de trabalhos acadêmicos como dissertações. Nesse sentido, gostaria de expressar minha profunda gratidão à Dr.<sup>a</sup> Marcia M.

Capellano dos Santos, que me ensinou tanto sobre a importância da hospitalidade na pesquisa acadêmica. Seus ensinamentos foram essenciais para que eu pudesse compreender que a hospitalidade não se restringe apenas ao ato de receber bem as pessoas, abarcando também a capacidade de se colocar no lugar do outro, de compreender suas dificuldades e de ajudá-lo a encontrar soluções.

É realmente importante ter o apoio da família durante a elaboração de um trabalho acadêmico, especialmente em um momento tão difícil como o que vivemos com a pandemia. A presença constante e o incentivo de minha irmã, Luana Diaz, e dos meus sobrinhos, Ronald Diaz e Pedro Arthur Diaz, certamente contribuíram para que eu conseguisse concluir minha dissertação com sucesso. Vocês são joias valiosas em minha vida, e palavras não são suficientes para expressar o quanto amo vocês.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, seja por meio de sugestões, críticas construtivas ou apoio moral. Cada contribuição foi valiosa e ajudou a tornar este trabalho ainda melhor. Obrigado a todos!

*Não vos esqueçais da  
hospitalidade, porque por ela,  
alguns, não o sabendo,  
hospedaram anjos.  
Hebreus 13:2*

## RESUMO

Este trabalho tem como foco a investigação de representações de hospitalidade na obra literária “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, com ênfase nas vivências do protagonista, Gustav von Aschenbach. Os objetivos específicos envolvem a contextualização da obra no seu contexto histórico, social e literário de produção, a exploração de teorias relacionadas à hospitalidade e ao acolhimento, e a investigação da relação entre turistas e cidades com base no conceito de Corpo Coletivo Acolhedor (CCA), em que as cidades podem ser entendidas, na sua relação de hospitalidade, como um Corpo Coletivo Acolhedor, que pressupõe a existência de três vértices – o conjunto de serviços, o organismo gestor e o capital cultural (PERAZZOLO, SANTOS; PEREIRA, 2014). Ao se considerar a obra literária na sua natureza mimética, conceito fundamental na literatura (CARVALHO, 2019), a mesma pode ser entendida como fonte documental (FERREIRA, 2009) e, dentro dessa perspectiva de análise é que se busca identificar sinalizadores de representação de hospitalidade na obra “A Morte em Veneza”. A pesquisa de natureza qualitativa apoia-se, na análise de conteúdo de Bardin (2011) e na análise discursiva bakhtiniana. Como pressuposto teórico, compreende-se que a hospitalidade é elemento fundante do turismo, sendo essencial para o seu entendimento (PERAZZOLO, SANTOS, PEREIRA, 2012). A análise das relações de hospitalidade identificadas na narrativa, perspectivadas por construto teórico do Corpo Coletivo Acolhedor permitem identificar diferentes acolhimentos na relação entre Gustav von Aschenbach e Veneza: em algumas ocasiões, ele é bem-recebido nos lugares por onde transita, marcadamente em uma relação comercial; já em outros momentos, observa-se um espaço tensionado, já que a cidade oculta de seus visitantes o fato de estar vivendo em um período de endemia de Cólera. Essa relação dúbia perpassa toda a narrativa, marcando as experiências da personagem. A análise dessas relações permitiu observar momentos em que o protagonista é acolhido e recebe tratamento hospitaleiro por parte dos habitantes de Veneza, bem como situações em que ele é confrontado com a falta de acolhimento. Essa dualidade entre a hospitalidade e a falta de acolhimento contribui para a complexidade das experiências de Gustav von Aschenbach na cidade, evidenciando a importância desses elementos na narrativa e na compreensão das interações entre o turista e o local visitado. Ao explorar essa dualidade entre a hospitalidade e a falta de acolhimento na obra, somos levados a refletir sobre a complexidade das interações entre Gustav von Aschenbach e a cidade de Veneza. Enquanto momentos de acolhimento indicam a capacidade da comunidade local de oferecer um ambiente favorável ao turista, situações de não acolhimento revelam as limitações e os desafios que podem surgir nessa relação. A presença dessas diferentes facetas da hospitalidade na narrativa de Thomas Mann ressalta a importância de uma abordagem ampla e contextualizada para compreender as experiências dos turistas e o impacto das interações com a comunidade local. Por meio da análise dessa obra literária, somos convidados a explorar não apenas a representação da hospitalidade, mas também a própria natureza das relações humanas em um ambiente turístico, enriquecendo nosso entendimento sobre as complexidades do encontro entre o visitante e o local visitado. Portanto, a análise da hospitalidade em “A morte em Veneza” revela a influência dessas dinâmicas nas experiências dos turistas e nas relações entre visitantes e a comunidade local.

**Palavras-chave:** Turismo; hospitalidade; literatura; Thomas Mann; “A morte em Veneza”.



## ABSTRACT

This work focuses on investigating representations of hospitality in the literary work "Death in Venice" by Thomas Mann, with an emphasis on the experiences of the protagonist, Gustav von Aschenbach. The specific objectives involve contextualizing the work within its historical, social, and literary production context, exploring theories related to hospitality and welcoming, and investigating the relationship between tourists and cities based on the concept of the Welcoming Collective Body (WCB), where cities can be understood, in their hospitality relationship, as a Welcoming Collective Body, presupposing the existence of three vertices - the set of services, the governing organism, and the cultural capital (PERAZZOLO, SANTOS; PEREIRA, 2014). Considering the literary work in its mimetic nature, a fundamental concept in literature (CARVALHO, 2019), it can be understood as a documentary source (FERREIRA, 2009), and within this perspective of analysis, the aim is to identify signs of representations of hospitality in the work "Death in Venice." The research is qualitative in nature and relies on content analysis by Bardin (2011) and Bakhtinian discourse analysis. As a theoretical premise, hospitality is understood as a foundational element of tourism, essential to its understanding (PERAZZOLO, SANTOS, PEREIRA, 2012). The analysis of hospitality relations identified in the narrative, contextualized by the theoretical construct of the Welcoming Collective Body, allows identifying different receptions in the relationship between Gustav von Aschenbach and Venice. On some occasions, he is well-received in the places he visits, notably in commercial relationships. However, at other times, tensions arise as the city conceals from its visitors the fact that it is experiencing a cholera epidemic. This ambivalent relationship permeates the entire narrative, shaping the experiences of the character. The analysis of these relationships reveals moments when the protagonist is welcomed and treated hospitably by the inhabitants of Venice, as well as situations in which he encounters a lack of hospitality. This duality between hospitality and lack of welcoming contributes to the complexity of Gustav von Aschenbach's experiences in the city, highlighting the importance of these elements in the narrative and in understanding interactions between tourists and the visited location. By exploring this duality between hospitality and lack of welcoming in the work, we are led to reflect on the complexity of interactions between Gustav von Aschenbach and the city of Venice. While moments of hospitality indicate the local community's ability to offer a favorable environment to the tourist, situations of non-hospitality reveal the limitations and challenges that can arise in this relationship. The presence of these different facets of hospitality in Thomas Mann's narrative emphasizes the importance of a broad and contextualized approach to understand tourists' experiences and the impact of interactions with the local community. Through the analysis of this literary work, we are invited to explore not only the representation of hospitality but also the nature of human relationships in a tourist environment, enriching our understanding of the complexities of the encounter between the visitor and the visited location. Therefore, the analysis of hospitality in "Death in Venice" reveals the influence of these dynamics on tourists' experiences and on the relationships between visitors and the local community.

Keywords: Tourism; hospitality; literature; Thomas Mann; "Death in Venice."

## RESUMEN

Este trabajo tiene como foco la investigación de representaciones de hospitalidad en la obra literaria "La muerte en Venecia" de Thomas Mann, con énfasis en las vivencias del protagonista, Gustav von Aschenbach. Los objetivos específicos incluyen la contextualización de la obra en su contexto histórico, social y literario de producción, la exploración de teorías relacionadas con la hospitalidad y el acogimiento, y la investigación de la relación entre turistas y ciudades basada en el concepto de "Corpo Coletivo Acolhedor" (CCA), en el que las ciudades pueden ser entendidas en su relación de hospitalidad como un Corpo Coletivo Acolhedor, que supone la existencia de tres vértices: el conjunto de servicios, el organismo gestor y el capital cultural (PERAZZOLO, SANTOS; PEREIRA, 2014). Al considerar la obra literaria en su naturaleza mimética, concepto fundamental en la literatura (CARVALHO, 2019), se la puede entender como fuente documental (FERREIRA, 2009) y, dentro de esta perspectiva de análisis, se busca identificar indicadores de representación de hospitalidad en la obra "La muerte en Venecia". La investigación es de naturaleza cualitativa y se apoya en el análisis de contenido de Bardin (2011) y en el análisis discursivo bakhtiniano. Como presupuesto teórico, se entiende que la hospitalidad es un elemento fundante del turismo, siendo esencial para su comprensión (PERAZZOLO, SANTOS, PEREIRA, 2012). El análisis de las relaciones de hospitalidad identificadas en la narrativa, perspectivadas por el constructo teórico del Corpo Coletivo Acolhedor, permite identificar diferentes acogimientos en la relación entre Gustav von Aschenbach y Venecia: en algunas ocasiones, es bien recibido en los lugares por donde transita, especialmente en una relación comercial; mientras que en otros momentos, se observa un espacio tensionado, ya que la ciudad oculta a sus visitantes el hecho de estar viviendo en un período de epidemia de Cólera. Esta relación ambivalente atraviesa toda la narrativa, marcando las experiencias del personaje. El análisis de estas relaciones permitió observar momentos en los que el protagonista es acogido y recibe un trato hospitalario por parte de los habitantes de Venecia, así como situaciones en las que se enfrenta a la falta de acogida. Esta dualidad entre la hospitalidad y la falta de acogida contribuye a la complejidad de las experiencias de Gustav von Aschenbach en la ciudad, evidenciando la importancia de estos elementos en la narrativa y en la comprensión de las interacciones entre el turista y el lugar visitado. Al explorar esta dualidad entre la hospitalidad y la falta de acogida en la obra, nos llevan a reflexionar sobre la complejidad de las interacciones entre Gustav von Aschenbach y la ciudad de Venecia. Mientras que los momentos de acogida indican la capacidad de la comunidad local para ofrecer un ambiente favorable al turista, las situaciones de no acogida revelan las limitaciones y los desafíos que pueden surgir en esta relación. La presencia de estas diferentes facetas de la hospitalidad en la narrativa de Thomas Mann resalta la importancia de un enfoque amplio y contextualizado para comprender las experiencias de los turistas y el impacto de las interacciones con la comunidad local. A través del análisis de esta obra literaria, se nos invita a explorar no solo la representación de la hospitalidad, sino también la propia naturaleza de las relaciones humanas en un ambiente turístico, enriqueciendo nuestra comprensión de las complejidades del encuentro entre el visitante y el lugar visitado. Por lo tanto, el análisis de la hospitalidad en "La muerte en Venecia" revela la influencia de estas dinámicas en las experiencias de los turistas y en las relaciones entre los visitantes y la comunidad local.

**Palabras clave:** Turismo; hospitalidad; literatura; Thomas Mann; "Muerte en Venecia".

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O caminho de Gustav von Aschenbach .....	41
Figura 2 – Ruelas de Veneza: o encontro entre turistas e a cidade.....	45
Figura 3 – Domínios da hospitalidade para Lashley.....	61
Figura 4 – Interação dos vértices constitutivos do Corpo Coletivo Acolhedor .....	69

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Periódicos para pesquisa vinculados aos programas de pós-graduação relacionados ao Turismo e à Hospitalidade .....	19
Quadro 2 – Interpretações e críticas da obra “A morte em Veneza”: exemplos .....	39
Quadro 3 – A trajetória turística de Gustav von Aschenbach .....	43
Quadro 4 – Registros do Corpo Coletivo Acolhedor.....	81
Quadro 5 – Registros do acolhimento encenada .....	89
Quadro 6 – Registros de não acolhimento .....	92
Quadro 7 – Registros de hospitalidade genuína .....	93

## SUMÁRIO

<b>1 SITUANDO O LEITOR</b> .....	13
1.1 EU, PESQUISADOR .....	13
1.2 A QUESTÃO INVESTIGATIVA .....	17
1.3 MAPEAMENTO DO CONHECIMENTO DISPONÍVEL E ACESSADO .....	18
<b>2 AO LEITOR, A OBRA LITERÁRIA: APRESENTANDO “A MORTE EM VENEZA”, DE THOMAS MANN</b> .....	26
2.1 THOMAS MANN: O AUTOR POR TRÁS DA PERSONAGEM .....	29
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DA OBRA .....	30
<b>2.2.1 Contexto histórico</b> .....	30
<b>2.2.2 Contexto literário</b> .....	33
2.3 UM POUCO MAIS DA PERSONAGEM E DA OBRA .....	35
2.3.1 Obra: interpretações e críticas .....	38
2.3.2 A trajetória de Gustav von Aschenbach .....	40
<b>3 TEORIZANDO COM O LEITOR: TURISMO E HOSPITALIDADE</b> .....	46
3.1 TURISMO: DO DESLOCAMENTO À PULSÃO PARA O DESCONHECIDO .....	46
3.2 A HOSPITALIDADE: UM PERCURSO CONCEITUAL SOBRE O FENÔMENO .....	51
<b>3.2.1 Hospitalidade e dádiva</b> .....	54
<b>3.2.2 Hospitalidade comercial</b> .....	58
<b>3.2.3 Hospitalidade urbana</b> .....	64
<b>4 EXPLORANDO “A MORTE EM VENEZA” COM O LEITOR: PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	71
4.1 LEVANTAMENTO DE ÍNDICES DE HOSPITALIDADE NA OBRA “A MORTE EM VENEZA”: CATEGORIAS IDENTIFICADAS .....	77
<b>5 CAMINHANDO COM O LEITOR: HOSPITALIDADE NA OBRA “A MORTE EM VENEZA” A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE GUSTAV VON ASCHENBACH</b> .....	94
5.1 HOSPITALIDADES EM “A MORTE EM VENEZA” .....	96
5.2 HOSPITALIDADE COMERCIAL .....	103
5.3 HOSPITALIDADE RELACIONAL .....	108
5.4 INOSPITALIDADES .....	109
5.5 O NÃO ACOLHIMENTO – O SILENCIAMENTO DA CIDADE SOBRE A EPIDEMIA .....	111

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	114
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120

## 1 SITUANDO O LEITOR

Neste primeiro capítulo, apresentam-se o pesquisador e seu objeto de paixão, que passou a ser o seu objeto de pesquisa. Há, na trajetória individual, traços que justificam a escolha da obra literária “A morte em Veneza” para análise de relações de hospitalidade: sua primeira formação, que foi na área de Letras, sua doença Esclerose Múltipla (EM) e o momento histórico vivenciado devido à pandemia de Covid-19, em especial em 2020. Para além das justificativas de natureza pessoal, as de ordem científica e social também são apresentadas.

### 1.1 EU, PESQUISADOR

A oportunidade de estudar a linguagem sempre foi muito instigante para mim: conhecer a história da linguagem, fazer observações, decifrar os sons das palavras, analisar como elas se formam e compreender os sentidos e os modos de construção desses sentidos há muito me fascinam. Por isso, minha primeira graduação foi licenciatura em Letras/Espanhol, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Aos poucos, pude entender o funcionamento de uma língua e igualmente adentrar no universo literário, de modo que o meu olhar sobre os fenômenos linguísticos e sobre o texto literário foi se aguçando. Antes mesmo de concluir o curso, já estava lecionando na rede privada de ensino.

Nessa trajetória em que exerci a profissão de professor, pude perceber o quanto as relações, mediadas pela linguagem, podem ser acolhedoras ou não. Na minha constatação empírica, como um sujeito dentro dessa prática social de ensinar a alguém uma língua estrangeira, deparei-me com uma surdez relacional, em que o espaço da escuta e do acolhimento parecia, não raro, ausente da sala de aula.

Como essa atividade não estava mais me realizando profissionalmente, optei por me afastar. Foi então que, conversando com um amigo, veio a sugestão para seguir um novo caminho, o da Gastronomia. Como gosto de cozinhar, resolvi aprofundar esses conhecimentos e reingressei na UCS. Ao cursar a disciplina de “Introdução ao Turismo”, conheci o professor Dr. Michel Bregolin, que, em sala de aula, comentou sobre o Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), apresentando-o. Tendo a curiosidade como irmã, acessei o site do

Programa e encontrei o nome da professora Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira, com a qual tive contato durante minha primeira graduação em Letras/Espanhol. Confesso que fiquei um pouco intrigado ao ver no Programa o nome de uma professora da área das Letras.

Decidi, pois, conhecer o PPGTURH e, na conversa com a então coordenadora do Programa, a professora Dr.<sup>a</sup> Márcia Maria Cappellano dos Santos, matriculei-me em duas disciplinas como aluno não regular: “Leitura e produção de textos de circulação acadêmica”, com a professora Luciane Todeschini Ferreira, e “Mobilidades e cidade: imaginários em questão”, com a professora Susana Gastal. Tais disciplinas trouxeram de volta meu anseio pela pesquisa, já que pude perceber a importância da pesquisa acadêmica para a comunidade. Dessa forma, resolvi participar da seleção para o mestrado e obtive a esperada aprovação.

Hoje, com grande satisfação, faço parte do Núcleo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Social, Linguagens e Processos Educacionais. Além disso, estou vinculado aos projetos “Educação, hospitalidade e turismo: estudos sobre eixos constitutivos do desenvolvimento turístico” (EDUHTUR). Já participei de vários eventos acadêmicos e publiquei artigos. Um deles, intitulado “Um novo olhar para a gastronomia sustentável: desperdício de alimentos e sugestões de reaproveitamento”, foi publicado na Revista Turismo e Cidade (2021), “Depoimento de um moço sobre hospitalidade: o amor nos tempos de pandemia” (2020) e “Depoimentos de um Moço sobre a Hospitalidade [Parte II]: a Ação Humana em Tempos de Pandemia publicados na Revista Rosa dos Ventos (2021).

Toda essa trajetória permitiu que eu aprofundasse estudos teóricos sobre hospitalidade e começasse a fazer maiores relações entre hospitalidade e linguagem, até mesmo porque o próprio grupo de pesquisa do qual participo realiza essas aproximações. Nessas incursões, vi a possibilidade de aproximar o texto literário dos estudos sobre turismo e hospitalidade.

Nas reflexões feitas junto ao grupo de pesquisa, ao discutirmos gestos de hospitalidade e de inospitalidade, vimos que eles são sempre marcados. Por exemplo, o ato de fechar uma porta pode carregar sentidos de inospitalidade. A linguagem corporal, por si, também é balizadora de gestos de hospitalidade ou de inospitalidade (braços cruzados, abraços e beijos). O mesmo ocorre com a linguagem oral e escrita.



Esses gestos podem ser identificados nos detalhes, como na entonação de voz, sinalizando ênfases capazes de sinalizar o acolhimento ou o não acolhimento.

Na linguagem escrita, outros recursos podem ser empregados, como a pontuação (em especial a interjeição) e a escolha lexical. Contudo, a própria configuração dos textos pode apresentar esses sinalizadores. Assim, em um texto narrativo, por exemplo, as ações apresentadas, as descrições feitas e a caracterização das personagens podem indicar gestos de aproximação ou distanciamento.

Nesse sentido, posso dizer que a intimidade com as palavras é marcada na minha trajetória acadêmica e, em especial, na minha proximidade com o texto literário: a literatura me fascina e entendo a escrita como uma forma de me colocar no mundo. Em minha primeira formação, tive contato com grandes autores da literatura e estudei, de forma aprofundada, os recursos de que a linguagem dispõe para que digamos o que pretendemos dizer ou, igualmente, para que escapemos de tal precisão.

Nesse contexto, nas intersecções que comecei a fazer, motivado pelos estudos sobre hospitalidade, personagens literárias passaram novamente a integrar meu universo. Para citar uma delas, menciono Dom Quixote de La Mancha, que, em seus devaneios, chega a uma hospedaria (embora acredite se tratar de uma fortaleza) e é recebido pelo anfitrião, que oferece sua hospitalidade e os melhores alimentos. De forma ainda embrionária, já estava aproximando minhas leituras literárias às leituras teóricas, em especial àquelas sobre hospitalidade.

Com o surgimento da pandemia ocasionada pelo Covid-19, por ser portador de uma doença autoimune e, portanto, fazer do grupo de risco, vi-me aprisionado e entrei em contato com diferentes autores que já haviam escrito sobre o ser humano em tempos de pandemia. E foi assim que comecei a pensar nas relações entre literatura, turismo e hospitalidade. Nesse cenário, o livro “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, entrou no meu universo de pesquisa.

Há de se registrar que essa obra é um dos clássicos da literatura moderna e que, embora minha perspectiva de análise não se volte para a temática central presente na narrativa – fundamentada na crise existencialista de Gustav von Aschenbach e em sua busca –, é possível igualmente identificar na obra as

experiências do turista Gustav. Com base nessas experiências, perspectivando o questionamento sobre as representações de hospitalidade.

Dessa forma, a escolha da obra “A morte em Veneza”<sup>1</sup> para análise das relações de hospitalidade justifica-se, inicialmente, por sua relevância literária, visto que é um marco na literatura mundial pela multiplicidade de reflexões que possibilita sobre a condição humana. E é a partir dessa perspectiva, a da sua abertura para múltiplas leituras, que se abrem brechas para buscar compreender o fenômeno da hospitalidade nessa obra.

Reflexões sobre a hospitalidade objetivam entender relações estabelecidas entre pessoas e entre povos, sendo cada vez mais frequentes em um mundo tão mutável como este em que nos encontramos, a exemplo das efetuadas pelo sociólogo Bauman (2001), que, em sua obra “Modernidade líquida”, argumenta que as relações humanas na sociedade contemporânea são cada vez mais “líquidas”, ou seja, são fluidas e instáveis, em contraste com as relações sólidas e duradouras do passado. Essa perspectiva traz à tona a importância de entender como os seres humanos acolhem uns aos outros em suas trajetórias, uma vez que a instabilidade das relações pode gerar uma sensação de isolamento e desconexão. Por isso, essa temática tem se tornado cada vez mais relevante e tem sido objeto de estudo em várias áreas, como a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia. É preciso compreender como as pessoas lidam com a fragilidade das relações humanas e como podem estabelecer conexões significativas em um mundo em constante mudança.

Além disso, a crise sanitária pelo Covid 19 – que afetou o mundo todo, sendo decretada pandemia de março de 2020 a maio de 2023 – também trouxe desafios sem precedentes para a hospitalidade. O distanciamento social e as restrições de viagem afetaram profundamente a maneira como as pessoas se relacionam e se acolhem. A necessidade de manter o distanciamento físico pode ter criado uma sensação de isolamento e solidão, o que torna ainda mais importante o desenvolvimento de relações sólidas e significativas.

---

<sup>1</sup> Importante destacar que o título da obra em estudo aparece registrado de duas formas: “A morte em Veneza” e “Morte em Veneza”. Optou-se pela primeira forma em virtude do exemplar selecionado para análise.

"A morte em Veneza", obra literária escrita por Thomas Mann, é uma escolha pertinente para análise das relações de hospitalidade, em especial daquelas que são oferecidas em uma cidade turística como Veneza. A obra é rica em temas que permitem uma abordagem multidisciplinar do assunto, como o turismo, a estética, a cultura e a sociedade. Ademais, a cidade de Veneza é icônica e representa uma das mais belas cidades turísticas do mundo, o que a torna ainda mais relevante para análise da hospitalidade.

## 1.2 A QUESTÃO INVESTIGATIVA

A motivação pessoal justifica o tema em que o olhar pousou, mas são os aportes teóricos que proporcionam o refinamento desse mesmo olhar e permitem que o objeto de paixão se transforme em objeto de investigação científica. Assim, para definir a questão norteadora deste estudo, levou-se em consideração que:

- a) “[...] a qualidade do espaço ou dos ambientes, de modo geral, é de fundamental importância para a hospitalidade turística de um lugar. Assim sendo, os visitantes devem se sentir bem no local visitado, não só física, mas psicologicamente” (PLENTZ, 2005);
- b) a hospitalidade, por ser um elemento fundante do turismo, é essencial para o seu entendimento, figurando como fenômeno relacional (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012);
- c) as cidades podem ser entendidas, na sua relação de hospitalidade, como um Corpo Coletivo Acolhedor, que pressupõe a existência de três vértices – o conjunto de serviços, o organismo gestor e o capital cultural (PERAZZOLO, SANTOS; PEREIRA, 2014);
- d) “[...] há uma dificuldade na previsão da forma como cada sujeito vivenciará experiências, considerando suas demandas pessoais, características culturais, contexto de viagem e disposição para as relações” (PERAZZOLO; PEREIRA. SANTOS, 2013, p. 159);
- e) a criação da experiência pode ser dada a partir de outros meios, já que “[...] a viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma

jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas” (PEDRON; HORODYSKI, 2012, p. 3-4);

- f) “[...] a literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem (LAJOLO, 2001, p. 44) e conta sobre um tempo e uma sociedade, visto que “[...] toda a ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos” (FERREIRA, 2009, p. 67).

Tendo isso em vista, questiona-se: **de que forma a hospitalidade é representada na obra literária “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, com destaque às vivências de Gustav von Aschenbach, protagonista da história?** Para responder a tal pergunta, o objetivo geral consiste em caracterizar como a hospitalidade é representada na obra literária “A morte em Veneza”, a partir das vivências do protagonista Gustav von Aschenbach. Já os objetivos específicos são:

- a) Caracterizar a obra “A morte em Veneza”, no contexto sócio-histórico e literário de produção;
- b) sistematizar proposições teóricas sobre hospitalidade e acolhimento;
- c) apresentar e caracterizar a relação entre turista e cidade, a partir dos pressupostos teóricos aportados pelo Corpo Coletivo Acolhedor;
- d) Analisar, na obra “A morte em Veneza”, identificando sinalizadores de representações de hospitalidade, com base nas vivências da personagem Gustav von Aschenbach, turista em Veneza na época da eclosão de cólera, relacionando-as ao escopo teórico da hospitalidade.

### 1.3 MAPEAMENTO DO CONHECIMENTO DISPONÍVEL E ACESSADO

Buscou-se, inicialmente, mapear trabalhos científicos publicados na área de Turismo e Hospitalidade, já que essa é uma das primeiras etapas a serem efetuadas no processo investigativo. Essa busca pode tanto corroborar a escassez de estudos acerca do tema de interesse quanto demonstrar a quantidade de pesquisadores que já se debruçaram sobre ele. Em qualquer um dos movimentos, ratifica-se a

importância de conhecer as pesquisas existentes para, a partir de um conhecimento construído e acessado, fazer novas incursões. É dentro dessa perspectiva analítica que se pode refletir acerca de contribuições e avanços em um campo de conhecimento.

Assim, com o intuito de conhecer investigações existentes sobre o trinômio literatura-hospitalidade-turismo, procedeu-se ao mapeamento do conhecimento disponível e acessado. Como no recorte metodológico selecionou-se a obra “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, para análise, buscou-se igualmente identificar estudos que a nomeavam, tendo em vista especificamente a relação com turismo e hospitalidade.

Para tal consecução, foram selecionadas as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), por ser uma das mais conhecidas e acessadas; Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por congregar teses, dissertações e trabalhos acadêmicos produzidos nas universidades brasileiras, e Base Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Além disso, procedeu-se à mesma investigação junto aos periódicos de programas *stricto sensu* de Turismo e Hospitalidade (Quadro 1), no período de 2020 a 2022.

Quadro 1 – Periódicos para pesquisa vinculados aos programas de pós-graduação relacionados ao Turismo e à Hospitalidade

<b>Periódico</b>	<b>Vinculação</b>
1) Revista Hospitalidade	PPG em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM)
2) Revista Cenário	PPG em Turismo da Universidade de Brasília (UnB)
2) Revista de Turismo Contemporâneo	PPG em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
4) Turismo: Visão e Ação 5) Applied Tourism	PPG em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)
6) Turismo em Análise	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP)
7) Turismo e Sociedade	PPG em Turismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
8) Revista Rosa dos Ventos	PPG em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS)
9) Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)

Fonte: elaborado pelo autor.

Como o foco desta investigação se pauta na análise das relações de hospitalidade representadas em uma obra literária, procedeu-se à busca de textos publicados nas bases elencadas no Quadro 1. Na base SciELO, ao inserir o binômio “turismo e literatura” (entre aspas) nos campos de busca, não houve a incidência de registro. Já sem o uso restritivo das aspas, houve um registro de 62 artigos, sendo, em alguns deles, o descritor “literatura” entendido como sinônimo de revisão de literatura, tal como é o caso dos trabalhos intitulados “Revisão sistemática da literatura sobre Turismo Científico” e “Análise bibliométrica da produção científica de empreendedorismo e turismo científico”. Um dos artigos que faz aproximações entre a área do Turismo e da Literatura foi publicado em 2012 por Luís Bueno. O artigo propunha apresentar o conceito de turismo para designar e discutir o problema da figuração – um impasse na tradição literária –, propondo empregar as noções de turismo para superação de paradigmas entre regional e urbano e entre social e psicológico.

Ao efetuar o mesmo procedimento na BDTD, com a busca do binômio “turismo e literatura”, identificou-se um trabalho: “Da embaixada ao turismo: avaliando a qualidade da tradução de guias de viagem oficiais virtuais” (2017), de Daniela Barbosa Soares Arnold. Sem o uso de aspas, mas mantendo os descritores – turismo e literatura –, foram identificados 579 trabalhos. Em muitos deles, assim como naqueles registrados na base SciELO, a palavra “literatura” não está associada à área de conhecimento, mas à revisão de literatura. Além disso, a maioria dos trabalhos resgata a palavra-chave “turismo”, o que gera uma quantidade significativa de pesquisas que versam sobre diferentes problemáticas correlatas ao turismo, tais como: desafios dos cursos de Turismo, formação de turismólogos, traduções em guias de viagem, turismo religioso, turismo de bem-estar, turismo de base comunitária, turismo rural; e análise de destinos turísticos.

Contudo, também há registros de investigações que estabelecem relação com a Literatura como área do saber, a exemplo da tese de Camila Cussate (2016), “A hospitalidade na cidade do Rio de Janeiro expressa nas obras de Machado de Assis”. Nesse trabalho, a pesquisadora identificou fatores referentes à hospitalidade na cidade do Rio de Janeiro do século XIX, a partir da leitura de duas obras de Machado de Assis – “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881) e “Quincas Borba” (1891) –,

considerando os contextos social e urbano. Já a dissertação de Adriano Teles de Menezes, “O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: a resignificação de Grande Sertão: Veredas pelo turismo literário” (2016), em outro viés que não o proposto na presente pesquisa, discute a apropriação da obra “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa, pelo turismo por meio das representações da cultura sertaneja presentes no livro e a resignificação, a partir da noção de roteiro turístico, por parte de gestores, visitados e visitantes.

“As contribuições da obra de Mário de Andrade para o estudo do turismo cultural brasileiro” (2021) também é um outro exemplar das aproximações que estão sendo feitas entre as áreas. Nessa dissertação, a pesquisadora Janaína Costa Souza analisa as contribuições da obra “O turista aprendiz”, de autoria do escritor Mário de Andrade, para o estudo do turismo cultural brasileiro.

A busca por trabalhos que relacionem os descritores “hospitalidade” e “literatura” nas bases de pesquisa SciELO e BDTD não apresentou resultados que contribuam diretamente para a pesquisa aqui proposta, concentrando-se em outras áreas, como a da Crítica Literária. Embora tenham sido encontrados trabalhos relevantes que tratam desses dois temas, as análises apresentadas não incluem uma conexão clara e direta entre hospitalidade e literatura.

Em relação à busca nos periódicos, na Revista Hospitalidade, o uso dos descritores “turismo e literatura” (entre aspas) resultou em um registro datado de 2012 – “Acolher, explicar, desvelar: até onde me apresentar ao outro? Transparência e opacidade nas literaturas francófonas” –, que constitui um artigo de autoria de Dominique Ranaivoson. Nesse estudo, a literatura francófona é trazida como forma de apresentação de si ao outro, e a autora conclui que essa literatura leva o leitor a um universo que lhe é familiar pela língua, mas estranho pelos costumes.

A busca na Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, por sua vez, resultou em três publicações, porém nenhuma que correlacionasse o turismo à literatura enquanto área ficcional, o que pode ser identificado pelos próprios títulos dos artigos: “Educação e turismo: reflexões para elaboração de uma Educação Turística”, “Gestão de pessoas no turismo: revisão da literatura internacional no recorte temporal de 2016 a 2020” e “Análises da governança turística com base nas visões de ex-ministros do

turismo do Brasil”. Nos demais periódicos dos diferentes programas, o uso do descritor “turismo e literatura” (entre aspas) no campo de buscas não logrou sucesso.

Os resultados não foram muito diferentes quando a busca se deu com os indicadores “hospitalidade e literatura” (entre aspas). O periódico Cenário foi o único a registrar um trabalho, “Discussões sobre a comensalidade e as experiências de viagens para os veganos” (2022), de autoria de Romário Loffredo de Oliveira, Bruna Ranção Conti e Manoela Carrillo Valduga. Nos demais, só houve registros de artigos sem o uso de aspas.

A revista que apresentou o maior número de publicações, tanto para o binômio turismo e literatura quanto para o binômio hospitalidade e literatura (sem aspas), foi a Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, com registros de 90 e de 23 publicações, respectivamente. Todavia, apenas um dos artigos faz alusão à Literatura como perspectiva literária: “Turismo, Arqueologia e Literatura: análise antropológica da construção da memória coletiva em São Nicolau, Rio Grande do Sul” (2007), de Ceres Karam Brum. Conforme disposto no resumo, esse artigo “[...] aborda o processo de elaboração da memória coletiva sobre as Missões, na atualidade, em São Nicolau, a partir das narrativas produzidas sobre o seu passado colonial, enquanto imagem mitificada e estereotipada do mesmo” (BRUM, 2007, p. 54). Para tal, atentou-se às articulações entre referenciais históricos, culturais e literários.

Os periódicos Turismo e Sociedade e Revista Turismo em Análise, com o uso do binômio turismo e literatura (sem aspas), evidenciaram, respectivamente, 77 e 64 publicações. Porém, em nenhuma delas, há indicativo de correlação entre as duas áreas de conhecimento.

Em relação aos descritores hospitalidade e literatura (sem aspas), o registro de publicações é baixo. Como anteriormente referido, a Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo apresenta 23 publicações, seguida da Revista Turismo e Sociedade, com 11, e da Revista Turismo em Análise, com 7 artigos publicados.

Ainda visando refinar resultados, utilizou-se como descritor a expressão “Morte em Veneza”. No Portal de Periódicos da Capes, foram encontrados dez registros, entre eles o artigo intitulado “Arte como forma da moral: um ensaio sobre ‘O anjo azul’ e ‘A morte em Veneza’” (CALDAS, 2019). Nesse trabalho, o autor procura entender como Thomas Mann percebe a arte, analisando o diálogo entre a personagem



principal e seu irmão, Heinrich Mann. Ao comparar “O anjo azul” com “A morte em Veneza”, cria-se, entretanto, um problema argumentativo, já que a primeira obra é uma sátira e a segunda é uma tragédia.

Outro artigo que versa sobre a obra é “O esnobismo e mecanismo do desejo em Morte em Veneza”, em que Meyer e Brito Junior (2019) buscam mostrar que a causa principal do romance não concretizado entre Aschenbach e o jovem Tadzio é o esnobismo. Para a defesa dessa tese, os autores fazem uma análise da personalidade das personagens da obra, partindo das premissas dos críticos Charles Baudelaire, Albert Camus e René Girard. Concluem, assim, que Aschenbach abdica da ideia romântica da espontaneidade do desejo e da autossuficiência do sujeito.

No artigo “A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si”, Silva (2014) discute o impacto da homoafetividade presente na obra para o leitor. Discorre, ainda, acerca dos motivos que levam sujeitos a relatar histórias homoeróticas e dos pontos de vista que atravessam essa literatura, buscando compreender a repercussão do preconceito sobre essas obras.

A busca realizada também identificou seis trabalhos na BDTD, os quais não apresentaram, entretanto, quaisquer relações com o tema aqui proposto. O primeiro, “A obra de arte em Morte em Veneza, de Thomas Mann: embriaguez e inversão” (BOTTOS, 2012), estuda o sentido do ser da arte e do artista e o modo como o artista se posiciona de forma autêntica na contemporaneidade. Nesse estudo, o autor sugere que Thomas Mann propõe em sua obra a simbiose nietzschiana dos opostos, nas figuras dos deuses gregos Apolo e Dionísio, traçando um paralelo entre o belo e a morte e entre a beleza e a doença.

O segundo texto encontrado, “A vida e a crise da modernidade: uma leitura de Morte em Veneza, de Thomas Mann” (LEMOS, 2012), objetiva compreender os problemas enfrentados por Thomas Mann, um artista burguês, que passa pela crise da modernidade nos séculos XIX e XX. Nessa tese, aborda-se o impacto da fragmentação cultural em duas esferas distintas, a objetiva e a subjetiva, o que tornava o cotidiano problemático.

O terceiro trabalho evidenciado é uma dissertação intitulada “Riobaldo e Aschenbach: audazes navegantes: experiências de travessia em Grande sertão: veredas e em Morte em Veneza” (ASSIS, 2009). Nela, a autora discute como

Guimarães Rosa e Thomas Mann elaboram seus discursos sobre o conceito da liminaridade, estabelecendo relações entre as experiências das personagens Riobaldo e Aschenbach e as atuais configurações do conceito de transformação proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O quarto trabalho, “Ana em Veneza: ex-cêntricos antimodernos” (RIBEIRO, 2012), retrata a modernidade a partir da ótica de Walter Benjamin e seus interlocutores, como o italiano Giorgio Agamben. A análise feita nessa dissertação tem como ponto de partida uma leitura antimoderna, objetivando produzir um diálogo intertextual entre as personagens da obra “Ana em Veneza” e da obra “Morte em Veneza”.

O último trabalho identificado, “Luchino Visconti e os signos proustianos: a trilogia alemã à luz de em busca do tempo perdido” (TAAM, 2019), busca aproximar a literatura de Proust e o cinema de Luchino usando o viés estabelecido por Gilles Deleuze em “Proust e os signos”. Esse estudo apresenta as leituras das obras sob o olhar dos signos proustianos, mapeados por Deleuze, aproximando cinema e literatura não por tema, mas por regimes de sentido.

Assim, ressalta-se que, em nenhuma das buscas realizadas, foram encontradas aproximações com a proposta de entender como a hospitalidade é representada na obra de Thomas Mann, embora haja estudos que fazem aproximações entre hospitalidade e uma obra literária, como no trabalho Soares e Salles (2008), “A percepção de hospitalidade em um romance literário”, no qual as pesquisadoras buscam entender como a hospitalidade era percebida em um contexto, a partir da leitura da obra “Ciranda de Pedra”, ou como o trabalho de “A hospitalidade na literatura: uma análise de “O convívio”, de João Gilberto Noll” (2013), em que a obra. Para além dessas aproximações, feitas a partir de diferentes obras, também pode-se mencionar o Turismo Literário, em que é promovido o encontro entre o leitor e os lugares (reais ou imaginários) da obra ou de seus autores.

O universo de pesquisa, associando lentes teóricas de hospitalidade às obras literárias vem ganhando acolhida. Para melhor percurso, apresentamos a estruturação do trabalho a ser empregada nesta pesquisa que envolveu a análise minuciosa da obra de Thomas Mann “A Morte em Veneza”, selecionando passagens relevantes que revelem a temática da hospitalidade e suas nuances. Essas passagens foram

confrontadas com os conceitos teóricos de hospitalidade escolhidos, onde se buscou estabelecer diálogos significativos e extrair conclusões pertinentes. O universo de pesquisa, associando lentes teóricas de hospitalidade às obras literárias vem ganhando acolhida.

Com o intuito de guiar de forma mais aprimorada o desenvolvimento desta pesquisa, propõe-se a estruturação do trabalho que se concentra na análise da obra "A Morte em Veneza", de Thomas Mann, à luz de abordagens teóricas relacionadas à hospitalidade. O capítulo 2 tem por objetivo situar a obra em seu contexto sócio-histórico e literário, além de fornecer uma introdução ao enredo de "A Morte em Veneza" para o leitor.

No capítulo 3, realiza-se uma reflexão teórica sobre turismo e hospitalidade, destacando a noção de hospitalidade comercial (CAMARGO, 2003), o conceito de hospitalidade como um espaço intermediário (PERAZZOLO, 2014) e o relevante conceito de Corpo Coletivo Acolhedor (CCA) (PERAZZOLO, 2014).

No capítulo 4, descreve-se o percurso metodológico adotado na busca por identificar representações de hospitalidade na obra. O capítulo 5 concentra-se na análise dos dados coletados, com especial atenção para o referencial teórico do Corpo Coletivo Acolhedor (CCA). O capítulo 6 encerra a pesquisa com algumas considerações finais, nas quais se apresentam as conclusões obtidas ao longo deste estudo, enriquecendo assim o entendimento das dinâmicas de hospitalidade na obra "A Morte em Veneza".

## **2 AO LEITOR, A OBRA LITERÁRIA: APRESENTANDO “A MORTE EM VENEZA”, DE THOMAS MANN**

Este capítulo apresenta a obra “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, contextualizando-a e caracterizando-a a partir do contexto de produção e dos movimentos literários da época. Busca-se, igualmente, ao trazer à discussão a literatura como mimese, apresentar a personagem principal Gustav von Aschenbach.

“A morte em Veneza” pertence ao gênero narrativo novela, que apresenta como uma de suas grandes características uma narração em prosa menor que a do romance e maior que a do conto. Sendo assim, podemos dizer que se trata de um texto que ocupa uma posição intermediária entre conto e romance.

Identificada com manifestações populares de cultura, ela corresponde a um desejo de aventura, de uma profundidade superficial associada à máxima fuga (MOISÉS, 1987). No entanto, assim como o romance, permite vislumbrar a realidade histórica do passado em que sua narrativa se desenrola. Dessa forma, pode ter um pano de fundo histórico auxiliando na compreensão de eventos do ponto de vista da personagem e do novelista.

A obra “A morte em Veneza” foi escrita em um período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial, entre julho de 1911 e julho de 1912, e publicada pela primeira vez na revista alemã *Die Neue Rundschau* em novembro de 1912. Sob a forma de livro, sua primeira publicação data de fevereiro de 1913 (THOMAS..., 2023).

“A morte em Veneza” reflete uma mudança radical no mundo. O livro conta a história de um escritor que, em meio à turbulência da guerra, viaja para Veneza em busca de tranquilidade e inspiração. A obra de Mann é uma reflexão sobre a fragilidade da vida humana em um mundo em constante transformação. Ela mostra como a guerra pode mudar radicalmente a percepção que temos da vida e do mundo e como a busca por uma beleza ideal pode levar a um fim trágico.

A história narra a vida do prestigiado escritor alemão Gustav von Aschenbach, que está passando por um período difícil na sua vida, marcado por aspectos como bloqueio criativo e crise da meia-idade, o que o leva a uma crise existencial. Movido por um impulso, decide viajar para encontrar descanso e se reencontrar consigo e com o desejo de escrever. Parte para a cidade de Veneza, hospedando-se em um

hotel no Lido, ilha situada na entrada da laguna de Veneza, ao norte. Nessa sua estadia, encanta-se por um jovem polonês, Tadzio, de apenas 14 anos, que passa o verão com a família (mãe, governanta e suas irmãs). “Além da beleza, o que chama atenção de Gustav é o ar de liberdade emanado por Tadzio, que se destaca no meio de suas irmãs que assumem uma postura mais séria e contida, comportamento esperado das mulheres na época” (SALVÁ; DIEDRICH, 2020).

Ainda que Gustav não seja o narrador de “A morte em Veneza”, a obra é permeada pela sua subjetividade e pela sua visão de mundo, o que acaba influenciando a maneira como a história é contada. Nesse sentido, a relação entre Gustav e Tadzio é um dos elementos que mais chama a atenção na narrativa, já que o protagonista nutre uma paixão platônica pelo jovem. A novela sugere que há uma espécie de troca de olhares entre eles, o que revelaria certa cumplicidade e atração mútua. Essa relação é explorada ao longo da história, por meio de diversos momentos em que Gustav observa o jovem, mas também por meio dos seus pensamentos e de suas emoções em relação a ele. (TAAM, 2019)

No entanto, essa relação é complexa e carregada de tensões, posto que Tadzio é retratado como um jovem belo e delicado e, ao mesmo tempo, inatingível e distante. A troca de olhares entre eles, por exemplo, pode ser interpretada de diferentes modos, dependendo da perspectiva do leitor:

Ao dirigir-se para a mesa dos seus familiares, o rapaz cruzou o caminho do que saía. Baixou modestamente os olhos ao dar com o homem grisalho, de testa alta, para logo após reabri-los, à sua maneira encantadora, suave, fitando-o por um momento. E passou. ‘Adeus, Tadzio!’, pensou Aschenbach. ‘Mal tive tempo para te ver’ (MANN, 2017, p. 45).

Enquanto alguns veem nessa cena uma demonstração de afeição, outros apostam em distintas interpretações. Essa ambiguidade na relação entre os personagens é um dos elementos que torna a obra tão rica e fascinante, convidando o leitor a refletir sobre as diferentes camadas de significado que se escondem por trás das palavras.

O enredo de “A morte em Veneza” apresenta, assim, uma série de eventos que revelam a busca de Gustav por algo que possa preencher sua vida e lhe dar um sentido. Em plano de fundo, a narrativa também apresenta a epidemia de cólera. Na cena final, Gustav von Aschenbach, mesmo sabendo das condições em que se

encontra a cidade, escolhe ficar indo contra a lógica da razão e se deixando guiar por suas emoções, pois pretende avisar Tazio e seus familiares sobre a cólera. Não consegue atingir seu intento, pois morre antes.

Em relação à produção da obra “A morte em Veneza”, as autoras Oliveira e Oliveira (2019) afirmam que Mann a publicou após uma viagem realizada em 1911 à cidade. Durante essa viagem, Mann encontrou Wladyslaw Moes, um jovem de aproximadamente 11 anos, também conhecido por Adzio. Bastante impressionado com a beleza do rapaz, ao retornar à Alemanha, inicia a escrita da obra. Tal afirmação encontra respaldo nos diários do próprio escritor. Segundo Euler de França Belém (2013), há, no diário de Mann, uma confissão dizendo que “[...] nada é inventado nesta história: Tazio e família, o cantor malandro e repugnante, o sátiro maquiado do barco e até mesmo a cólera que nos obrigou a deixar a cidade”.

O envelhecimento, temática que também aparece na obra por meio do contraste entre a juventude de Tazio e a decadência de Gustav Von Aschenbach, reflete a angústia de Mann quanto a essa questão, conforme comenta Rosenfeld (1994) em uma de suas análises sobre a obra. O crítico literário ainda questiona se Mann acreditava em uma verdade ou moral cristã, dispondo-se a desafiá-la em sua obra e criando um caos moral. Esse é um dos papéis da arte: observar os cantos escuros da psique humana e nos fazer questionar sobre nossa relação com a realidade. Rosenfeld (1994, p. 117), inclusive, interroga acerca desse paradigma: “Que valor tinham para ele a arte e a virtude, em confronto com as vantagens que oferecia o caos?”

Segundo Hora e Corteletti (2022), a obra “A morte em Veneza” é considerada um clássico da literatura alemã e tem sido objeto de análise e interpretação para diversos estudiosos ao longo dos anos. A escrita refinada e a profundidade psicológica das personagens são marcas registradas de Mann, tornando-o uma figura importante não só na literatura alemã, mas também na literatura mundial. A narrativa leva-nos a pensar sobre a importância de aproveitar os momentos que temos ao lado daqueles que amamos, bem como sobre a relevância de olhar para nossos desejos e nossas emoções para compreendermos quem somos e o que buscamos na vida. A obra, portanto, apresenta uma profunda reflexão sobre a natureza humana e suas relações.

Em suma, “A morte em Veneza” é uma joia da literatura que continua a inspirar e intrigar leitores e estudiosos. Thomas Mann conseguiu criar uma história atemporal ao abordar temas universais como o desejo, a decadência e a mortalidade. Seu legado na literatura alemã e mundial é inegável e continua a influenciar diferentes gerações de escritores e leitores.

## 2.1 THOMAS MANN: O AUTOR POR TRÁS DA PERSONAGEM

Paul Thomas Mann (1875-1955) nasceu em Lübeck, na Alemanha. Foi escritor, romancista, cronista, ensaísta e crítico social. Filho de Johann Heinrich Mann, político e comerciante, e de Júlia da Silva Bruhns, escritora brasileira, perde o pai aos 17 anos. Tal fato faz com que a família se mude para Munique e que os negócios familiares sejam abandonados. É nessa cidade, culturalmente efervescente, que Thomas Mann tem a possibilidade de completar sua formação. E, em 1893, um ano após a morte de seu pai, começa a escrever textos em prosa e artigos para a revista *Der Frühlingsturm* (em português, *A tempestade da primavera*), iniciando, assim, sua vida literária. Anos mais tarde, surgem suas primeiras obras, que o tornam um dos romancistas alemães mais importantes do século XX (PRATER, 1995).

Em 1905, casa-se com Katia Pringsheim e tem seis filhos: o escritor Klaus, a atriz Erika, o historiador Golo, a ensaísta Monika, o violinista e literato Michael Thomas e a cientista Elisabeth (SALVÁ; DIEDRICH, 2020). Em 1912, publica “A morte em Veneza” e, em 1924, “A montanha mágica”, uma crítica irônica à decadência da burguesia às vésperas da Primeira Guerra Mundial, temática essa que será recorrente em sua antologia.

Em 1929, recebe o Prêmio Nobel de Literatura por sua primeira obra, “Os Buddenbrooks: a decadência de uma família”, publicada em 1901, quando tinha apenas 25 anos. Nessa obra, o escritor apresenta a saga de uma família de comerciantes de Lübeck, retratando a perda de valores da burguesia e a decadência familiar, com uma reflexão sobre contradições entre vida e espírito e entre arte e mundo.

Thomas Mann, que, como apontado, era um escritor e intelectual de renome na Alemanha, passou a discordar da ascensão do nazismo e das tendências totalitárias que ganhavam força na Europa no período entreguerras. Em 1933, após a

ascensão de Hitler ao poder. Em 1938, diante do agravamento da situação política na Europa e consequente escala de perseguição aos judeus e à liberdade de expressão, Mann muda-se, com sua família, para os Estados Unidos, onde permaneceu até o final da Segunda Guerra Mundial, continuando a denunciar os regimes totalitários em suas obras, o que o torna um importante porta-voz da luta pela democracia e pelos direitos humanos.

“A montanha mágica” e “Doutor Fausto” são dois exemplos desse ativismo, retratando, de forma crítica, o autoritarismo e a opressão que permeavam a sociedade da época.

Em 4 de janeiro de 1944, Thomas Mann e sua esposa, Katia, finalizaram o processo para obtenção da cidadania americana, o que era considerado importante para elevar o *status* do autor no país e para facilitar sua vida após o fim da Segunda Guerra Mundial. No entanto, o escritor confessou sentir certo desconforto por abandonar sua cidadania tcheca (PRATER, 1995).

Ao final da Guerra retorna à Europa, pois, segundo Nabona (2018), Thomas Mann enfrentou a perseguição aos intelectuais emigrados perpetrada durante o macarthismo, o que o faz retornar à Europa em 1952. Após seu retorno, Mann passou a residir em Kilchberg, uma pequena cidade próxima a Zurique, na Suíça. Foi nesse local que o escritor viveu até o final de sua vida, em 1955. Em decorrência de complicações causadas pela arteriosclerose, faleceu e foi sepultado no cemitério de Kilchberg Village, na cidade onde ele residia. Sua morte foi sentida profundamente pela comunidade literária, em decorrência de sua relevância como escritor e intelectual. (PRATER, 1995 e ALTMAN, 2011).

A trajetória desse autor é um exemplo de coragem e coerência diante dos desafios políticos e sociais de seu tempo. Sua postura crítica e sua defesa dos valores humanistas são um legado importante para as gerações futuras.

## 2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DA OBRA

### 2.2.1 Contexto histórico

A obra “A morte em Veneza” foi escrita às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Anteriormente a essa nova realidade que se imporá, a de guerra, vivia-se a



*Belle Époque* (Bela Época), uma época de grande otimismo, em que, nas artes, movimentos como o Expressionismo, o Cubismo e o Futurismo levavam os sujeitos a refletirem sobre as vertiginosas mudanças que ocorriam no mundo, inclusive transformações tecnológicas, científicas e artísticas. Contudo, é nesse momento que eclode a Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha inicia seu conflito com o restante da Europa.

A Primeira Guerra Mundial, conhecida como “a Grande Guerra”, foi um conflito global que durou de 1914 a 1918 e envolveu a maioria das grandes potências mundiais da época. Seu desencadeamento foi resultado de uma série de fatores complexos, incluindo rivalidades econômicas, ressentimentos históricos e questões nacionalistas (FERNANDES, 2003).

Uma das principais rivalidades econômicas que levou à guerra foi a competição entre Inglaterra e Alemanha na esfera industrial e comercial. A Alemanha estava emergindo como uma grande potência econômica na Europa, ameaçando a posição da Inglaterra como a principal potência comercial. Isso levou a uma corrida armamentista entre os dois países, cada um tentando superar o outro em termos de poder militar (FERNANDES, 2003).

Além disso, conforme afirma Fernandes (2003), existiam ressentimentos históricos que alimentavam as tensões entre as nações. A França e a Alemanha haviam se enfrentado em guerras anteriores, e a França ainda guardava ressentimentos pela perda da Alsácia-Lorena para a Alemanha em 1871. Esses ressentimentos levaram a uma rivalidade que se intensificou com o tempo.

Em relação às questões nacionalistas, destaca-se a rivalidade austro-russa. A Áustria-Hungria e a Rússia competiam pelo controle dos Balcãs, região que estava em constante instabilidade política. A Áustria-Hungria via a Rússia como uma ameaça à sua posição na região. As tensões se intensificaram quando o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia foram assassinados em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, na Bósnia, por um nacionalista sérvio. Esse fato acaba por desencadear a Primeira Guerra Mundial.

Na virada do século XX, a Alemanha estava passando por um período de grande inquietação social e política. Embora tivesse se tornado uma grande potência

econômica e militar, muitos alemães estavam insatisfeitos com a situação política e social do país.

Essa insatisfação foi uma das principais causas da Primeira Guerra Mundial, que teve início em 1914. A Alemanha, juntamente com outras grandes potências europeias, estava envolvida em uma corrida armamentista. Segundo Fernandes (2023), a guerra teve um impacto profundo na Alemanha e na Europa como um todo. A derrota da Alemanha na guerra e as condições impostas pelo Tratado de Versalhes geraram uma grande instabilidade econômica e política no país. Essa instabilidade criou as condições para o surgimento do Partido Nacional Socialista, liderado por Adolf Hitler.

De acordo com dados de Fernandes (2020), o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa Sofia, ocorrido em Sarajevo, na Bósnia, foi o fato desencadeador da Primeira Guerra Mundial. Esse assassinato, que aconteceu em 28 de junho de 1914, foi cometido por um jovem nacionalista sérvio e gerou uma grande tensão política na Europa.

A crise política e militar que levou à Primeira Guerra Mundial não era exclusividade dos Balcãs<sup>2</sup>. De fato, a Europa como um todo estava envolvida nesse conflito que mudou a história mundial. As tensões políticas nesse continente já existiam antes do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa. As alianças políticas que se formaram entre as nações europeias, muitas vezes baseadas em rivalidades históricas e econômicas, criaram um clima de tensão e insegurança que levou à guerra.

No entanto, a Primeira Guerra Mundial não foi apenas um conflito europeu. Segundo Rinke (2014), a guerra espalhou-se pelo mundo todo, com nações de diferentes continentes se envolvendo no conflito. O Brasil, por exemplo, entrou na

---

<sup>2</sup> Balcãs é uma palavra turca que no singular quer dizer “montanha”. Não “[...] são apenas um acidente geográfico ‘mais carregado de história do que consegue suportar’ (a boutade é de Churchill). Conforme entendido a custo ao longo dos anos 1990 – e malgrado a lição não-aprendida da Primeira Guerra Mundial –, gostando-se ou não da península, unida ou fragmentada (‘balcanizada’, na expressão despiciente que o Ocidente inventou), sua sorte é fundamental para a estabilidade da Europa e, pela Europa, do mundo. Não foi à toa que países distantes como o Brasil, a Malásia e a Nigéria se dispuseram a enviar soldados dos trópicos para o frio dessas montanhas nos corpos da Unprofor e demais missões da ONU. E não foi por livre e espontânea vontade, pelo menos na origem de sua sobrecarregada história, que os Balcãs se esfacelaram numa salada (macédoine!) de Estados, cada dia mais reduzidos” (ALVES, 2004, p. 56).

guerra em 1917, tendo como justificativa o alvejamento de alguns navios brasileiros por submarinos alemães.

Para Fortes (2014), a entrada do Brasil na guerra refletiu a crescente importância do país no cenário internacional. Embora relativamente distante da Europa, o Brasil era um importante produtor de café e de outras *commodities* essenciais para a economia global. A entrada brasileira na guerra ajudou a pressionar o Império Alemão e seus aliados, contribuindo para a vitória dos aliados em 1918.

A Primeira Guerra Mundial deixou marcas profundas na história: milhões de pessoas morreram, cidades foram destruídas, e a ordem política e social da Europa foi profundamente abalada. Tal cenário também preparou o terreno para a Segunda Guerra Mundial, que teve início menos de duas décadas depois.

### 2.2.2 Contexto literário

A obra “A morte em Veneza” apresenta a temática da criação artística e da instável situação do artista nesse período pré-guerra, marcado por uma corrente artística, filosófica e literária de origem francesa, denominada “decadentismo” – termo que remete à queda do Império Romano. Para Rosa (2013, p. 4),

O conceito de decadência surge primeiramente associado à queda do Império Romano relacionando e dando legitimidade aos ditames da emergente racionalidade clássica. Esse mesmo conceito remete também para uma atmosfera ética e psicológica resultante de um contexto político e socioeconômico que caracterizou a cultura do final do século XIX na Europa, particularmente em França. A decadência compreende a História como um declínio progressivo desde o estado mítico do Paraíso até à derradeira queda, sobressaindo assim um pessimismo cultural.

Segundo o Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española (2001, p. 730), “[...] decadentismo” é: “Tendencia de algunos escritores y artistas de fines del siglo XIX y principios del siglo XX, que afirman su personalidad en la sociedad tratando temas artificiosos con afecto refinamiento”. O termo “decadentismo”, surgido na França, é empregado, inicialmente, de forma pejorativa, mas logo os decadentistas dele se apropriam. Conforme Weber (1988, p. 37), ocorre a “[...] transformação do adjetivo em substantivo, que começou a ser usado, não para descrever algo pejorativamente, mas para reivindicar uma identidade artística e intelectual até então desconhecida ou evitada”.

O movimento, que se expandiu para os demais países da Europa e da América, é marcado por profunda negação da realidade, priorizando-se o universo interior do artista (WEBER, 1988). Os escritores do início do século XX, enfadados com o cientificismo, o qual roubava do mundo as explicações metafísicas e subjetivas sobre a realidade e as criações, encontraram no decadentismo a sua forma de expressão.

Na situação histórica ímpar vivida (pré-Segunda Guerra), novos jeitos de criar arte, de pensar e de escrever surgem, em meio a evoluções tecnológicas inovadoras. Dessa inquietude e do ceticismo deriva o pensamento simbolista e, por consequência, decadente.

Como estilo literário, conforme Penha (2004, p. 63), o Decadentismo coexistiu com o Simbolismo, durante as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX. Esse movimento tem como uma de suas características a tendência à hipersensibilização estética, como assinala Penha (2004, p. 63) ao afirmar que “A grande preocupação dos escritores decadentes é a questão do Belo, discutir Arte, que, no final do século XIX, sofre golpes certos das vanguardas que trariam a modernidade”.

Nesse contexto, as características decadentistas encontradas na obra “A morte em Veneza” são inegáveis:

Seu [de Thomas Mann] tema é a dubiedade do ser humano, representada exemplarmente pelo artista (concebido como ‘gênio’, em termos ainda românticos), por causa da absorção num mundo imaginário, da sua entrega às ‘formas da existência irreais e ilusórias’, sobretudo em consequência das tensões extremas entre fria observação e paixão desenfreada, entre espírito e vida, e ainda em virtude da sensibilidade patológica com que se refere à intoxicação do irracional e à atração do abismo – momentos aliás típicos na arte decadentista por volta do início do século [XX] (ROSENFELD, 1994, p. 185).

“A morte em Veneza” aponta, ao longo da narrativa, para esse questionamento, muito em virtude das características e reflexões feitas pela personagem. A percepção da decadência física de Gustav von Aschenbach é retratada de forma simbólica ao longo da novela. O autor descreve o envelhecimento do protagonista como um processo gradual de desintegração e deterioração, como se a beleza que ele admirava em Tadzio fosse um reflexo de sua própria juventude perdida. Essa decadência é exacerbada pela doença que Aschenbach contrai em Veneza, que

simboliza a deterioração física e mental da personagem (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 427).

Essa decadência é simbolizada igualmente pela presença constante de elementos como a sujeira, a pobreza, a desorganização e a falta de manutenção das edificações. Tais elementos contribuem para a atmosfera melancólica da obra, que reforça as características da época em que se passa. A cidade apresenta um aspecto envelhecido e negligenciado, que é intensificado pela atmosfera melancólica e nostálgica que permeia a narrativa (FURTADO, 2001), como pode ser observado no excerto a seguir:

Passou duas horas no quarto. De tardezinha, foi a Veneza, atravessando com o *vaporetto* a laguna que exalava um cheiro de **podridão**. Desembarcou em San Marco. Tomou o chá na praça. A seguir, de acordo com seu plano preestabelecido, iniciou um passeio pelas ruas. Mas foi justamente essa caminhada o que provocou uma reviravolta completa da sua disposição de alma e de suas decisões. Um **mormaço nojento** pairava por cima das vielas. **O ar estava tão pesado que os odores que se desprendiam das habitações, das lojas e dos restaurantes, vapores de óleo, nuvens de perfume e muitos outros ainda, formavam uma bruma que não se dispersava** (MANN, 2015, p. 43, grifo nosso).

Nesse trecho, podemos constatar a experiência da personagem em Veneza, quando sai do ambiente controlado de seu quarto para explorar a cidade. Conforme o trecho em questão, Gustav começa a caminhar pelas ruas e é confrontado com o cheiro desagradável de decomposição da laguna e com o ar pesado que Veneza apresenta. A descrição detalhada dos odores da cidade cria uma atmosfera opressiva e sufocante que afeta a disposição da personagem. A cena sugere que a cidade de Veneza, com sua decadência física e literária, pode ter um efeito negativo sobre aqueles que a visitam, influenciando suas emoções e tomadas de decisões.

### 2.3 UM POUCO MAIS DA PERSONAGEM E DA OBRA

Nos primeiros anos do século XX, em Munique, o renomado escritor alemão Gustav von Aschenbach, ao completar 50 anos, já viúvo e com uma filha casada, encontra-se inquieto: a idade e o bloqueio criativo deixam-no fora de seu eixo emocional. Tomado por profundo conflito, decide partir em busca do desconhecido na tentativa de se reencontrar consigo. “Era ímpeto de fugir; o que confessou a si mesmo,

esta saudade para a distância, para a novidade, esta ânsia por libertação, exoneração e esquecimento” (MANN, 1971, p. 93-94).

Ele andava de cidade em cidade, não com o objetivo de conhecer pontos turísticos, mas sim de se reencontrar consigo mesmo. É somente no papel do humilde viajante que alguém é capaz de se desprender da rotina e do seu eu rotineiro (YOURCENAR, 1980), voltando-se para si mesmo em uma jornada interior. Trata-se de algo paradoxal, porém essencial para o autoconhecimento.

E esta é a jornada de Gustav: uma busca turística no mundo externo, para poder viajar pelo mundo interno e entender melhor a si mesmo. Ele deseja que, ao praticar o desapego da rotina mundana, em um cenário diferente do seu usual, possa encontrar novas inspirações e uma solução para seu bloqueio criativo, buscando domar a sua própria mente.

No entanto, em sua jornada, ele encontra um novo apego que é identificado na figura de um jovem, Tadzio. Sua jornada de autoconhecimento, então, completa o paradoxo: ao mesmo tempo em que ele se desapega de sua rotina mundana, ele se apega a uma nova rotina desconhecida em seu destino (CHEN; PETRICK; SHAHVALI, 2014). E não é só ele que se encontra em conflito: Veneza está tomada pela epidemia de cólera, mas esconde esse fato de seus visitantes – é esse o clima em que a história se passa.

Conforme Rasia (2001, p. 58), Aschenbach estava insatisfeito, mas igualmente perdido:

Queria outra coisa que não a rotina. Revela essa insatisfação algo do desconhecido, algo que vinha de si, mas que lhe era ao mesmo tempo estranho, não só porque exigia de Aschenbach um movimento de busca, mas exatamente porque ele não sabia de que busca se tratava, e ainda colocava em questão seus valores morais, que o sustentavam enquanto sujeito: disciplina e perseverança. Essa insaciabilidade que de repente o assaltava essa vontade de buscar algo que não conhecia, representava para ele romper não só com a rotina.

O protagonista representa o modelo do artista rigoroso, racional e obcecado pela perfeição da forma e da beleza ideal, retratando um sujeito que se sente angustiado e em conflito com a modernidade. A decadência da existência do homem e da personagem está marcada no seu próprio sobrenome, que, em alemão, significa “riacho em cinzas”. Segundo Cardoso (2011, p. 66),

No entanto, a escolha do sobrenome Aschenbach, cuja etimologia traduz-se em “riacho de cinzas”, não é mera gratuidade; o reconhecimento e a fortuna cuidaram para que o artista acatasse as forças repressoras de sua genealogia, regrada de formalismo e contenção. É assim que, como produto da fantasia, sua obra desponta bela e profunda, destinada a manter a ordem necessária da sociedade, que, em troca, o aclama e o reconhece como um dos seus maiores expoentes criadores”.

Nessa época, a figura clichê do artista não era a de uma estrela, mas a de um gênio torturado e isolado. Gustav, por essa razão, procura repouso, após o estresse artístico que desencadeia uma crise existencial e pessoal. Tudo indica que ele é um homem reservado e civilizado, vivendo em meio a uma sociedade polarizada, em que movimentos nacionais socialistas e comunistas estavam tomando conta do cenário europeu. Conforme Rosenfeld (1994, p. 180), “O representante espiritual deste mundo dúbio da *belle époque* é o célebre compositor Gustav von Aschenbach, representante contraditório, já que se mostra isolado, artista marginal que é apartado do convívio social”.

Aschenbach é um homem exteriormente correto ao olhar da sociedade, o que é comprovado na forma como se comporta. Contudo, os árduos anos trabalhando como escritor haviam-no deixado cansado. É nesse momento que o movimento de desejo ocorre, o movimento entre o eu e o outro:

É um homem exteriormente correto e disciplinado, ostentando dignidade burguesa algo tensa, por vezes ásperas. Intimamente, porém, parece exausto e minado; nota-se que o papel ‘de grande personalidade’ lhe pesa; às vezes, graças ao trabalho, dá impressão de que o rígido rigor do fraque, cuidadosamente arrumado, impede o seu esboroamento. O traje da etiqueta lhe alivia o desempenho. De início mostra-se ainda enérgico e munido de resistências, mobilizadas contra o libertino decrépito no vapor negro e contra o gondoleiro na gôndola negra (ROSENFELD, 1994, p. 180).

Alguns estudiosos associam a ambientação da narrativa (praia e beira-mar) à própria frouxidão da sociedade, visto que “[...] pela ausência do traje a rigor tende a se afrouxar a rigidez formal do comportamento, como que contaminado pela proximidade da imensidão líquida que dilui as formas” (ROSENFELD, 1994, p. 180). Nesse sentido, o período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial é revelado na obra em sua essência por meio do caráter efêmero. Rosenfeld (1994, p. 180) destaca que esse sentimento é apresentado na obra “[...] em traços salientes e quase caricatos”, o que reforça “[...] a impressão de vaidade ou *vanitas* e acrescenta, para nós, pósteros, de leve, a de uma mascarada que encobre, sob a superfície festiva

e vistosa, a frágil transitoriedade, a íntima exaustão e a decadência”. Na obra, portanto, mais do que a narrativa sobre uma personagem em conflito interno que busca pelo reencontro consigo mesma, tem-se a apresentação de um período histórico e da sua fluidez.

No que concerne ao plano estilístico, Nuñez (2003, p. 26) afirma que, nas estratégias metadiscursivas adotadas, Thomas Mann traz um “[...] narrador transparente (meio ausente e totalmente honesto), mas que dá ‘as cartas’, dita as regras de um jogo poético-dramático capaz de desestabilizar alguns estatutos da narrativa de ficção tradicional”. O extrato que segue é exemplificativo dessa atitude do narrador-personagem: “- Como o senhor escolheu bem o seu destino – tagarelou. Essa Veneza! Que cidade magnífica! Uma cidade de atração irresistível para qualquer pessoa culta, não só pela sua história como também pelos seus encantos atuais” (MANN, 2017, p. 25).

Ainda, em relação à ambientação da história, tem-se uma Veneza cuja imagem é marcada por ruína, decadência, sujeira e doenças. A cidade é apresentada como um lugar que se deteriora lentamente, em um processo que acompanha a própria vida do protagonista. Para Aschenbach, Veneza é um espaço que reflete sua própria decadência, sua fragilidade e seu fim iminente.

Desse modo, a cidade de Veneza, na obra de Mann, funciona como um elemento simbólico para a decadência e o declínio da civilização, assim como para a fragilidade e a transitoriedade da vida humana. O cenário, portanto, contribui para a construção de uma atmosfera melancólica e pessimista na obra.

### **2.3.1 Obra: interpretações e críticas**

“A morte em Veneza” é uma obra literária que tem gerado controvérsias em relação ao seu conteúdo temático. Diversos estudos foram realizados com o objetivo de interpretar e criticar a obra, analisando a perspectiva narrativa utilizada pelo autor. O Quadro 2, apresentado a seguir, constitui um exemplo ilustrativo desses estudos e das diferentes abordagens adotadas pelos críticos literários. Essas interpretações diversas da obra indicam a complexidade do seu enredo e como ele pode ser interpretado de diferentes maneiras, o que contribui para o seu valor como obra literária.



Quadro 2 – Interpretações e críticas da obra “A morte em Veneza”: exemplos

Título do artigo	Autor/Ano/Publicação	Citação
Morte em Veneza: a redenção pela morte	Cardoso (2011, p. 56) Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	“[...] à busca, pela estranheza, discorrer sobre a peregrinação de Gustav Aschenbach rumo à decadência e à morte, impossibilitado, como se encontrava, de possuir o objeto de seu desejo, o garoto Tadzio, de extrema beleza. A paixão desesperada de Gustav Aschenbach o torna presa fácil, embora se perceba que em Tadzio não há maldade ou bondade nesse jogo de sedução, que leva o poeta a almejar ser jovem para conquistar o objeto do seu desejo”.
Acontecimento, beleza e conhecimento em A Morte em Veneza	Perez (2014, p. 27) Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM)	“A <i>Morte em Veneza</i> , o acontecimento surge na figura do jovem Tadzio. Sua beleza incomum, relacionada por Gustav von Aschenbach a motivos míticos, não apenas desperta a paixão do escritor pelo rapaz, mas o leva a reconhecer em si mesmo a tensão entre o desejo do caos e o desejo da forma. O acontecimento, na forma da beleza ambígua de Tadzio, o conduz assim tanto ao conhecimento de si quanto à ruína, e permite uma reflexão sobre as relações entre beleza e conhecimento em Thomas Mann”.
Crítica Morte em Veneza – O amor pela Beleza	Frogatta (2008) Revista Bastidores	“[...] com o passado do personagem resolvido e interrupções mais raras na narrativa, Visconti (produtor do filme) apresenta o segundo ponto principal da narrativa: a conspiração da epidemia de cólera omitida pelo governo italiano. Em certo ponto, o diretor busca trabalhar com destino ou algo como uma benção no protagonista que tenta fugir do Lido sabendo que não conseguirá resistir ao encanto de Tadzio”.
‘Morte em Veneza’: o retrato de um artista em decadência	Campolina (2021) Revista Jornalismo Júnior	“Tadzio representa o que Gustav sempre buscou alcançar enquanto artista, isto é, a Beleza tal como imaginada pelos gregos. Esse aspecto é muito patente e se manifesta de maneira sintética na cena em que Tadzio aparece na praia enrolado numa toalha. Seus traços proporcionais e seu porte esguio, bem como a toalha que mais parece uma túnica, remontam a um deus olímpico. Seu próprio andar parece ter algo de místico”.
Desejo e alteridade em Morte em Veneza	Buril (2020) Revista de Cultura, Artes e Ideias	“A problemática do desejo se desenvolve na novela <i>Morte em Veneza</i> , do escritor alemão Thomas Mann, através de uma abordagem sobre aquilo que um outro sujeito, tão diferente de quem somos, nos põe em questão. Inversamente, é justamente através daquilo que nos oferece o estrangeiro — com os seus traços físicos distintos, os seus gestos peculiares e a sua fala (ou o seu silêncio) incompreensível — que surge o movimento do desejo”.

Fonte: elaborado pelo autor.

Os estudos disponibilizados no Quadro 2, por si, são indicativos do quanto a obra “A morte em Veneza” abre-se para diferentes análises: nem tudo na narrativa precisa ser lido de forma linear. A viagem da personagem extrapola a mobilidade física: há demandas a serem atendidas e desejos a serem descobertos.

Consideradas as análises já realizadas sobre a obra e a abertura que sempre é possibilitada pela literatura, a presente pesquisa volta-se à compreensão do

fenômeno da hospitalidade que é representado em “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, a partir das vivências de Gustav von Aschenbach, protagonista da narrativa, que se apresenta como um turista na cidade de Veneza, um dos destinos mais visitados do mundo. Para atender tal proposta, considerando que a narrativa apresenta dinâmicas turísticas da cidade, em especial, as formas como turistas se relacionam com serviços, gestão e cultura (Corpo Coletivo Acolhedor) de Veneza. Assim, embora, de fato, não seja esse o mote da narrativa, há de se considerar a possibilidade de analisá-la por esse viés, desde que considerada a obra como representativa de dinâmicas de hospitalidade que ocorrem – eis mais uma abertura que é oferecida pela obra literária

### **2.3.2 A trajetória de Gustav von Aschenbach**

Como anteriormente referido, a personagem principal está em conflito e, movida por um desejo pelo desconhecido, parte em busca de algo – sendo esse o principal trajeto a ser percorrido. Todavia, há um deslocamento externo que conduz o leitor não só a conhecer a cidade de Veneza, mas também a entender a confusão em que se encontra Gustav. Traz-se, portanto, a sua trajetória em forma de infográfico (Figura 1), com destaque para alguns trechos literários.

Pelo infográfico se apresenta a jornada da personagem Gustav Von Aschenbach que, como referido, está em conflito interno e busca o desconhecido, o que o leva até Veneza – seu deslocamento externo reflete sua confusão interior. No infográfico, além da marcação geográfica são destacados trechos literários representativos desses movimentos (externos e internos), visto que alguns apresentam os próprios insights que a personagem tem ao longo de sua viagem.

Figura 1 – O caminho de Gustav von Aschenbach



Fonte elaborada pelo autor.

Recuperando as informações disponibilizadas na Figura 1 “O Caminho de Gustav Von Aschenbach”, tem-se a trajetória da personagem principal, desde a saída de seu apartamento na *Prinzregentenstrasse*, em Munique até o seu final em Lido, no *Grand Hotel De Bains*. O infográfico recupera o passeio de Gustav pelo *Englischer Garten*, sua passagem pelo cemitério norte da cidade. É durante esse passeio que decide viajar.

Em seguida, a Figura 1 apresenta a movimentação da personagem: embarca, de trem para Trieste, na Croácia, onde fica apenas vinte e quatro horas, por não ter gostado do local. De Trieste, segue, para Pula, uma ilha no mar Adriático, em busca de um ambiente exótico. Passa dez dias explorando o local porém volta ao porto militar da ilha. Lá, resolve, “de última hora” partir para Veneza, ao avistar um navio que para lá se dirigia.

Em Veneza, acomodado em uma gôndola, segue em direção ao luxuoso Grand Hotel Des Bains, localizado em Lido. Durante sua estadia, aproveita para caminhar pela praia, desfrutando da tranquilidade e do ambiente. No entanto, o escritor começa a sentir-se entediado. Em movimentos de vai-e-vem, visita a cidade de Veneza, e, entre os diferentes pontos turísticos, visita a famosa praça San Marco.

Em uma dessas andanças, resolve partir. Do seu hotel é conduzido para o Excelior, de onde seria transportado de lancha até a Estação Ferroviária. Porém, ao chegar à estação descobre que suas malas foram extraviadas, o que o leva a tomar a decisão de retornar ao Grand Hotel Des Bains. E é nesse lugar que terá fim a sua jornada.

Como a obra faz referência a vários locais pelos quais Gustav perambula, no Quadro 3, apresentam-se algumas informações sobre os eles. A representação em infográfico e em quadro possibilita uma melhor compreensão do ambiente em que a história se desenrola, bem como permite ao leitor se situar geograficamente na narrativa.




Quadro 3 – A trajetória turística de Gustav von Aschenbach

(continua)

Imagem	Local	Características
	<p><i>A Prinzregentenstrasse</i></p>	<p>Uma das quatro avenidas reais localizada na parte velha da cidade, onde o protagonista residia. Esse cenário é seu ponto de partida após seu bloqueio criativo.</p>
	<p><i>Englischer Garten</i></p>	<p>Jardim localizado no coração de Munique, The <i>Englischer Garten</i> (O Jardim Inglês) é um surpreendente pulmão verde de mais de 400 hectares que constitui um dos maiores parques urbanos do mundo.</p>
	<p>Cemitério norte da cidade</p>	<p>O escritor passa pelo cemitério norte da cidade à espera de seu transporte para que possa chegar à sua casa. De repente, depara-se com um pórtico, logo acima dos animais apocalípticos que vigiavam a escadaria e com um homem cuja aparência invulgar deu rumos completamente diversos aos seus pensamentos.</p>
	<p>Trieste</p>	<p>Decide partir em um trem na direção de Trieste, Croácia, onde permanece apenas vinte e quatro horas. No dia seguinte, embarca para Pula, pois procurava um ambiente exótico, decidindo se alojar nessa ilha do Mar Adriático.</p>
	<p>Pula</p>	<p>Pula fica na região portuária de Ístria, à beira do mar Adriático. Desde tempos remotos, funciona como entreposto comercial. Virou alvo dos romanos no século I depois de Cristo. Depois que a cidade foi tomada, o imperador Vespasiano construiu o Anfiteatro Romano – popularmente chamado de Arena – para sediar lutas entre gladiadores e animais, com capacidade para mais de 20 mil pessoas.</p>

Quadro 3 – A trajetória turística de Gustav von Aschenbach

(conclusão)

Imagem	Local	Características
	Veneza	Veneza, na Itália, cidade dos apaixonados e das dezenas de canais, é perfeita para quem gosta de aliar belezas históricas e naturais. É uma cidade italiana localizada na região do Vêneto. A cidade tem mais de 260 mil habitantes e está localizada às margens da Lagoa de Veneza, parte do Mar Adriático. A cidade é formada por cerca de 118 ilhas e tem mais de 400 pontes, que ligam em torno de 150 canais.
	Lido	Lido está localizada apenas a dez minutos de Veneza. É um destino de verão, que possui mais de 12 quilômetros de praia tranquila, ideal para famílias. Ele fica a leste de Veneza e hoje em dia é uma praia já bem frequentada, mas que pode complementar uma viagem a Veneza no verão (LIDO-VENEZA..., 2021).
	Hotel <i>des Bains</i>	O luxuoso hotel localiza-se em Lido, a uma curta viagem de barco da Praça de São Marcos, segundo o guia de viagens atual Kayak. Existem ligações à rede de transportes públicos a um quilômetro do hotel. Esse hotel está separado da praia apenas pela estrada costeira.
	Hotel Excelsior	“Em seu percurso, Gustav retorna ao seu hotel. Ao chegar na recepção, os comunica que partiria logo pela manhã por circunstâncias imprevistas. No dia seguinte, Gustav foi comunicado que um carro estava a sua espera para o levar até o hotel Excelsior, de lancha e que seria transportado até a estação férrea pelo canal particular da companhia” (MANN, 2015, p. 44).

Fonte: elaborado pelo autor.

As constantes idas e vindas pela paisagem veneziana, aparentemente sem uma ordem clara, são reflexo do estado de espírito da personagem em sua jornada pessoal. Gustav encontra-se perdido em seus próprios pensamentos, em busca de algo indefinido, e essa incerteza se reflete em suas andanças pela cidade. A representação visual do percurso de Gustav desempenha um papel importante na compreensão de sua transformação ao longo da história, além de proporcionar uma visão mais abrangente da atmosfera veneziana e sua relevância para a trama.

No entanto, é possível analisar a jornada de Gustav em Veneza por uma nova perspectiva teórica: a da hospitalidade. No próximo capítulo, aprofundamos os conceitos relacionados a essa temática, buscando identificar analisando as relações de acolhimento estabelecidas ao longo da jornada do protagonista. Nesse sentido, a obra “A morte em Veneza” é reexaminada, sendo lida pelos vieses das lentes teóricas da hospitalidade. Para tanto, Aschenbach agora é um turista que está passeando novamente por Veneza – um destino turístico icônico, mas que está enfrentando um surto de Cólera.

Figura 2 – Ruelas de Veneza: o encontro entre turistas e a cidade



Fonte: elaborada pelo autor.

### 3 TEORIZANDO COM O LEITOR: TURISMO E HOSPITALIDADE

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e aprofundar três conceitos fundamentais para a análise das dinâmicas de acolhimento e inospitalidades presentes na obra “A morte em Veneza”. Inicialmente, é abordado o conceito de turismo. Em seguida, discute-se o conceito de hospitalidade/acolhimento e, por fim, o conceito de Corpo Coletivo Acolhedor, em que a cidade de Veneza, que figura na obra de forma personificada, será analisada a partir de três vértices: gestão, capital cultural e serviços. A partir desses conceitos, relacionando-os à narrativa, busca-se explorar dinâmicas de acolhimento presentes em “A morte em Veneza” e entender de que maneira a cidade e seus habitantes recebem e acolhem os visitantes e de que modo são por eles acolhidos.

#### 3.1 TURISMO: DO DESLOCAMENTO À PULSÃO PARA O DESCONHECIDO

Os seres humanos sempre se deslocaram, movidos por diferentes anseios ou necessidades, tais como busca de comida, peregrinações religiosas e para fins de saúde. É, portanto, da natureza humana o estar em constante movimento. Nessa perspectiva, a viagem constitui uma das manifestações mais concretas desses deslocamentos.

O turismo, que tem a viagem como um de seus componentes, é um fenômeno complexo e multifacetado que pode ser estudado sob diferentes prismas teóricos, como o administrativo, ecológico, psicológico e econômico, embora talvez o mais adequado, para as perspectivas do presente trabalho, seja entender tal fenômeno como interdisciplinar. Nas mais diferentes concepções dadas ao turismo, considerando-o na perspectiva de atividade, o deslocamento é sempre marcado, sendo representado pelo tripé tempo (de permanência), mobilidade/espço e desejo, que consistentemente aparece para dar corpo ao conceito de turismo.

Quando considerado na perspectiva de atividade, o turismo torna-se cada vez mais popular, sendo definido como o deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora de sua residência habitual. Esse movimento é motivado por diversos propósitos que variam desde o desejo de descansar e de se divertir até a realização de negócios e tratamentos de saúde. De fato, o turismo tem se tornado



uma das principais atividades econômicas em muitos países, contribuindo significativamente para o crescimento e desenvolvimento das regiões turísticas ao gerar emprego e renda para as populações locais. Além disso, o turismo promove a interação cultural e o intercâmbio entre as pessoas, permitindo o enriquecimento mútuo por meio do compartilhamento de experiências e conhecimentos, conforme apresentam diferentes estudos (FAGUNDES *et al.*, 2010; MARUJO, 2015; SILVA *et al.*, 2018).

Há de se destacar igualmente que o desenvolvimento dos meios de transporte contribuiu em grande medida para os mais diversos deslocamentos, já que esses avanços permitiram às pessoas viajar para lugares cada vez mais distantes (PAOLILLO; REJOWSKI, 2003). De acordo com diversos estudos, a história da humanidade é marcada por deslocamentos constantes em busca de recursos, oportunidades e segurança. Desde o período primitivo até hoje, esses movimentos contam sobre o homem, sobre seus anseios e sobre as transformações ocorridas: do nomadismo, passando pelas migrações em massa, chegando às viagens turísticas e até mesmo às expedições especiais, em todos os casos, deslocamentos/viagens possibilitaram aprendizados aos indivíduos (FREITAS, 2009).

Ainda, consideradas as dimensões de tempo e de espaço no conceito de turismo, destaca-se que ambas permitem ao ser humano ampliar a sua própria humanidade. A passagem do tempo, por exemplo, é percebida de forma diferente em cada lugar e momento, o que possibilita ao indivíduo uma compreensão mais profunda da natureza da vida (BOUDOU, 2003, p. 62).

O espaço, por sua vez, é igualmente um elemento fundamental na aprendizagem proporcionada pelas viagens. Cada lugar visitado oferece uma perspectiva única sobre a humanidade e sua relação com o mundo. Dessa forma, é possível afirmar que o deslocamento humano, ao longo da história, tem possibilitado um processo contínuo de aprendizagem em torno do tempo, do espaço e da própria humanidade (PELIZARO; BISOGNIN, 2010).

De acordo com a definição da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), o turismo envolve uma série de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares diferentes do seu entorno habitual. Para que seja considerado turismo, é necessário que essas pessoas permaneçam nesses locais por

um período consecutivo inferior a um ano e que a viagem tenha um propósito específico, como lazer ou negócios. Tal definição abrange uma ampla variedade de atividades, desde a hospedagem em hotéis e *resorts* até a visitação de atrações turísticas, compras, participação em eventos culturais e esportivos, entre outros. (OMT, 2001).

A ideia de movimento e tempo de permanência são elementos também presentes em outros conceitos, como explicitam Müller e Silva (2011, p. 11):

Um aspecto a salientar é que dois elementos básicos estão presentes na conceituação de turismo e turista: espaço e tempo. O espaço refere-se ao deslocamento e, o tempo, à permanência no local visitado. O turismo deve ser definido como um fenômeno que ocorre quando as pessoas se deslocam para lugares diferentes dos de sua residência, com intenção de retorno.

Na definição de Wahab (1972 *apud* TRIGO, 1998, p. 12), além do tempo e do espaço, outros aspectos são identificados:

O turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas.

Nessa definição, além de reforçar a ideia de o turismo ser uma atividade intencional que prevê o deslocamento temporário das pessoas, aponta-se para a perspectiva comunicacional e para a caracterização do turismo como uma atividade que une os povos, propiciando a interação. Para Santos (2010), o turismo engloba um sistema de serviços com uma única finalidade, de poder atender bem o visitante. Tal sistema requer uma boa infraestrutura para que o viajante se sinta acolhido e seguro em um lugar estranho à sua origem. É necessário, assim, oferecer áreas adequadas de higiene, de alimentação e de (re)pouso, além de promover a sensação de que seu corpo e seus pertences estão em segurança, tudo para contribuir para que o turista se sinta disposto a seguir na sua nova aventura, enfrentando o desconhecido:

Turismo compreende um sistema de serviços com finalidade única e exclusiva de planejamento, promoção e excursão de viagem. Mas é preciso que se tenha infraestrutura adequada para atender ao desejo e/ou necessidade da pessoa que adquiriu o serviço, a saber: a recepção, hospedagem, consumo e atendimento às pessoas e/ou grupos oriundos de suas localidades residenciais (SANTOS, 2010, p. 12).

O turismo, nessa perspectiva, pode ser visto como uma atividade que movimenta um mercado comercial bastante importante. De acordo com Beni (1998), as relações do setor turístico apresentam clara contribuição junto aos profissionais do setor. São essas relações que permitem o desenvolvimento turístico de uma região. Nesse sentido, vale ressaltar que, para Beni (1998, p. 37), turismo é um

Elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica. Que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos.

Para Beni (2019), o turismo é compreendido como algo para além de um fenômeno isolado, abarcando um sistema que envolve uma gama de profissionais, empresas, serviços e agentes. Em seu livro “Análise estrutural do turismo” (2019), o pesquisador apresenta o Sistema de Turismo (Sistur) como uma ferramenta maleável que contribui para o aperfeiçoamento e o planejamento do turismo, melhorando seus processos na sociedade e na economia:

Pode-se definir “sistema” como um conjunto de partes que interagem de modo a atingir determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo (BENI, 2019, p. 23).

O sistema deve conter algumas definições estabelecidas. Conforme Beni (2019, p. 24), as relações são “[...] os elementos integrantes do sistema que se encontram inter-relacionados, uns dependendo dos outros, por meio de ligações que denunciam os fluxos”.

Em um sistema, é fundamental que haja definições claras e estabelecidas, de forma a permitir que os elementos que o compõem estejam inter-relacionados de maneira eficiente e eficaz. Conforme apontado por Beni (2019), “[...] os elementos integrantes do sistema que se encontram inter-relacionados, uns dependendo dos outros, por meio de ligações que denunciam os fluxos”. Essas relações podem ser

entre pessoas, objetos, processos ou qualquer outra entidade que faça parte do sistema em questão.

É importante ressaltar, ainda, que tais relações podem ser de diferentes tipos e ter diferentes intensidades, influenciando diretamente o funcionamento do sistema como um todo. Por isso, é fundamental que essas relações sejam bem compreendidas e gerenciadas, de forma a garantir a eficácia e a eficiência do sistema. Compreender as definições estabelecidas é o primeiro passo para uma gestão adequada das relações e para o sucesso do sistema como um todo (BENI, 2019).

Portanto, o turismo, entendido como um sistema tal qual proposto por Beni (2019), é visto como fomentador do desenvolvimento para as diferentes comunidades. Em uma busca simples no portal de trabalhos acadêmicos SciELO, já se localiza o relato de várias comunidades cujo desenvolvimento aumentou com o turismo. Como exemplos, citam-se: o trabalho de Munhoz *et al.* (2022), que relaciona, no estado do Paraná, o turismo cervejeiro a um dos principais fatores do desenvolvimento regional; a pesquisa de Gomes e Marcusso (2022), que analisa a relação do setor turístico com o território cervejeiro no Rio de Janeiro e sua territorialidade, comprovando transformações territoriais causadas pela atividade turística; e o estudo de Medaglia (2020), que discute a importância da informação do turismo e sua relação com a ciência da informação. Esses são alguns exemplos de investigações que apontam o turismo como uma atividade que modifica as relações na comunidade.

Nessa perspectiva, o turismo pode ser entendido como derivado da pulsão humana pela busca do desconhecido. Tal conceito é apresentado por Perazzolo, Pereira e Santos (2013, p. 46), que, apoiadas em Freud, afirmam que “[...] o turista procura, pois, satisfazer seu desejo de ver/viver, sob o efeito da pulsão epistemofílica, evocada por Freud, ou ainda sob o efeito da pulsão de errância, se for conferido ao conceito de Michel Maffesoli (1997)”.

Ikawa (2012, p. 121), com base nos estudos das pesquisadoras Perazzolo, Pereira e Santos, também afirma que “[...] diferentemente, quando o deslocamento é movido pela pulsão de conhecer, no âmago da motivação está o foco sobre o novo território, desconhecido, transformador. O destino é o objetivo do deslocamento, é, a priori, condição para o sair de si”. Tal asserção se refere à motivação do viajante que busca o turismo como forma de deslocamento, forma essa não restrita ao

deslocamento físico. Ikawa (2012) argumenta, então, que, ao contrário do deslocamento motivado pela necessidade básica de mudança de espaço, o turismo é impulsionado pela vontade de conhecer algo novo e transformador. Portanto, o objetivo do deslocamento turístico não é simplesmente mudar de lugar, mas explorar territórios desconhecidos e descobrir novas culturas, paisagens e experiências.

Dessa forma, o foco está na descoberta e no aprendizado, o que representa uma motivação psicológica distinta do deslocamento motivado pela necessidade básica de mudança. Por isso, o turismo pode ser considerado uma forma de deslocamento psíquico, capaz de proporcionar uma mudança de perspectiva e uma ampliação da visão de mundo do viajante.

### 3.2 A HOSPITALIDADE: UM PERCURSO CONCEITUAL SOBRE O FENÔMENO

A hospitalidade pode ser estudada a partir de diferentes construtos teóricos. Ao questionar sobre o termo “hospitalidade”, o senso comum entende ser o ato de receber e tratar bem um indivíduo quando este adentra um espaço (seja uma casa, um quintal, uma cidade ou um país). Entretanto, o conceito estende-se para além dessa primeira concepção, pois a hospitalidade, como fenômeno, ocupa um espaço teórico de discussão muito mais amplo e variado que se encontra, inclusive, em constante (re)construção.

Segundo Grassi (2011), quando o estrangeiro adentra um local, ultrapassando a soleira da porta, ele costuma ser recebido com uma grande acolhida, que o coloca no mesmo nível que o anfitrião, embora o movimento para esse acolhimento seja feito pelo anfitrião, ou seja, por aquele que, estando dentro, abre-se para o outro, hóspede ou estrangeiro. Nessa concepção, o sujeito que acolhe parece ter um compromisso ético de não deixar alguém sem abrigo e proteção. Para formular essa concepção, Grassi (2011, p. 45) recorre à própria etimologia da palavra “hospitalidade”, apresentando que

Hospitalitas vem do substantivo hospitalis, ele mesmo deriva de *hospes*, ‘aquele que recebe o outro’. É um gesto de acolhida e de hospedagem gratuita. Lembramos que, ao receber o *hostis*, o *hospes* o coloca no mesmo nível que o seu, dá-lhe uma parte do seu poder de ‘despota’. Na origem de toda essa família de palavras, um verbo: *hostire*, igualar. A noção é fundamental. A hospitalidade é um gesto de compensação, de igualização, de proteção num mundo em que o estrangeiro originalmente não tem lugar.

Portanto, não pode haver gesto de hospitalidade, sentido etimológico do termo, sem desigualdade de lugar e de *status* entre hospedeiro e hóspede: um está no interior, dono da casa, sedentário, é aquele que recebe; o outro vem do exterior, está de passagem, é recebido. O convite, a acolhida, a caridade, a solidariedade, parecem ser formas vizinhas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade.

A noção apresentada a partir da etimologia da palavra hospitalidade, é essencial para entendê-la como um gesto de compensação, igualdade e proteção, especialmente em um mundo onde os estrangeiros originalmente não têm um lugar definido. Em suma, a citação ressalta que a hospitalidade é um ato de equilíbrio, que busca proporcionar igualdade e proteção a pessoas que inicialmente são consideradas estranhas ou desconhecidas.

A partir das considerações propostas por Grassi (2011), pode-se entender que o anfitrião, ao receber seu(s) hóspede(s), na realidade, dá permissão para que este(s) adentre(m) sua casa. Nesse movimento, atravessando a soleira, o hóspede aceita a acolhida que lhe é oferecida, passando a ser acolhido pelo anfitrião. Mas há de se registrar a existência de um movimento primeiro, daquele que está na posição de receber – de forma genuína ou não.

É sabido que a porta, metaforicamente, separa o interior do exterior, o espaço público do espaço privado. Ela é vista, portanto, como uma proteção. Se o anfitrião abre as portas de sua casa para receber alguém, é porque ele tem condições para assim proceder ou é obrigado por força de lei. Grassi (2011)

A hospitalidade não apenas traz à tona a questão do desconhecido, mas também estabelece uma "ponte frágil e perigosa entre dois mundos: o exterior e o interior, o fora e o dentro", como afirmado por Marie Claire Grassi (2011, p. 45).

A hospitalidade é entendida como um ato de compensação no qual ocorre a entrada de alguém em um espaço, acompanhado por um ritual de acolhimento. Nesse processo, há uma diferenciação entre o anfitrião, que é o "dono do lugar", e o visitante, que se encontra ali de forma temporária. Vale ressaltar que esse espaço atravessado não se limita apenas à dimensão geográfica, abrangendo também o território psicológico do outro.

Vernant (2008) compartilha dessa perspectiva conceitual quando se refere à hospitalidade, ao afirmar que esse espaço é “atravessado”, não se reduzindo ao plano geográfico (urbano e doméstico), mas também contemplando o plano psíquico, fazendo, assim, referência ao território do outro. Logo, atravessar a soleira não diz respeito, tão somente, a um movimento para o interior de um espaço físico; engloba, igualmente, adentrar no espaço afetivo do outro.

Por um viés próximo segue o pensamento e reflexões de Perazzolo, Pereira e Santos (2013), ao sustentar que a hospitalidade se trata de um fenômeno que surge no espaço que se estabelece entre dois sujeitos, seja singular ou coletivo: aquele que se disponibiliza para acolher e o outro que deseja ser acolhido. Esse processo é resultado de interações psicossociais e dinâmicas que surgem tanto da necessidade quanto da disposição para o acolhimento. São laços sociais que se estreitam ou não, considerando que o ser humano é um ser com outros.

Remontando à origem mítica, é possível afirmar que o Mito da Hospitalidade também fornece importantes elementos para se refletir sobre esse processo dinâmico. Antes de apresentá-lo, cabem algumas considerações sobre a importância do mito na história da humanidade, considerando que as sociedades se organizam e se estruturam por meio de construções simbólicas, que permeiam a psique e a história humana, conectando os seres humanos e normatizando suas crenças.

O que o Mito da Hospitalidade conta sobre o ato de acolhimento? Conta que ela não é tão natural, considerando que os deuses tiveram de caminhar (e muito) para encontrar em Filemon e Baucis, um casal de idosos, a genuína acolhida, expressa em forma de oferecimento de água, comida e pousada. Mais do que ofertar algo, ofertaram o que deles era, abrindo as portas de suas casas e dispensando a esses estrangeiros uma atenção sem querer nada em troca.

Segundo a mitologia, os deuses Júpiter e Mercúrio decidem tomar forma humana para visitarem a terra e, disfarçados de pobres viajantes, procuram refúgio entre os moradores da região, sendo rejeitados por quase todos, com exceção de Filemon e de sua esposa, que os recebem com genuíno carinho e hospitalidade, sem saber que recebiam deuses. Conforme Innocêncio (2017, p. 153),

Segundo a versão de Ovídio, Júpiter e Mercúrio caminham pela região conhecida como Pelopeia disfarçados de viajantes. Depois de percorrerem mil residências cujas portas lhes negam entrada, os dois deuses são

acolhidos por um casal de velhos que vive num casebre miserável. Após dividirem o pouco que tinham com os supostos andarilhos, Filemon e Baucis, os dois idosos em questão, percebem que as crateras de vinho tornam repetidamente a se encher, miraculosamente, tão logo esvaziadas, e assim desvendaram a verdadeira identidade de seus hóspedes.

Quando os deuses acabam de fazer suas refeições junto com seus anfitriões, Júpiter decide punir os demais moradores da região por terem-nos recebido com tamanha inospitalidade. Convidam os anciões para subirem na mais alta montanha e de lá enviam um dilúvio para destruir e castigar a Terra. Báucis e Filêmon choram pelos seus vizinhos, apesar de eles nunca terem sido bondosos para com o casal, enquanto veem a região ser inundada. Somente a casa que recebeu aos estrangeiros disfarçados de deuses continua intacta. Mercúrio, retribuindo a gentileza pelo acolhimento recebido, transforma a casa em um belíssimo templo e, acolhendo o pedido feito pelo casal de idosos, transforma cada um deles em uma árvore – plantas que se entrelaçam. (INNOCÊNCIO,2017).

O mito da hospitalidade fundamenta-se no valor de acolher aqueles que são desconhecidos, os estrangeiros, de forma incondicional. Mesmo assim, há retribuição ao ato de acolhimento de Baucis e Filemon: os deuses não só dão ao casal um templo (para que eles pudessem continuar exercendo a hospitalidade), mas também os transformam em duas plantas (para que possam continuar juntos na eternidade).

### **3.2.1 Hospitalidade e dádiva**

O Mito da Hospitalidade muito revela sobre o fenômeno que está intrinsecamente ligado à interação humana, envolvendo o ato de receber e acolher o outro. Porém, a hospitalidade transcende a simples oferta de abrigo/ pouso e alimentação, pois diz respeito à criação e manutenção de vínculos sociais, promovendo o fortalecimento das relações interpessoais. Ao explorar o conceito de hospitalidade, somos levados a refletir sobre a importância da generosidade, da incondicionalidade e do reconhecimento mútuo, elementos essenciais para uma sociedade mais acolhedora e solidária.

Na perspectiva da dádiva, há de se reportar aos estudos de Mauss (1925/ 2019), que, ao estudar as sociedades polinésias, concluiu que a hospitalidade desses povos estava sustentada no tripé dar-receber-retribuir, sendo essa a dinâmica do que ele



nominou como dádiva. Quando analisados sob a ótica desse conceito, os estudos de hospitalidade ganham nova dimensão.

Segundo Mauss (1925/2019, p. 58), não são os indivíduos, mas as coletividades, que mantêm obrigações de prestações recíprocas, mediante os grupos familiares e comunitários ou mediante seus chefes:

Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam. Nessas prestações existem “misturas entre almas e coisas”, entre riquezas materiais e espirituais. Já nas sociedades modernas, direitos reais e direitos pessoais, material e espiritual, são muito bem separados.

Além de Mauss (2019), outros autores, a exemplo de Godbout (1998), Martins (2008) e Rocha (2013) estudam a dádiva e a conceituam como o poder de promover alianças por meio das trocas e circulações, tanto de coisas quanto de símbolos. Para Camargo (2004, p. 19), “Toda hospitalidade começa com uma dádiva. [...] A dádiva desencadeia o processo de hospitalidade [...] numa perspectiva de reforço do vínculo social”. Nesse contexto, o indivíduo depende da ação de outros indivíduos e da interação resultante dessa ação. A humanidade é portadora de necessidades que só podem ser atendidas por meio de seus relacionamentos. Quando o sujeito consegue enxergar o outro, ele se torna capaz de perceber suas necessidades tanto materiais quanto simbólicas a partir da presença do outro (CAMARGO, 2004).

Assim, a hospitalidade pode ser compreendida como “[...] toda prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social” (CAILLÉ, 2002, p. 142). Nesse sentido, a hospitalidade, na perspectiva da dádiva, pressupõe a incondicionalidade. Para Derrida (2001), definir um direito de hospitalidade resulta na perda de sua incondicionalidade, motivo pelo qual o filósofo propõe uma hospitalidade incondicional: “[...] abrir as portas a cada um e a cada uma, a todo e a qualquer outro, a todo o recém-chegado, sem perguntas, mesmo sem identificação, de onde quer que ele viesse e fosse ele quem fosse” (DERRIDA, 2001, p. 47).

A hospitalidade incondicional descrita por Derrida encontra sua aplicação particular na ideia de uma cidade refúgio, um espaço onde aqueles que buscam abrigo e proteção são acolhidos sem imposições ou condições prévias. Essa forma de hospitalidade vai além do conhecimento ou questionamento sobre a identidade do

indivíduo, transcendendo as categorias convencionais de nome e documento de identificação. No entanto, ao mesmo tempo, implica em uma abordagem singular e personalizada, na qual cada pessoa é tratada como um ser único, com seu próprio nome e identidade reconhecidos e respeitados (DERRIDA apud FONSECA, 2008, p. 97).

Essa concepção de hospitalidade como dádiva incondicional desafia as estruturas tradicionais de poder e controle, uma vez que não busca estabelecer uma relação hierárquica entre o hospedeiro e o hóspede, nem impõe expectativas ou obrigações. Em vez disso, enfatiza o ato de acolher o outro em sua totalidade, sem julgamentos ou restrições, reconhecendo a igualdade fundamental entre os seres humanos. A hospitalidade como dádiva, conforme defendida por Derrida (2001), representa um convite para transcender fronteiras e construir relações de abertura, compreensão e respeito mútuo.

Em uma outra perspectiva, mas que estabelece aproximações com a perspectiva de dádiva, há a proposta por Perazzolo, Pereira e Santos (2013), uma hospitalidade relacional, aquela que abarca uma interação mútua entre primeiramente acolhidos e primeiramente acolhedores, já que, na troca, há alternância de papéis e, portanto, considera-se que ambos têm a oportunidade de compartilhar experiências e conhecimentos. É um espaço de diálogo e conexão, cuja dinâmica se caracteriza por ser fluida e enriquecedora para todos os envolvidos. Nesse sentido, a hospitalidade constitui um elemento fundamental para a construção de relações sociais saudáveis e para a promoção da diversidade cultural, ao permitir o encontro e a interação entre pessoas de diferentes origens e perspectivas, conforme defendem Perazzolo, Pereira e Santos (2014). Para as autoras, a hospitalidade configura uma prática que se instaura no espaço relacional entre os sujeitos, seja em contextos familiares, sociais ou profissionais. Trata-se de um processo que envolve acolhimento, abertura e generosidade, possibilitando a construção de laços afetivos e culturais entre as pessoas.

Nesse sentido, é importante destacar que a hospitalidade não se limita a um ato isolado de receber bem, já que envolve, ainda, uma postura ética e política que se estende para além da simples oferta de serviços ou produtos. Ela implica a criação de

um espaço de diálogo e intercâmbio entre os sujeitos, em que cada um possa se sentir acolhido e valorizado em sua singularidade.

Dessa forma, a hospitalidade pode ser compreendida como uma prática social que contribui para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Ou seja, a hospitalidade instaura-se no espaço entre os sujeitos, consistindo em um fenômeno relacional e não em um comportamento humano específico. Conforme, Pereira e Santos (2014, p. 52),

[...] trata-se de um fenômeno que se instala no espaço constituído entre dois sujeitos que desejam acolher e ser acolhidos. A relação entre ambos opera por meio da percepção mútua, em que os elementos do discurso, 'matizados' pelo desejo de um e outro sujeito, são acolhidos, traduzidos, compreendidos e transformados em nova comunicação dirigida ao emissor, em cujo conteúdo se encontram novos significados, com potencialidade perlocutória, para a continuidade do ciclo interativo, para a geração de novos saberes.

O que se observa, dada essa perspectiva de análise, é que há espaço na relação e que os sujeitos se “hospedam mutuamente”. Assim, na relação, todos os envolvidos acabam sendo transformados, de modo que “[...] o ‘eu’ e o ‘tu’ inauguram o pronome plural, edificado num terreno banhado pela afetividade e pela cognição (PERAZZOLO; SANTOS; FERREIRA, 2011).

Ainda, Perazzolo, Pereira e Santos (2014, p. 60) fazem um contraponto interessante com a tríade inicialmente proposta por Mauss (2019), de “dar-receber-retribuir”, ao refletirem sobre a hostilidade:

[...] na hostilidade, por outro lado, não há o dar, nem o receber, nem o retribuir, e os ciclos de adensamento relacional não se desenvolvem. É desencadeado um outro ciclo, negativo e antagônico, marcado pela crença de que o estrangeiro nada traz, ativando um ciclo hostil: tirar–faltar–retirar (ou rejeitar), marcando a inospitalidade na sua forma mais primária.

Nesse sentido, há de se pensar a hospitalidade como um espaço tensionado, em que movimentos de hostilidade podem igualmente (em maior ou menor grau) se fazerem presentes. Entretanto, o propósito da humanidade é a busca pela hospitalidade e o seu encontro com ela.

### 3.2.2 Hospitalidade comercial

Na perspectiva da hospitalidade pelo viés comercial, alguns estudiosos têm se dedicado a analisar as relações que ocorrem no ambiente de negócios e comércio. Nesse contexto, não raro, a hospitalidade é vista como uma estratégia empresarial que visa criar experiências positivas e conquistar a fidelidade dos clientes. Nesse sentido, é comum encontrarmos uma compreensão superficial da hospitalidade comercial, na qual ela é percebida de forma transacional, ou seja, que envolve uma transação comercial, com fins pré-determinados. Nessa visão, o objetivo principal é oferecer um serviço de qualidade aos clientes em troca de lucro. A hospitalidade é vista como um conjunto de práticas e atitudes que têm como foco encantar e satisfazer os clientes, visando garantir o sucesso do negócio e a fidelidade dos consumidores. Mas essa perspectiva não dá conta da abrangência desse fenômeno, mesmo quando visto por essa dimensão.

Uma pesquisadora que problematizou a questão da hospitalidade comercial foi Gotman (2008;2009;2011) que, em um de seus estudos, buscou relacionar a dádiva à perspectiva comercial, questionando se o comércio da hospitalidade seria possível, afirmando que o que se observa, de fato, no turismo, é uma encenação da hospitalidade. Ou seja, há um tipo específico de hospitalidade, manifesto por meio de um profissionalismo que busca proporcionar ao cliente experiências positivas ao qual Gotman nomeia como hospitalidade encenada.

A pesquisadora introduz esse conceito - hospitalidade encenada - para descrever situações em que a dádiva é representada através de uma transação financeira. Nesses eventos, ocorre uma simulação da generosidade e acolhimento por meio do pagamento por serviços ou produtos relacionados à hospitalidade. Essa abordagem levanta questionamentos sobre a autenticidade da hospitalidade nesses contextos, uma vez que a dádiva, que tradicionalmente é desinteressada e incondicional, é substituída por uma relação comercial.

Segundo Anne Gotman (2011), a hospitalidade é regida por quatro leis fundamentais: a incondicionalidade, a reciprocidade, a assimetria e a compensação. Por isso, para ela, a hospitalidade gratuita entre iguais “continua [...] a inspirar a hospitalidade comercial de forma mimética, já que sem a possibilidade de constituir

uma referência verdadeira.’. (GOTMAN, 2009, p. 4), destacando assim a dificuldade de determinar o nível de generosidade esperado de ambas as partes envolvidas nesse contexto (comercial/turístico). Isso porque “a atenção e o serviço são contratuais e não objetos de dívida e o cliente é qualificado pelas ‘exigências’ relacionadas à regra do preço justo que mediatiza as relações sociais.”. (GOTMAN, 2009, p. 7).

Se, na hospitalidade entendida na perspectiva da dívida, aquele que demanda de hospitalidade está em situação de inferioridade, o mesmo não ocorre na comercial, exatamente pela força de contrato: o cliente pode não voltar, pode sair da relação, caso insatisfeito.

Gotman (2009) ainda faz referência ao acolhimento ao estranho, afirmando que os riscos de invasão são menores, assim como a apropriação dos espaços (a pesquisadora exemplifica com a neutralidade decorativa de quartos de hotéis).

Camargo (2007) pontua muito bem o antagonismo entre a hospitalidade como produto comercial, cuja busca envolve ofertar o maior conforto possível, mitigando o risco ou os desconfortos, e a hospitalidade como dívida, sendo algo incondicional. Ainda, para o pesquisador, a hospitalidade, como experiência emotiva, traz em si tanto o risco do desconforto quanto a possibilidade de descoberta de um novo mundo.

Para Camargo (2007), existem dois tipos de hospitalidade: genuína e encenada. Entende, assim, que

[...] a conclusão de Gotman consolida a ideia de uma dupla noção de hospitalidade: a genuína, estruturada no sistema da dívida, típica da hospitalidade doméstica e de certos setores da hospitalidade urbana, e de uma hospitalidade fake, encenada, com toda a pejoratividade sugerida pelo termo, a do receptivo turístico. Um jantar que alguém oferece em casa a amigos seria uma hospitalidade genuína, ainda que possa ser marcada por eventuais gestos de hospitalidade fake, enquanto que o hotel seria o palco dessa hospitalidade fake com eventuais gestos da hospitalidade genuína. (CAMARGO, 2007, p. 14).

Ao abordar a questão da dívida em contratos comerciais, Camargo (2007) levanta questionamentos relevantes. Ele questiona se é possível vivenciar a dinâmica da dívida em um contexto transacional, onde as relações são regidas por acordos pré-estabelecidos e trocas financeiras. No entanto, o autor argumenta que, mesmo nesse ambiente, o anfitrião assume uma responsabilidade em relação ao hóspede, estabelecendo uma relação baseada na boa vontade e na igualdade. Essa perspectiva vai além da simples troca monetária, levando em consideração outros

elementos que permeiam a relação comercial. Com essa análise crítica, Camargo propõe uma reflexão sobre o conceito de dádiva no contexto dos contratos comerciais. Para Camargo (2007), como a relação anfitrião e hóspede, mesmo na hospitalidade comercial, requer a presença de boa vontade e um senso de igualdade e semelhança entre as partes envolvidas, a noção de hospitalidade comercial como mera transação monetária é desafiada.

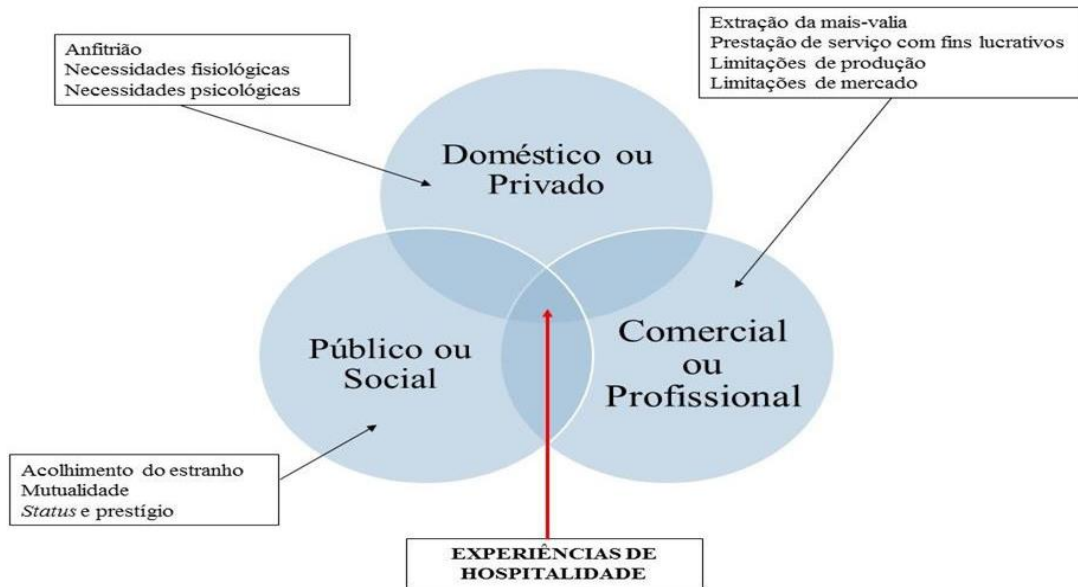
Segundo as reflexões de Camargo (2003, p. 19) em um de seus primeiros estudos, a hospitalidade pode ser compreendida como uma ação humana que ocorre em diferentes contextos, como o doméstico, público ou comercial, e engloba o acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento de pessoas. Com o intuito de delinear as dimensões temporais e espaciais da hospitalidade, o autor desenvolveu um quadro que permite a identificação de dezesseis campos teóricos distintos, os quais possibilitam a realização de estudos específicos e diversos acerca desse tema tão abrangente.

No artigo "Os interstícios da hospitalidade", Camargo (2015) a lei básica da hospitalidade consiste em que o anfitrião deve honrar seu visitante, servindo-lhe o melhor de sua casa e atendendo às suas necessidades de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento. Por sua vez, o hóspede deve honrar seu anfitrião com palavras e presentes, ocupando apenas o espaço designado para ele e aceitando as gentilezas recebidas.

A cena hospitaleira é marcada pela troca de dádivas e contradádivas. O convite ou pedido de acolhimento é uma primeira dádiva do anfitrião, seguida pela contradádiva do hóspede ao expressar sua gratidão pela presença. A comensalidade, ou seja, o compartilhar de comida e bebida, é o ponto alto da cena, onde o anfitrião oferece o melhor aos hóspedes, e estes confraternizam entre si, proporcionando uma experiência gratificante. (CAMARGO, 2015).

Outro estudioso da temática, Lashley (2004) analisa a hospitalidade a partir de três domínios: social, privado e comercial (Figura 2). Nesse sentido, o autor a interpreta como uma forma de relação humana com base na ação recíproca entre visitantes e anfitriões.

Figura 3 – Domínios da hospitalidade para Lashley



Fonte: Lashley (2015, p. 81).

Na perspectiva de Lashley (2004), esses três domínios da hospitalidade se sobrepõem, sendo tal sobreposição que possibilita, por exemplo, a condução planejada da hospitalidade. Para o autor, a hospitalidade no domínio comercial está presente na maioria das sociedades ocidentais, de modo que a oferta de hospitalidade nesses cenários não é uma troca exclusivamente afetiva, constituindo também uma troca comercial.

De acordo com Lashley (2004), a hospitalidade comercial tem como base a reciprocidade, que é estabelecida mediante a troca monetária entre o prestador de serviços e o hóspede/cliente. Isso significa que a satisfação do cliente está diretamente relacionada ao serviço prestado e ao valor pago por ele. Nesse sentido, a satisfação do hóspede pode estar limitada pelo valor monetário que ele está disposto a pagar pelo serviço, indicando uma associação entre a qualidade do serviço ofertado e o contrato realizado. Contudo, espera-se que esse processo de monetização seja realizado de forma ética e responsável, considerando que há reciprocidade nessa dinâmica. Assim,

A oferta de hospitalidade comercial depende da reciprocidade com base na troca monetária e dos limites da concessão de satisfação aos hóspedes que, no fim, causam impacto sobre a natureza da conduta da hospitalidade e da experiência da hospitalidade (LASHLEY, 2004, p. 17).

Lashley (2004) discute, igualmente, o contexto social da hospitalidade. No domínio público, é vista como um ambiente construído a partir das forças da sociedade, bem como das necessidades de produção e consumo de acomodação, alimentos, bebidas e entretenimento nas mais diferentes culturas existentes.

O estudo do domínio social da hospitalidade proporciona interessantes perspectivas teóricas através das quais se estabelece o entendimento das atividades que abrangem a indústria da hospitalidade. Evidentemente, uma grande parte do entendimento atual é estabelecida pelos conceitos econômicos (LASHLEY, 2004, p. 17).

Para Gotman (2009), a hospitalidade está presente no turismo como um ramo comercial, cuja base é a percepção do significado da excelência no serviço ao cliente. Isso traz motivação para a interação social entre o anfitrião e o hóspede por meio de suas trocas simbólicas. Nessa ótica, dádiva e comércio são elementos contraditórios, pois é o dinheiro que estabelece a relação entre os indivíduos:

A hospitalidade entrou na linguagem turística, tornando-se sinônimo e grife. Refiro-me aqui à etiqueta norte americana 'hospitality' e, mais amplamente, à difusão generalizada de uma terminologia hospitaleira empregada mesmo nos pontos menos acolhedores do mundo, donde os termos 'acolhimento', 'hôtesse' cuja função essencial é de atrair fluxos adicionais de viajantes. No entanto, de forma geral, dádiva e comércio são antinômicos, na medida em que o dinheiro estabelece um equilíbrio entre protagonistas que, a partir disso, estão dispensados de toda necessidade de conhecimento mútuo e de toda relação pessoal (GOTMAN, 2009, p. 5).

Gotman (2009) explicita, além disso, que a hospitalidade comercial remove a dádiva do acolhimento, uma vez que a presença do dinheiro priva tal relação da, tornando-a meramente contratual, ou seja, um tipo de troca financeira. Nesse sentido,

Da dádiva à relação comercial, o devido substitui a dádiva. A atenção e o serviço são contratuais e não objetos de dádiva e o cliente é qualificado pelas 'exigências' relacionadas à regra do preço justo que mediatiza as relações sociais. As relações não são imediatas e os conflitos, mediatizados, não opõem diretamente os protagonistas, fazendo intervir um terceiro abstrato – espécie de 'contrato' - que serve ao mesmo tempo como regulador, mas também como escapatória (GOTMAN, 2009, p. 7).

Logo, tal como proposto por Gotman (2009), a presença de uma relação comercial carece de gratidão – trata-se de uma relação meramente contratualizada e estéril. Dessa forma, o turismo pode vir a se tornar um comércio de cenários, caracterizado pela encenação da hospitalidade.



Em estudo anterior, Gotman (2009) já havia se referido à perspectiva de uma hospitalidade encenada, ao discutir uma dupla noção de hospitalidade: a genuína, que está estruturada no sistema da dádiva, e a *fake*, que é encenada. Como anteriormente referido, Camargo (2007) também teoriza e problematiza a hospitalidade a partir dessa dupla noção.

Um exemplo de hospitalidade genuína seria a de uma festa organizada para os familiares e amigos mais próximos, mesmo que em algum momento possa se registrar gestos de hospitalidade *fake*. Por outro lado, o hotel surge como um grande palco para a hospitalidade encenada: os hóspedes são recebidos por pessoas estranhas, embora, quase sempre, muito afáveis. Tal recepção é, de certa forma, aquela feita para qualquer outro hóspede que adentre o hotel, constituindo uma hospitalidade “pensada” para que ele possa se sentir bem no espaço ofertado. Trata-se de uma hospitalidade intencional, com objetivos específicos, mesmo que possam existir eventuais gestos de genuína hospitalidade. Nesse caso,

A metáfora hospitaleira visa aqui não apenas as obrigações daquele que recebe, como se fosse um hoteleiro supostamente capaz de agir como um anfitrião e não como simples vendedor, mas também as obrigações do acolhido supostamente capaz de não se comportar como em país conquistado (GOTMAN, 2008, p. 115).

Os anfitriões, perspectivados pela hospitalidade encenada, são atores que treinam previamente as suas falas e ações. Estão em uma constante peça teatral, cujo palco é um hotel, um restaurante, enfim, um serviço devidamente comprado. Tal modo de hospitalidade tende, assim, a ser uma simulação, em um cenário em que o hóspede pode se arriscar, já que ocupa um ambiente devidamente controlado e seguro. O perigo é uma ilusão, a exemplo dos parques temáticos, em que o hóspede se expõe a todo tipo de risco – contudo, esse risco é cinemático, porque os brinquedos como as montanhas russas são testados e completamente seguros. Tal planejamento requer uma alta qualidade do pessoal encarregado de executá-los.

Pode-se afirmar que a hospitalidade comercial se refere às relações que envolvem troca de dinheiro, como quando o sujeito compra um pacote de viagem, faz uma reserva em um hotel e em um restaurante ou usa os serviços que a cidade oferece. A hospitalidade, muitas vezes entendida como gestos de bem receber e bem atender, é quase um produto ou um diferencial competitivo, como apontam alguns

autores, entre eles Camargo (2015), considerando a existência de uma moeda de troca e de um acordo comercial previamente fechado.

Porém, mesmo nesse tipo de hospitalidade, caracterizada como encenada, já que pelo menos o anfitrião tem o dever de receber bem o hóspede por acordo comercial previamente definido, há espaços para outro tipo de hospitalidade, aquele que ocorre entre os polos envolvidos na relação. Portanto, mesmo considerando acordos previamente definidos, não há como menosprezar o fenômeno da hospitalidade em si, que ocorre para além das relações monetárias: em se tratando de seres humanos e de relações estabelecidas, sempre há espaço para o imprevisto, para o imponderável e para a humano que aflora nas relações.

Nos interstícios do cotidiano, em meio a histórias marcadas pela inospitalidade e às vezes até pela hostilidade, ocorre a realidade dos domínios da hospitalidade. O estudo da hospitalidade analisa, assim, as reações interpessoais como uma forma de recuperação da troca humana em um ambiente social progressivamente hostil. Isso reforça as situações possíveis no mundo moderno, de manifestação ou de recriação dos vínculos sociais (CAMARGO, 2015).

Camargo (2007) ressalta, ainda, a importância da abordagem interdisciplinar no estudo da hospitalidade e do turismo a fim de expandir o escopo de análise, criticando os estudos anglo-saxões contemporâneos que se concentram principalmente na gestão da hospitalidade comercial. O autor menciona que a hospitalidade e o dom não são facilmente observáveis pelas ciências aplicadas à gestão. Segundo o pesquisador, o sistema da dívida ainda desempenha um papel relevante na administração de recursos humanos dentro do contexto da hospitalidade. Assim, apesar das limitações teóricas presentes, as reflexões de Lashley representam um avanço notável no que concerne à reflexão e à pesquisa no campo do turismo, reconhecendo a hospitalidade como um diferencial competitivo crucial.

### **3.2.3 Hospitalidade urbana**

Cabe destacar, ainda, que não são apenas sujeitos que acolhem sujeitos. Cidades também podem ser consideradas mais ou menos hospitaleiras. Tendo isso em vista, Grinover (2006) aponta para três dimensões da hospitalidade urbana:

acessibilidade, identidade e legibilidade. Posteriormente, acrescenta outras três dimensões: a qualidade de vida, a cidadania e a urbanidade. Para o autor,

O território realizado, vivido e sentido, mais que referenciado e circunscrito, engloba os lugares que se singularizam em suas diferenças pelo seu valor de uso, por seu alcance real: os lugares concretos quais sejam — o morar, o estudar, o trabalhar, o divertir-se, o viver saudavelmente, o transitar, o opinar (GRINOVER, 2006, p. 31).

Grinover (2013) considera que locais hospitaleiros são amplamente urbanizados, secularizados e abertos ao diferente. Entende, assim, que só é possível analisar a complexidade do conceito da hospitalidade levando em consideração as implicações da relação humana com o lugar e com o diferente.

Já a acessibilidade concerne à adaptação da cidade ao turista, ou seja, ao quanto ela é receptiva em relação à sua estrutura física. Logo,

O tratamento da acessibilidade pode implicar uma extensa série de mudanças, seja na forma das soluções físicas, seja nas questões de caráter normativo, ou, ainda, nas questões relacionadas com aspectos políticos de instituições governamentais ou não, na formulação de normas para adequar a acessibilidade nos edifícios, na cidade, no território (GRINOVER, 2021, p. 134).

A acessibilidade não se restringe à simples possibilidade de locomoção física pela cidade, mas também abrange o acesso que os cidadãos têm a uma variedade de bens e serviços essenciais. Nesse sentido, a cidade verdadeiramente acessível é aquela que permite aos indivíduos o acesso a lugares culturais, como museus, galerias de arte e teatros, proporcionando-lhes oportunidades enriquecedoras de vivenciar e apreciar a riqueza da cultura e da arte. Além disso, a acessibilidade também assume um aspecto econômico crucial, pois uma cidade verdadeiramente acessível deve garantir que seus cidadãos tenham a oportunidade de acessar oportunidades de emprego, serviços financeiros, estabelecimentos comerciais e outras atividades econômicas. A verdadeira acessibilidade em uma cidade abrange tanto a dimensão cultural quanto a econômica, promovendo uma sociedade inclusiva e igualitária onde todos os cidadãos podem participar plenamente da vida urbana. (GRINOVER, 2013).

A identidade, por sua vez, é a dimensão emocional da cidade, o que a torna única ante as inúmeras outras cidades e faz dela um atrativo para o turista. Embora

isso possa parecer óbvio ao pensarmos em um exemplo como Veneza, cujos canais configuram uma identidade inquestionável, a identidade parte de uma conexão emocional (e não física) com a cidade e com as experiências que esta é capaz de oferecer:

As identidades, enquanto sensações de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. As identidades dão segurança e conforto, sendo dotadas de positividade, que permite aceitação e endosso. As identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhidos de traços, hábitos, maneiras de ser e A cidade, nós e a hospitalidade 137 acontecimentos do passado, tais como os lugares e os momentos, isto é, os territórios (GRINOVER, 2021, p. 136-137).

A legibilidade constitui uma dimensão que atua como um mediador entre a acessibilidade e a identidade. Ela deriva da necessidade de sinais que, ao mesmo tempo que tornam a cidade acessível aos seus não residentes, a identificam e a separam das demais, estabelecendo sua identidade em relação ao mundo moderno. Tal transmissão de informação da cidade ao turista é essencial para integrar uma experiência acessível a uma experiência sentimental.

Assim, a legibilidade poderia ser entendida pela qualidade visual de oferta de informação, sinalização conveniente e facilidade nos fluxos, sendo este entendimento relacionado à capacidade de utilizar o repertório do cidadão. Isso proporciona um processo de significação que é uma forma significativa a que o destinatário humano terá que dar significado. Há, nesse processo, A cidade, nós e a hospitalidade 147 uma série de instrumentos, como um código, que se pode definir como um repertório de símbolos, as regras de combinação desses símbolos, e, eventualmente, a correspondência termo a termo entre cada símbolo e determinado significado, por exemplo (GRINOVER, 2021, p. 146-147).

Na dimensão da qualidade de vida, o autor se refere ao nível de bem-estar e satisfação das pessoas em uma determinada sociedade ou comunidade. Está associada a fatores como acesso a serviços básicos de saúde, educação, moradia, segurança, meio ambiente saudável, lazer e oportunidades de emprego. Uma cidade que busca promover a qualidade de vida de seus cidadãos deve se preocupar em oferecer infraestrutura adequada, espaços públicos agradáveis, transporte eficiente, serviços de saúde e educação de qualidade, e condições que propiciem o desenvolvimento pessoal e social dos seus habitantes. (GRINOVER, 2021).

A dimensão da cidadania está relacionada ao exercício pleno dos direitos e deveres dos indivíduos enquanto membros de uma comunidade ou sociedade. Uma cidade que valoriza a cidadania busca garantir a participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões, estimular o engajamento cívico, promover a igualdade de oportunidades e combater a discriminação. Isso inclui o respeito aos direitos humanos, o acesso à justiça, o direito à liberdade de expressão e à inclusão social. A cidadania fortalece o senso de pertencimento dos indivíduos de uma comunidade, incentivando-os a contribuir para o bem comum e para o desenvolvimento da cidade como um todo. (GRINOVER, 2021).

O autor enfatiza também a ideia de urbanidade ao abordar a realidade das cidades atuais, em que o espaço público tem se tornado cada vez mais hostil e segregado, com presença de grades, muros e grandes centros comerciais. Apesar desse cenário, a urbanidade é considerada um valor essencial, fundamentado na convivência, diversidade e trocas sociais. Essa visão contrasta com a atual tendência de segregação urbana. O interesse em estudar e debater a urbanidade surge da busca por espaços urbanos mais acolhedores e inclusivos, em que o espaço público é valorizado como um cenário ativo e integrador, contribuindo para uma cidade com maior qualidade de vida e harmonia. (GRINOVER, 2021).

No entendimento de Grinover (2006), é de responsabilidade de toda política urbana propiciar o acesso de quaisquer indivíduos aos seus destinos. Dessa forma, é de responsabilidade da cidade oferecer por meio de seus serviços uma igualdade de oportunidade aos seus usuários. Koga (2003) afirma que o território é como um “catalizador de potencialidades na reinvenção da cidadania”, o que permite introduzir na realidade urbana elementos caracterizadores da qualidade de vida, de políticas públicas voltadas para a inclusão social e de um corpo claro e concreto de ações visando à hospitalidade urbana.

Ao encontro disso, Grinover (2006, p. 31) menciona:

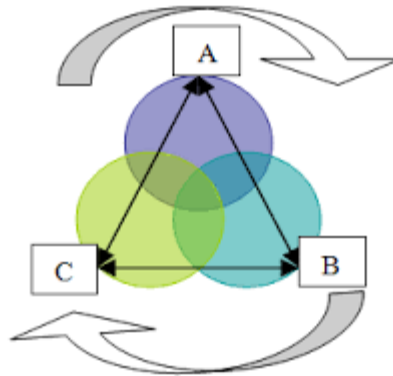
É o nosso desejo discorrer sobre o fato de que uma cidade é, ou não, hospitaleira em função da coexistência de três dimensões fundamentais: a acessibilidade, a legibilidade e a identidade, intimamente relacionadas pela “escala”, pelas medidas geográficas e temporais, que proporcionam a compreensão da cidade, seja para o habitante, seja para quem dela se aproxima, nela se introduz e dela se apropria.

Dessa forma, Grinover compreende a cidade como uma construção coletiva, baseada em uma ponte entre o físico e o sentimental. Outra perspectiva que analisa relações de hospitalidade a partir de uma visão de grupo é a do Corpo Coletivo Acolhedor. Esse conceito revisa a organização social, descrevendo-a como um sistema, formado por um conjunto de serviços, uma gestão orgânica e um capital cultural, três dimensões fundamentais do tecido social. É nesse contexto que Perazzolo, Santos e Ferreira (2011, p. 53) expandem o conceito de hospitalidade, estendendo-o para comunidades:

[...] é necessário que se busque explicitar o processo na perspectiva coletiva, ou seja, quando envolve a participação de um sistema complexo no jogo das relações, constituído por grupos humanos, por suas organizações estruturais e funcionais; seus elementos do entorno; seus recursos internos disponíveis ou passíveis de serem explorados; suas trajetórias históricas, constitutivas dos valores, da cultura e dos processos adotados para a transmissão; e seus projetos de futuro. Essa é a perspectiva que se aplica ao exame do acolhimento envolvendo visitantes e comunidades.

O Corpo Coletivo Acolhedor é um modelo descrito com o intuito de entender de forma mais aprofundada os fenômenos de acolhimento e hospitalidade no mundo moderno, percebendo-os como inter-relacionados. Conforme Perazzolo, Santos e Ferreira (2014), tal conceito se embasa em três vértices: (a) serviços prestados por vários segmentos, entre eles os alimentos, o vestuário, os calçados, os presentes, os bares, os restaurantes e os hotéis e as farmácias, sendo, metaforicamente as mãos do CCC; (b) gestão, a cabeça, que é responsável por administrar os recursos disponíveis de infraestrutura da manutenção e do desenvolvimento do corpo social da sociedade; e (c) capital cultural, o coração desse CCA, que abrange o conjunto de valores presentes na sociedade, a qual é marcada por seus saberes, bem como por seu processo de socialização dos conhecimentos formais e informais (Figura 3).

Figura 4 – Interação dos vértices constitutivos do Corpo Coletivo Acolhedor



Fonte: elaborada pelo autor.

O modelo do Corpo Coletivo Acolhedor, proposto por Santos e Perazzolo (2012), representa uma abordagem inovadora no que diz respeito à forma como as comunidades são vistas e se organizam para receber os visitantes. De acordo com essa abordagem, as comunidades são entendidas como organismos vivos, capazes de se adaptar e se transformar para melhor acolher e integrar aqueles que chegam em sua região. Esse modelo foi desenvolvido a partir de estudos realizados em quatro comunidades potencialmente turísticas na região Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil, e destaca a importância da colaboração e da solidariedade entre os membros de uma comunidade para o seu sucesso e para a satisfação dos seus visitantes.

Santos e Perazzolo (2012) explicam que o corpo acolhedor é construído a partir da percepção compartilhada de um espaço vital para a comunidade. Esse corpo coletivo recebe os visitantes e os munícipes por meio de discursos e ações que refletem os valores culturais locais: produtos, praças, arquitetura, centros de informação, atendimento à saúde, escolas, organizações e entidades. Todos os espaços materiais e imateriais são constitutivos de aproximações (acolhimentos) ou distanciamentos (não acolhimentos).

As autoras ressaltam, ainda, que o Corpo Coletivo Acolhedor é uma construção dinâmica que se adapta e se transforma continuamente a partir do diálogo e da colaboração entre os membros da comunidade e os visitantes. Esses elementos são fundamentais para a criação de um espaço acolhedor e integrado, que valoriza e respeita as diferenças culturais, promove a troca de conhecimento e fortalece os laços sociais.

De acordo com Santos e Perazzolo (2012), a Figura 3, que descreve a interação dos vértices constitutivos do Corpo Coletivo Acolhedor, demonstra que a constituição morfológica do organismo social é mantida pela interdependência dos três vetores. Essa estrutura social hospitaleira se modifica com a interação do visitante, do estrangeiro, do turista ou de qualquer pessoa que chegue em busca de novas experiências e conexões. Por sua vez, o visitante comunica-se com a comunidade por meio das várias vozes que surgem dos três vértices constitutivos: serviços, gestão e conhecimento/cultura. Esse intercâmbio entre os membros da comunidade e seus visitantes, que é crucial para a construção de um espaço acolhedor e integrado, constitui um processo dinâmico e em contínua evolução.

Em conclusão, o modelo do Corpo Coletivo Acolhedor apresentado por Santos e Perazzolo (2012) oferece uma perspectiva inovadora e enriquecedora para compreender a dinâmica da hospitalidade nas comunidades. Ao considerar as interações entre os vértices de serviços, gestão e capital cultural, o CCA ressalta a importância da colaboração e do respeito às diferenças culturais na criação de espaços acolhedores e integrados. Essa abordagem dinâmica e em constante evolução demonstra a capacidade das comunidades em adaptar-se para melhor acolher e integrar os visitantes, contribuindo para fortalecer os laços sociais e enriquecer a experiência de todos os envolvidos.



#### **4 EXPLORANDO “A MORTE EM VENEZA” COM O LEITOR: PERCURSO METODOLÓGICO**

O objetivo deste capítulo é detalhar o percurso metodológico adotado para selecionar e analisar os fragmentos da obra “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, a partir das dinâmicas de hospitalidade presentes na narrativa. A seguir, são descritos os critérios utilizados para a seleção dos fragmentos e as técnicas empregadas para a análise desses excertos, incluindo uma interpretação contextualizada.

Esta investigação tem como objeto de estudo a hospitalidade representada na obra “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, considerando, para análise, os índices de relações de hospitalidade identificadas na narrativa, a partir das experiências vivenciadas pela personagem de Gustav von Aschenbach. Cabe salientar que, tomadas as opções de cunho metodológico, as quais se vinculam à natureza da questão investigativa, aos objetivos e ao referencial teórico adotado, a pesquisa delinea-se como de caráter qualitativo alinha-se, pois, conforme apontam Casarin e Casarin (2012, p. 25), os objetivos desse tipo de pesquisa “[...] envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e o relacionando a outros fatores. Há também a preocupação de explicar sua ocorrência baseando-se não em modelos empíricos, mas sim em modelos contextuais variados”. Como sustenta Flick (2009, p.17), esse tipo de abordagem é “[...] usado como um guarda-chuva para incluir uma série de enfoques à pesquisa nas ciências sociais. Elas [as pesquisas] também são conhecidas como abordagens hermenêuticas, reconstrutivas ou interpretativas” (FLICK, 2009, p. 17).

Sabidamente, a abordagem qualitativa abarca o uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (DENZIN; LINCOLN, 2006). Nessa perspectiva, tal abordagem permite reforçar a possibilidade de análise do fenômeno da hospitalidade a partir de índices presentes em obras literárias – no caso desta pesquisa, especificamente, na obra “A morte em Veneza”, que apresenta como pano de fundo a endemia de cólera.

Ademais, cabe ressaltar que, em pesquisas qualitativas, os textos “[...] representam não apenas os dados essenciais [...] mas também a base das interpretações e o meio central para a apresentação e a comunicação de descobertas” (FLICK, 2009, p. 84). Flick (2009), ao fazer apontamentos sobre construção e compreensão de textos, reforça que os textos constituem o material empírico de análise, servindo a três finalidades no processo de pesquisa qualitativa: representam os dados essenciais, configuram a base da interpretação e formam o meio central para apresentação e comunicação de descobertas.

Ao trazer a perspectiva de uma ciência social baseada em textos, Flick (2009, p. 86) busca na literatura o conceito de mimese: “A mimese refere-se à transformação de mundos em mundos simbólicos”. A questão da mimese já foi abordada por Platão e Aristóteles, para fazer referência à imitação ou representação de um objeto por meio de signos.

Segundo Lemos (2009), para Platão, a mimese, como cópia da realidade, era a imitação da imitação, já que a realidade era aquela do mundo sensível. Para Aristóteles, porém, a mimese referia-se a uma maneira de conhecer, sendo a literatura uma forma prazerosa de conhecer. Ressalta-se, entretanto, que, nessas definições filosóficas, a linguagem não é considerada cópia fidedigna da realidade. Simões (2007, p. 16), afirma que Aristóteles, em sua obra “Poética”, explorou a ideia de mimese na literatura – imitação da natureza ou da realidade na arte –, argumentando que a arte deve imitar a vida e que a melhor maneira de fazer isso é por meio da representação de personagens e eventos que pareçam plausíveis e realistas. Ele acreditava que a imitação era uma forma natural de aprendizado e que a arte poderia ser usada para ensinar valores morais e éticos.

A literatura como mimese é um conceito fundamental na teoria literária, referindo-se à imitação ou representação da realidade na arte (CARVALHO, 2019). A relação entre a arte e a realidade é complexa e multifacetada, já que a arte pode ser inspirada pela realidade e, ao mesmo tempo, influenciar e moldar nossa compreensão da realidade. Trata-se, assim, de uma via de mão dupla, em que a arte pode ser vista como uma representação da realidade e, ao mesmo tempo, ajudar a construir uma nova realidade ou uma nova compreensão da realidade existente.

Dentro dessa perspectiva de análise (mimética), importante mencionar que “A morte em Veneza” foi escrita no período conhecido como Pré-Modernismo, mas, como as etapas literárias não são estanques, considera-se que a obra também sofreu influência dos simbolistas e realistas. A busca pela verossimilhança, portanto, permite que as personagens sejam realistas, com defeitos e qualidades. Essa mesma perspectiva se estende ao cenário em que a história se passa: uma Veneza que enfrenta uma endemia, mas que, simbolicamente, também representa a própria decadência de uma personagem e de uma época.

Transpondo o conceito de mimese para a pesquisa de caráter qualitativo, Flick (2009, p. 86) trata-a como um “[...] princípio geral com o qual se traça, em detalhes, a compreensão do mundo e dos textos”. Nesse sentido, os elementos miméticos podem ser identificados na transformação de experiências em narrativas e relatos e na construção e interpretação de textos.

Buscando aprofundar reflexões sobre a mimese na pesquisa qualitativa, Flick (2009) faz referências a Ricoeur, que distingue três formas de mimese em uma ciência social baseada em textos. A primeira é “[...] como compreensão prévia do que seja a ação humana, de sua semântica, seu simbolismo, sua temporalidade. A partir dessa compreensão prévia [...] surge a ficção, e com ela, vem a segunda forma de mimese, que é textual e literária” (RICOEUR, 1981 *apud* FLICK, 2009, p. 87). Já a segunda ocorre “[...] entre a antecedência e a descendência do texto. Nesse nível, a mimese pode ser definida como a configuração da ação” (RICOEUR, 1981 *apud* FLICK, 2009, p. 87). E terceira, por sua vez, diz respeito à transformação mimética de textos em compreensão, o que acontece por meio do processo de interpretação. Embora Flick (2009) busque apresentar o processo mimético em pesquisa social, desconectando-a do conceito de apresentação e de representação literária, é em associação a esta última forma que trazemos a mimese como perspectiva de abordagem do objeto “A morte em Veneza”.

Cabe ressaltar, desse modo, que se consideram a abordagem qualitativa e os métodos adotados para a análise discursiva da obra adequados, posto que “[...] a leitura e a compressão de textos tornam-se um processo ativo de produção de realidade que envolve não apenas o autor dos textos (no nosso caso de ciência social), mas também a pessoa a quem eles são escritos e que os lê” (FLICK, 2009, p.

87). Para sustentar o uso de obra literária como fonte de pesquisa, entende-se, tal como apontado por Ferreira (2009), que a literatura pode contar sobre um tempo e uma sociedade, visto que “[...] toda a ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos” (FERREIRA, 2009, p. 67). O autor defende, portanto, que a literatura é uma fonte histórica por fazer parte do que a sociedade produz. Assim como as obras de arte, a arquitetura, os jornais, as redes sociais, as produções acadêmicas e os movimentos sociais, ou seja, tudo o que a sociedade produz individual ou coletivamente, a literatura diz respeito a um momento da história (FERREIRA, 2009).

Nessa perspectiva, a fundamentação teórica desta investigação se pauta na análise fenomenológica hermenêutica, associada às abordagens enunciativas bakhtinianas. Em linhas gerais, a hermenêutica apresenta-se como um procedimento metodológico e filosófico que “[...] pressupõe a percepção de um objeto por parte de outro sujeito detentor de uma língua e, por conseguinte, de uma cultura que pode ser notada nas construções linguísticas, sociais, políticas, científicas, econômicas, religiosas, entre outras” (COSTA; CAMARGO, 2017, p. 27). O desafio do método hermenêutico consiste, portanto, em “[...] tentar compreender, fora do seu tempo, símbolos, gestos, palavras, ou seja, outra realidade” (COSTA; CAMARGO, 2017, p. 29).

No que concerne à análise interpretativa, é preciso considerar que a obra literária concede ao leitor modos de interpretação da realidade social, ao mesmo tempo que permite a análise da vida dos protagonistas, o que possibilita a transformação da visão do leitor sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, esta pesquisa parte da premissa de que a obra literária pode ser considerada fonte documental, motivo pelo qual, para a análise, seleciona-se a abordagem sociológica bakhtiniana, em que os enunciados são examinados dentro dos seus contextos de produção:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático,

estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros dos discursos (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Além de considerar a obra literária como fonte histórica, a investigação ora proposta, ao buscar caracterizar a hospitalidade representada na obra “A morte em Veneza”, apresenta caráter teórico, em especial ao relacionar concepções teóricas de hospitalidade às ações e aos comportamentos do protagonista identificados na obra.

Considerados esses aspectos, apresentam-se os passos metodológicos para seleção e análise dos fragmentos identificados na obra “A morte em Veneza”. Inicialmente, procedeu-se a uma leitura flutuante da obra, com o objetivo de obter um panorama geral (personagens, enredo e perspectivas adotadas) e de buscar, na obra, aspectos que pudessem ter ligação com os dois conceitos-chave selecionados para análise posterior – turismo e hospitalidade –, mais especificamente relações de hospitalidade a partir da viagem da personagem Gustav von Aschenbach.

Após essa leitura, de caráter inspeccional como segundo passo, procedeu-se a leituras analíticas da obra, buscando passagens que mencionassem dinâmicas de hospitalidade ou de vivências turísticas e considerando, nessa perspectiva, a cidade como um Corpo Coletivo Acolhedor.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma abordagem metodológica que compreende três fases fundamentais sendo a primeira fase a pré-análise, na qual o pesquisador realiza uma preparação metódica antes de iniciar a análise propriamente dita. Nessa etapa, é essencial definir os objetivos da pesquisa, estabelecer categorias de análise, selecionar o corpus de material a ser analisado e, se necessário, realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema em questão.

A segunda fase é a exploração do material, na qual ocorre a aplicação efetiva do método de análise de conteúdo. O pesquisador coleta os dados de acordo com as categorias estabelecidas no pré-análise e, em seguida, procede à organização, codificação e classificação desses dados. É durante essa etapa que as informações relevantes são extraídas do material bruto e agrupadas de acordo com as categorias predefinidas.

A terceira fase é o tratamento dos resultados, que envolve a inferência e a interpretação dos dados obtidos na fase anterior. Nesse estágio, o pesquisador realiza a análise propriamente dita, buscando compreender e interpretar o significado dos dados em relação aos objetivos da pesquisa. As inferências são elaboradas com base nas evidências encontradas durante a exploração do material, e as interpretações buscam dar sentido aos padrões e relações identificadas.

A utilização da análise de conteúdo permite uma abordagem sistemática e rigorosa para a análise de informações qualitativas, proporcionando uma compreensão mais profunda dos dados coletados. É uma metodologia amplamente utilizada em diversas áreas de pesquisa, como ciências sociais, comunicação, educação e saúde, possibilitando a análise de discursos, documentos, entrevistas, textos literários e outras formas de expressão humana. Os extratos identificados na obra “A Morte em Veneza” foram, inicialmente, sublinhados e, posteriormente, transcritos em quadro.

A partir da observação, da leitura e da identificação dos extratos, ou seja, da elaboração de um quadro geral, em um terceiro momento, buscou-se estabelecer categorias para análise, organizando os enunciados em blocos com base no acolhimento e no turistar da personagem Gustav von Aschenbach. Para essa divisão e análise, aportes da fundamentação teórica (apresentados e discutidos no capítulo anterior) foram revisitados.

Na quarta e última etapa da pesquisa, identificados e categorizados os enunciados, procedeu-se à sua análise a partir das lentes teóricas apresentadas no terceiro capítulo desta dissertação. Nessa etapa, os dados coletados foram examinados, visando à identificação de padrões de hospitalidade presentes na obra. A partir desse processo, foi possível verificar como os enunciados se relacionam com as teorias apresentadas.

Essa dinâmica metodológica, aplicada à obra em sua totalidade, propiciou a identificação das ocorrências que figuram desde o início da viagem da personagem principal, narradas a partir do capítulo III, até o desfecho da trama, no capítulo V. Quatro categorias de seleção foram, então, organizadas: Corpo Coletivo Acolhedor (CCA), hospitalidade encenada, hostilidades e hospitalidade relacional. Como

justificativa para essa seleção, partiu-se da própria indicação feita na obra: Gustav é apresentado como um turista que vai para Veneza, e muitos trechos identificam como a cidade acolhe esse sujeito.

Nessa perspectiva, fez-se metodologicamente necessário considerar a triangulação proposta por Perazzolo, Pereira e Santos (2015) quando apresentam o conceito de Corpo Coletivo Acolhedor, que engloba três vértices: capital cultural, serviços e gestão. Embora seja um construto teórico, é igualmente um construto metodológico, ao apontar direções de análise no que tange, por exemplo, a olhar as cidades e as relações que ocorrem entre os municípios e os turistas.

Esse enfoque permite uma compreensão mais profunda da dinâmica da hospitalidade e da forma como ela se manifesta na relação entre o turista e o destino que ele visita. Assim, ao buscar esses e outros elementos para a análise, é possível obter uma visão mais completa e abrangente sobre o turistar de Gustav von Aschenbach e sobre as dinâmicas de acolhimento.

Outras ressalvas ainda se fazem necessárias. Em relação ao conceito de turismo, que se estrutura no tripé deslocamento, tempo/espço e motivação/desejo, optou-se por dar atenção aos deslocamentos físicos feitos pela personagem, quando motivada por (re)ver a cidade, descobrir o “segredo” que ela está escondendo (a cólera) ou até mesmo perseguir o jovem Tadzio, rapaz que também está de férias no Lido e pelo qual Gustav se sente atraído. Não se optou, nesta pesquisa, por analisar o deslocamento psíquico da personagem nem a forma como ela acolhe suas próprias demandas. Os estudos voltaram-se para as representações de hospitalidade identificadas na obra, na relação de Aschenbach, turista, com a cidade de Veneza.

#### 4.1 LEVANTAMENTO DE ÍNDICES DE HOSPITALIDADE NA OBRA “A MORTE EM VENEZA”: CATEGORIAS IDENTIFICADAS

De acordo com a pesquisa realizada, foram identificados registros que se referem a dinâmicas de hospitalidade ou a práticas da atividade turística. E é a essas manifestações discursivas que se volta a pesquisa, buscando identificar, de forma especial, relações de hospitalidade representadas na obra, a partir de arcabouço teórico mencionado no terceiro capítulo desta dissertação.

Após a leitura de “A morte em Veneza” e a consulta a referenciais teóricos relevantes, foi possível identificar categorias fundamentais para a análise de relações de hospitalidade presentes na obra. A primeira categoria é a de “Corpo Coletivo Acolhedor”, que, como já apresentado, de acordo com Santos e Perazzolo (2012), fundamenta-se na ideia de que o acolhimento ocorre no espaço em que os sujeitos da relação se encontram, se reconhecem, se interagem e se hospedam, gerando transformações mútuas. Nesse sentido, a relação de hospitalidade implica reconhecer o outro como um sujeito singular e como parte de um grupo coletivo.

A partir dessa primeira categoria é que se busca entender dinâmicas de acolhimento que ocorrem na cidade de Veneza, considerados os vértices gestão, cultura e serviços. Ressalta-se que não fará identificação e análise individual de cada um dos vértices, já que, na própria configuração do CCA, serviços, gestão e cultura estão interligados e também por que essa não divisão não interfere no estudo aqui pretendido, ou seja, de identificação e análise de dinâmicas de acolhimento que ocorrem durante a experiência de viagem de Gustav Von Aschenbach. Assim, após identificação de enunciados que remetam ao CCA, procedeu-se a um novo olhar, buscando analisar momentos de acolhimento ou de não -acolhimento (registrados ao longo de toda a obra).

Desse olhar, emergiram três categorias: a) acolhimento encenado; b) não-acolhimento e c) acolhimento genuíno. O acolhimento encenado, presente nas dinâmicas de Gustav Von Aschenbach e Veneza, relaciona-se a construtos teóricos que apontam para a existência de uma hospitalidade encenada, teatralizada, que se refere à maneira como empresas, instituições, gestão e serviços, em geral, apresentam uma imagem padronizada de atendimento e de acolhimento ao público. Tal hospitalidade é frequentemente uma encenação e uma performance elaborada para receber ou até impressionar o turista ou hóspede, configurando-se, assim, como um tipo de hospitalidade, como apresentado no Capítulo III.

A segunda categoria, do não acolhimento, concerne às situações em que Gustav Aschenbach teve o acolhimento negado ou violado. Ou, ainda, casos em que o não acolhimento, embora não esteja explícito, surgem, na obra, como velado, referindo-se, inclusive às impressões que a personagem tem, a partir de suas vivências em Veneza. Nesses casos, a relação entre anfitrião e hóspede é rompida.



Por fim, a última categoria refere-se ao “acolhimento genuíno” que diz respeito à interação dos sujeitos – anfitrião e o hóspede –, cujos papéis se alteram na relação, em que uma efetiva troca é estabelecida. Os indivíduos são responsáveis por criar um espaço de acolhimento mútuo, em que há troca de experiências e transformações. Esse tipo de acolhimento baseia-se, assim, em valores como empatia, respeito e diálogo e pode resultar em relações duradouras e significativas. O acolhimento genuíno destaca a importância de uma abordagem mais colaborativa e horizontal nas relações interpessoais, em que ambas as partes têm a oportunidade de se beneficiar mutuamente.

Na perspectiva adotada para análise, que se manifesta nessas categorias, a hospitalidade engloba uma complexa rede de relações entre grupos, organizações e comunidades, envolvendo aspectos históricos, culturais e sociais.

Tendo isso em vista, os quadros expostos a seguir são fruto da identificação, na obra “A morte em Veneza”, de Thomas Mann, de fragmentos de relações de hospitalidade. Considerando a cidade de Veneza como um Corpo Coletivo Acolhedor, é possível perceber que essas dinâmicas estão presentes de forma constante ao longo da narrativa. O primeiro quadro apresenta os fragmentos que remetem ao Corpo Coletivo Acolhedor, indicando as dinâmicas presentes na cidade, a partir da identificação do organismo gestor, dos serviços e da cultura (Quadro 4). O segundo apresenta fragmentos do acolhimento encenado, tipificado pelos serviços ofertados aos turistas (Quadro 5). O terceiro remete ao não acolhimento, mostrando como os habitantes de Veneza muitas vezes, na narrativa, foram pouco receptivos, até mesmo hostis em relação aos visitantes/ turistas, apresentando como as práticas turísticas nem sempre são abertas ao estrangeiro, que pode ser tolerado, mas não necessariamente compreendido e atendido em suas demandas (Quadro 6). Por fim, o quarto quadro apresenta os fragmentos que se referem ao acolhimento genuíno, destacando a importância dos relacionamentos interpessoais na construção de uma dinâmica de acolhimento e hospitalidade mais genuína e duradoura (Quadro 7).

Ao agrupar esses fragmentos, os quadros permitem uma compreensão mais clara das dinâmicas de acolhimento presentes na obra de Mann, perspectivadas pelo acolhimento ao turista em Veneza. Não estão inseridos, nos quadros, fragmentos que remetem a como a cidade acolhe os seus próprios moradores ou às relações entre os

próprios moradores, em virtude do recorte perspectivado pela própria questão de investigação, que se refere às dinâmicas de hospitalidade relativas ao personagem Gustav von Aschenbach, não cabendo, portanto, análise de fragmentos que remetam, por exemplo, a como Veneza agiu em relação à cólera junto aos munícipes.

O Quadro 4, a seguir, é o mais geral e apresenta dados sobre a categoria do Corpo Coletivo Acolhedor, que possibilita uma compreensão mais aprofundada das interações estabelecidas entre o turista e a cidade, nas dinâmicas de hospitalidade, considerados os vértices de gestão, cultura e serviços. Destaca-se que esses fragmentos serão posteriormente identificados nos quadros subsequentes, evidenciando as relações de acolhimento averiguadas. Como anteriormente referido, os vértices não estão apresentados de forma separada, pois se considera a interrelação entre eles, embora se aponte para qual dos vértices o enunciado parece ter maior relação/adesão.

Quadro 4 – Registros do Corpo Coletivo Acolhedor

ENUNCIADOS	VÉRTICE
Era uma <b>velha embarcação</b> italiana, <b>obsoleta, sombria</b> e coberta de fuligem. Aschenbach nem bem acabara de subir a bordo e imediatamente um <b>marinheiro corcunda e sujo, arreganhando os dentes</b> numa <b>suposta demonstração de polidez</b> , introduziu-o numa cabine artificialmente iluminada, que lembrava <b>uma caverna</b> , onde, sentado atrás de uma mesa, com o chapéu caído de banda sobre a testa e um toco de cigarro no canto da boca, um homem de cavanhaque, com <b>ar de diretor de circo mambembe, simulando com trejeitos</b> a desenvoltura de um homem de negócios, anotava a identidade dos passageiros e providenciava as respectivas passagens (MANN, 2015, p. 25).	Serviço
"Para Veneza!", exclamou ele, repetindo a solicitação de Aschenbach, enquanto estendia o braço e mergulhava a pena no líquido pastoso que ainda restava num tinteiro mantido em posição inclinada. "Para Veneza, primeira classe! <b>Pois não, meu senhor!</b> " <b>Rabiscou uns garranchos</b> , polvilhou-os com a areia azulada que tirou de uma lata, fez com que a areia escorresse para uma tigelinha de barro, dobrou o papel com dedos amarelos e ossudos e voltou a escrever. Enquanto isso, <b>tagarelava</b> : "Uma escolha feliz para uma viagem! Ah, Veneza! Que cidade maravilhosa! Uma cidade de uma atração irresistível para pessoas cultas, não só por sua história como por seus encantos! (MANN, 2015, p. 25).	Serviço
Divirta-se, cavalheiro!" - disse com uma <b>mesura teatral</b> . – <b>É uma honra para mim transportar vossa senhoria</b> .... Próximo – exclamou, levantando o braço e fingindo-se atarefado, muito embora não houvesse mais ninguém que quisesse ser atendido (MANN, 2015, p. 25).	Serviço
A rapidez mecânica dos seus gestos, tanto quanto o palavreado vazio que os acompanhava, quase traíram o esforço de <b>atordoar e distrair o futuro passageiro</b> , como se o homem receasse que este pudesse ainda desistir da ideia de ir a Veneza (MANN, 2015, p. 25).	Serviço
Por voltas do meio-dia, <b>chamaram-no para que almoçasse no salão</b> de refeições, e mais parecia como um corredor e para o qual davam as portas dos camarotes. [...] A comida era pobre, e Aschenbach almoçou depressa (MANN, 2015, p. 27).	Serviço/gestão
Ansiava por voltar ao ar livre, a fim de ver se o céu não ia clarear acima de Veneza" Tivera certeza de que tal aconteceria, já que a <b>cidade sempre o acolhera em todo o seu esplendor. Mas o firmamento, assim como o mar, conservava-se turvo e plúmbeo</b> (MANN, 2015, p. 27).	Cultura
Foi quando surgiu à sua direita a costa plana, <b>barcos pesqueiros</b> animavam o mar, apareceu a <b>ilha dos banhistas</b> , o <b>vapor</b> passou à esquerda dela, deslizando em marcha diminuída através do porto estreito que a ela deve seu nome, e na laguna, de onde se avistavam habitações miseráveis, porém <b>pitorescas</b> , o navio parou por completo, já que deviam aguardar o <b>inspetor de saúde</b> (MANN, 2015, p. 28).	Serviço/cultura
Decorreu uma hora até ela aparecer. Tinham chegado? Sim e não. <b>Ninguém se apressava</b> , e, todavia, a impaciência acoitava-os. Os rapazes de Pula, provavelmente estimulados no seu patriotismo pelas clarinadas militares vindas dos jardins públicos que ressoavam por cima das águas, subiram ao convés e, arrebatados pelo Asti, deram vivas aos <i>bersaglieri</i> (MANN, 2015, p. 28).	Serviço
E Aschenbach tornou a vê-lo, o <b>embarcadouro mais espantoso de todos, aquela deslumbrante combinação de edifícios fantásticos que a República oferecia [...]: a graciosa magnificência do palácio e a Ponte dos Suspiros, as colunas do leão e do santo à beira d'água, o flanco pomposo, saliente do lendário templo, a vista da portada e o gigantesco relógio [...]</b> Aschenbach ponderou que chegar a <b>Veneza</b> por via terrestre, na estação ferroviária, era como entrar em um castelo pela porta dos fundos, e que essa cidade, a mais inverossímil do mundo, <b>somente devia ser alcançada assim como ele o fazia dessa vez: de navio, vindo do alto-mar</b> (MANN, 2015, p. 29).	Cultura/serviço
Aschenbach <b>deu a entender que desejava uma gôndola</b> que o transportasse com as bagagens até a estação dos vaporzinhos que trafegam entre a cidade e o Lido [...] <b>Transmitindo a sua ordem, alguém comunicou-se aos gritos com os gondoleiros</b> , que lá embaixo discutiam entre si no seu dialeto (MANN, 2015, p. 29).	Serviço
Quem não terá de vencer um arrepio fugaz, um medo secreto, um quê de angústia, quando embarcar pela primeira vez ou depois de longos anos de desábito numa gôndola veneziana? Esses curiosos meios de transporte, que não sofrerem nenhuma modificação desde que nos foram legados por uma romanesca, esses <b>barcos tão caracteristicamente negros</b> como são, entre todos os objetos do mundo, <b>apenas os caixões</b> – eles provocam em nós associação a aventuras clandestinas e perversas nas águas noturnas, e ainda mais a própria morte, a fétetos, a sombrios enterros, ao silêncio da última viagem (MANN, 2015, p. 29-30).	Cultura/serviço
Aschenbach percebeu-o ao se sentar aos pés do gondoleiro em frente às suas bagagens, <b>cuidadosamente arrumadas na proa bicuda</b> . Os remadores prosseguiram ralhando uns com os outros, <b>proferindo frases rudes, incompreensíveis, ameaçadoras</b> (MANN, 2015, p. 30).	Serviço
Mas a <b>calma peculiar da cidade aquática parecia acolher suavemente todo aquele vozerio</b> , tirando seu volume e dispersando-o pelas águas. Fazia calor no porto. <b>Sob o morno contato do siroco, o turista refestelado nos coxins sentia-se embalado pelo elemento líquido</b> (MANN, 2015, p. 30).	Cultura/serviço
Pois então, não vai me levar à estação dos vaporetti? - perguntou, meio virado para trás. <b>Cessou o murmúrio, mas não veio resposta</b> . - Ora, vamos à estação dos vaporetti! - insistiu Aschenbach e, dessa vez virou-se totalmente a fim de fitar o rosto do gondoleiro [...] Era um homem de fisionomia desagradável, quase brutal. Usava	Serviço

roupas azuis, à maneira dos marujos, e na cintura uma faixa amarela (MANN, 2015, p. 30).	
[...] ao se sentar aos pés do gondoleiro em frente às suas <b>bagagens, cuidadosamente arrumadas</b> na proa bicuda (MANN, 2015, p. 30).	Serviço
Permanecia calado. Mas o comportamento do homem, a sua <b>aspereza arrogante</b> , tão pouco usual nesse país, parecia-lhe insuportável (MANN, 2015, p. 31).	Serviço
Franzindo a testa, olhava por cima do seu passageiro, enquanto respondia em tom categórico, <b>mesmo rude</b> (MANN, 2015, p. 31).	Serviço
<b>Sozinho na laguna</b> , com esse indivíduo estranhamento insubordinado, teimoso, decidido, o passageiro não sabia como impor a sua vontade (MANN, 2015, p. 31).	Serviço
A hipótese de ter caído nas mãos de um criminoso passou fugazmente pelo espírito de Aschenbach, sem que tivesse força suficiente para alertar e ativar o seu cérebro. Mais <b>antipática</b> afigurava-lhe a possibilidade de que isso redundasse apenas em mera <b>exploração</b> (MANN, 2015, p. 31).	Serviço
<b>Uma indolência mágica</b> parecia emanar do seu assento, dessa cadeira de braços baixinha, com coxins pretos, e que as remadas do tirânico gondoleiro embalavam suavemente (MANN, 2015, p. 31).	Serviço/cultura
Nada disso aconteceu, no entanto, Pelo contrário: <b>surgiram companheiros, um barco cheio de músicos ambulantes</b> , homens e mulheres, a cantarem com acompanhamento de violões e bandolins. Conservando-se <b>importunamente</b> ao lado da gôndola, <b>empestavam o silêncio</b> das águas com seu lirismo venal. Aschenbach <b>atirou algumas moedas no chapéu que lhe estendiam. Em seguida, calaram-se e foram embora</b> (MANN, 2015, p. 32).	Serviço/cultura
Realmente, <b>você rema bem</b> . Mesmo que estiver de olho na minha carteira e me mandar à casa de Hades com uma pancada traiçoeira na cabeça, teria feito uma boa viagem (MANN, 2015, p. 32).	Serviço
Ao regressar, <b>encontrou suas bagagens empilhadas</b> num carrinho junto ao cais, ao passo que a gôndola e o remador haviam sumido (MANN, 2015, p. 32).	Serviço
- Ele deu o fora – disse o ancião. - Não presta. <b>É um sujeito que não tem licença</b> . Olhe, cavalheiro, é o único gondoleiro sem licença. [...] O senhor viajou de graça – disse o velho, enquanto lhe apresentava o chapéu. Aschenbach lhe atirou uma moeda (MANN, 2015, p. 32).	Serviço
Já que fora anunciado, <b>acolheram-no com solicitude e presteza</b> . O gerente [...] <b>falou com ele submissa e cortesmente em sua voz suave</b> . Acompanhou-o no elevador, até o segundo andar, onde lhe mostrou o quarto (MANN, 2015, p. 33).	Gestão/serviço
Era um <b>aposento simpático</b> , [...] <b>enfeitado</b> com flores <b>muito cheirosas</b> e de altas janelas que davam para o mar (MANN, 2015, p. 33).	Serviço
Aschenbach saudava o mar com os olhos, e o fato de saber que Veneza ficava facilmente acessível alegrava-o sobremodo. Finalmente, ele se voltou, lavou o rosto, <b>deu algumas ordens à arrumadeira para completar o seu conforto</b> e deixou-se conduzir ao andar <b>pelo suíço que cuidava do elevador</b> (MANN, 2015, p. 33).	Serviço
Abafados, mesclavam-se os sons de todos os idiomas importantes. O traje que no mundo inteiro se usa de noite, como uma espécie de uniforme da civilização, <b>harmonizava exteriormente quaisquer variantes do tipo humano</b> , fazendo com que se fundissem na mais decorosa unidade (MANN, 2015, p. 34).	Cultura
Por causa das dúvidas, não desfez totalmente as malas. Às nove horas, tomou o café da manhã <b>na salinha reservada</b> para esse fim, entre o saguão e o salão de refeições (MANN, 2015, p. 37).	Serviço
Ali reinava aquele <b>silêncio solene</b> que todos os grandes hotéis ambicionavam. <b>Os garçons atendiam os hóspedes a passo inaudível</b> . O esporádico tinido da baixela, uma ou outra palavra sussurrada era os ruídos que se ouviam (MANN, 2015, p. 37).	Serviço
[...] <b>recebeu do porteiro</b> que surgiu na salinha, com o boné engalado na mão, <b>a correspondência</b> que acabavam de remeter-lhe e abriu algumas cartas enquanto fumava um cigarro (MANN, 2015, p. 37).	Serviço
Entre manifestações de solicitude do pessoal, atravessou o saguão e desceu pelo vasto terraço rumo ao trapiche, de onde se encaminhou à <b>praia reservada para os hóspedes do hotel</b> . Fez com que o velhote descalço de blusa de marujo, calças de linho e chapéu de palha, que ali exercia as funções de almoxarife, lhe indicasse a barraca alugada a ele. <b>Em seguida deu ordens para que levassem para fora a mesa e cadeira de lona e as colocassem na plataforma</b> de tábuas areentas. Refestelou-se na espreguiçadeira que ele mesmo puxara até a beira-mar através da areia cor de cera (MANN, 2015, p. 38).	Serviço
<b>A paisagem da praia</b> , esse panorama de despreocupada cultura, que, à margem do elemento, se entrega aos prazeres dos sentidos, <b>distraía-o e deliciava-o como sempre</b> (MANN, 2015, p. 38).	Cultura
A cuidadosa elegância matinal exibia-se ao lado da nudez, que saboreava, confortável e atrevida, as <b>liberdades peculiares do lugar</b> . Mais adiante, na areia úmida e firme, <b>passeavam</b> alguns, trajando roupões brancos ou largas camisolas de cores berrantes (MANN, 2015, p. 38).	Cultura
Vendedores de mariscos, bolos e frutas <b>acocoravam-se para oferecer sua mercadoria</b> [...] uma senhoria báltica que, sentada ao pé de um cavalete, <b>pintava o mar</b> sob exclamações de desespero (MANN, 2015, p. 39).	Serviço
Virando para a direita a cabeça <b>confortavelmente</b> encostada no <b>espaldar da espreguiçadeira</b> , pôs-se novamente a observar as atividades do formoso Adgio (MANN, 2015, p. 40).	Serviço
Fazia calor, muito embora o sol não conseguisse penetrar as camadas das brumas. <b>A lassidão paralisava</b> o espírito, ao passo que os sentidos se regozijavam com o <b>atordoante espetáculo da calmaria</b> (MANN, 2015, p. 41).	Cultura
Cerrando os olhos, Aschenbach escutava a melodia que ressoava no seu íntimo e mais uma vez achou que <b>era bom encontrar-se nesse lugar</b> e que convinha ficar (MANN, 2015, p. 42).	Cultura

<p>Passou duas horas no quarto. De tardezinha, foi a Veneza, <b>atravessando com o vaporetto</b> a laguna que exalava um cheiro de <b>podridão</b>. <b>Desembarcou em San Marco</b>. <b>Tomou o chá na praça</b>. A seguir, de acordo com seu <b>plano preestabelecido</b>, <b>iniciou um passeio pelas ruas</b>. Mas foi justamente essa caminhada o que provocou uma reviravolta completa da sua disposição de alma e de suas decisões. Um <b>mormaço nojento</b> pairava por cima das vielas. <b>O ar estava tão pesado que os odores que se desprendiam das habitações, das lojas e dos restaurantes, vapores de óleo, nuvens de perfume e muitos outros ainda, formavam uma bruma que não se dispersava</b> (MANN, 2015, p. 43).</p>	Serviço
<p>A angústia oprimia-lhe o peito. Aschenbach tinha febre. O sangue lhe latejava na cabeça. Fugindo da <b>aglomeração do bairro comercial</b>, passou por várias pontes, até chegar às moradias dos pobres. Ali o <b>importunavam mendigos</b>, e o <b>fedor dos canais</b> lhe tiravam a vontade de respirar. Numa <b>pracinha sossegada</b>, um desses sítios esquecidos, como que encantados, que <b>às vezes se nos deparam no âmagão de Veneza, descansou na beirada de um chafariz</b>. Enquanto enxugava a testa, convenceu-se de que <b>urgia partir</b> (MANN, 2015, p. 43).</p>	Serviço/cultura
<p>Pela segunda vez, e agora de forma definitiva, manifestara-se que a <b>cidade</b>, com esse tempo, <b>era-lhe sumamente prejudicial</b>. Teimar em permanecer parecia absurdo. Havia poucas probabilidades de uma mudança de vento (MANN, 2015, p. 43).</p>	Serviços e gestão
<p>Custou-lhe chegar a seu destino, uma vez que o gondoleiro, conluído com algumas fábricas de rendas e artefatos de vidro, se <b>esforçava em toda parte por fazê-lo descer para visitas e compras</b>, e sempre que a originalidade do passeio pelo coração de <b>Veneza começasse a exercer o seu encanto</b>, intervinha o espírito mercantil, explorador, da decadida rainha, para que a alma do turista novamente se tornasse sóbria e abatida (MANN, 2015, p. 44).</p>	Serviço/gestão
<p>[...] Aschenbach avisou ainda antes do jantar o pessoal da recepção de que circunstâncias imprevistas o forçavam a partir na manhã seguinte. <b>Lamentaram e cobraram a conta</b> (MANN, 2015, p. 44).</p>	Serviço
<p>Alguns [hóspedes] entravam enquanto ele se sentava à mesa, à <b>espera de que o garçom lhe servisse o que pedira</b> (MANN, 2015, p. 44).</p>	Serviço
<p>[...] o porteiro, com o boné na mão, aproximou-se de Aschenbach para pedir-lhe que se apressasse. [...] Aschenbach, por sua vez, achava que absolutamente não tinha pressa. Sobrava-lhe mais de uma hora até a partida do trem. Sempre <b>se aborrecia com o mau hábito dos hoteleiros de desembarcarem-se antes do tempo dos hóspedes desejosos de partir</b>. Indicou ao porteiro que fazia questão de tomar tranquilamente seu chá. Hesitante, o homem retirou-se, mas cinco minutos após voltou, asseverando que o carro não podia esperar por mais tempo. Pois então, que se fosse e levasse as malas – respondeu Aschenbach, irritado [...] Que lhe fizesse o favor de deixar com ele o problema de sua travessia. <b>O empregado curvou-se respeitosamente</b>. Satisfeito por ter se livrado da amolação importuna, terminou, sem nenhuma pressa, sua refeição (MANN, 2015, p. 45).</p>	Serviço
<p>Então partiu, depois de ter distribuído as gorjetas. O pequeno gerente, <b>solícito como sempre</b>, na sua sobrecasaca francesa, <b>apresentou-lhe as despedidas</b>. [...] abandonou o hotel seguido por um criado que carrega as suas valises (MANN, 2015, p. 45).</p>	Serviço/gestão
<p>Nesse meio tempo, <b>o vaporetto</b> aproximava-se de estação ferroviária. O sofrimento e a sensação de desemprego aumentaram, convertendo-se em uma confusão completa. Nesse transe doloroso, partir parecia tão impossível quanto ficar. Intimamente dilacerado, entrou <b>na estação</b>. Aschenbach apressou-se por comprar o bilhete. No formigueiro do saguão, <b>procurou o funcionário do hotel que ali devia estar de plantão</b>. <b>O moço apresentou-se para avisar que a mala grande já fora despachada</b>. Despachada? Pois não! Para como. Para como? E de um diálogo açodado, mescla de perguntas iradas e respostas constrangidas, ressaltou o seguinte: <b>o serviço de transportes do hotel Excelsior enviara a mala, junto com outras bagagens estranhas, numa direção totalmente errada!</b> (MANN, 2015, p. 46-47).</p>	Serviço
<p>Ali, <b>um ônibus esperava o hóspede</b> regressado e conduzia-o ao longo do mar encrespado diretamente ao Hotel Balneário. <b>O gerentezinho bigodudo</b>, na sua sobrecasaca muito justa, <b>desceu pela escadaria a fim de cumprimentá-lo</b>. <b>Solicitamente, em voz suave, deplorou o engano ocorrido, qualificando-o de sumamente tanto para ele próprio quanto para o estabelecimento</b>. Aprovou, porém, enfaticamente a resolução de Aschenbach que aguardar no Lido a volta da mala. Era bem verdade que <b>o seu apartamento já estava ocupado, mas outro, nada inferior, estaria disponível</b>. (MANN, 2015, p. 48).</p>	Serviço
<p><b>Condescendente, saudava o guarda na entrada</b> e também o velhote descalço, de barba branca, que acabava de preparar-lhe o local, estendendo o toldo pardo [...] (MANN, 2015, p. 52).</p>	Serviço
<p>Aschenbach se levantava e, levemente agasalhado por causa do frio matinal, sentava-se junto àquela janela aberta, a fim de aguardar o nascer do sol. Aquele fenômeno maravilhoso enchia de reverência o espírito enaltecido pelo sono. Ainda o céu, a terra, o mar jaziam na fantasmagórica, <b>vítreo palidez do crepúsculo</b>. Ainda boiava no espaço vago uma estrela prestes a esvaecer. <b>Mas já vinha uma aura, aviso alado, a chegar de moradas inatingíveis e que lhe sussurrava que Eros se erguia, despedindo-se do esposo</b> (MANN, 2015, p. 57).</p>	Cultura
<p><b>Enquanto sorvia o chá</b>, sentando em uma mesinha redonda de ferro, no lado da sombra da praça (MANN, 2015, p. 61).</p>	Serviço
<p>Certo dia, porém, na barbearia que ele a essa época visitava mais amiúde, apanhou no curso das conversas uma palavra que o deixou perplexo. O barbeiro mencionara uma família alemã que acabava de partir, apenas poucos dias depois de chegar, <b>e tagarelando, à sua maneira adulatora</b>, acrescentará: - Mas o senhor fica aqui. Não tem medo do mal. Encarando-o, Aschenbach repetira: - Do mal? O palrador emudecera, <b> fingindo-se ocupado</b>. Fizera <b>como se não tivesse ouvido</b> a pergunta, e quando Aschenbach insistia, dissera que na verdade não sabia de nada. Com encabulada</p>	Serviço

verbosidade (MANN, 2015, p. 61).	
Ao dono de uma loja, o qual se recostava à porta do seu estabelecimento [...] pediu informações <b>acerca do odor desagradável</b> . Depois de fixar nele os olhos mortiços, o homem animou-se precipitadamente: - É apenas uma medida preventiva, cavalheiro! – respondeu, gesticulando, uma ordem muito acertada da polícia (MANN, 2015, p. 62).	Gestão
Nas esquinas, havia <b>cartazes afixados, advertindo paternalmente a população da cidade</b> que, devido a certas modéstias do sistema gástrico, perfeitamente normais a essa época do ano, se abstinésse do consumo de ostras, mariscos e também da água dos canais. Era evidente o caráter paliativo do edital (MANN, 2015, p. 62).	Gestão
Também no <b>vapor que o levava de volta</b> ao Lido sentiu dessa vez o <b>cheiro</b> do desinfetante (MANN, 2015, p. 62).	Serviço
Assim, sentia Aschenbach um obscuro contentamento em face daquilo que ocorria em face nas ruelas imundas de Veneza e que as <b>autoridades se empenhavam em esconder</b> – esse sinistro segredo da cidade que se confundia com o seu próprio segredo, que tanto lhe importava ocultar (MANN, 2015, p. 62-63).	Gestão
Apressadamente, em voz baixa, orientava o remador, prometendo-lhe uma farta gorjeta, se seguisse despercebidamente e a alguma distância aquela gôndola que nesse momento dobrava determinada esquina. Arrepiava-se quando o indivíduo, com a obsequiosidade de um alcoviteiro, afiançava-lhe que suas ordens seriam executadas, que ele seria servido escrupulosamente (MANN, 2015, p. 64).	Serviço
O ar estava calmo, <b>fétido</b> . O sol ardia violentamente através das brumas, que davam ao céu uma cor parecida com a da ardósia. Ouvia-se barulho de água a bater contra a madeira e a pedra. <b>Os gritos do gondoleiro</b> , mescla de advertência e de saudação, <b>recebiam, em meio ao silêncio do labirinto</b> , respostas baseadas em estranhas combinações. Um mendigo, de cócoras, estendia o chapéu, lamentando-se da sua miséria e mostrando o branco dos olhos, como se estivesse cego. Um antiquário postado em frente do seu antro convidava o passageiro com gestos submissos para que entrasse e se deixasse lograr. Sim, <b>essa era Veneza, a insinuante e suspeita beldade, mistura de conto de fadas e de armadilhas para caçar forasteiros</b> (MANN, 2015, p. 64).	Cultura
Lembrando-se também de que a cidade estava doente e <b>disfarçava esse fato por mera ganância</b> , lançava olhares cada vez mais desenfreados em direção à gôndola que deslizava à sua frente (MANN, 2015, p. 64).	Cultura/gestão/serviço
Um antiquário postado em frente do seu antro, <b>convidava</b> o passageiro com <b>gestos submissos</b> para que <b>entrasse</b> e se deixasse lograr. Sim, essa era Veneza, a insinuante e suspeita beldade, mistura de contos de fada e de armadilha para caçar forasteiros [...] (MANN, 2015, p. 64).	Serviço
[...] e, como lhe <b>vedassem o acesso</b> a ele [segredo], encontrava [Aschenbach] uma satisfação esquisita em dirigir perguntas insidiosas a pessoas inteiradas em induzir essa gente conluiada num pacto de sigilo a mentir <b>descaradamente</b> (MANN, 2015, p. 66).	Gestão
[...] Aferrando-se à ideia de obter informações novas, confirmadas, sobre o estado ou progresso do mal, esquadrihava nos cafés da cidade <b>os jornais da sua terra, que, havia vários dias, tinham sumido da mesa de leitura do hotel. Neles se revezavam asseverações e desmentidos</b> (MANN, 2015, p. 66).	Serviço/Gestão/cultura
[...] dirigia ininterrupta e teimosamente uma atenção indiscreta <b>aos sórdidos acontecimentos</b> que se davam no seio de Veneza [...] (MANN, 2015, p. 66).	Gestão
Certa feita, durante o café da manhã no salão grande, [Aschenbach] <b>interpelou o gerente</b> , aquele baixinho de andar inaudível e sobrecasaca à francesa. No curso da ronda que fazia pelo recinto, <b>cumprimentando</b> os hóspedes e fiscalizando o serviço, o homem estacara junto à mesa de Aschenbach, a fim de dizer-lhe <b>algumas gentilezas</b> . Foi quando o escritor lhe perguntou com ar displicente e casual por que cargas-d'água estavam, desde algum tempo, a desinfetar Veneza. - Trata-se – respondeu-lhe o <b>velhacão</b> – de uma <b>medida policial</b> , destinada a prevenir e coibir em tempo certos inconvenientes ou distúrbios de saúde pública que talvez possam ser originados pelo tempo abafado, excessivamente calmoso (MANN, 2015, p. 66).	Gestão/serviço
O número de casos de contágio ou de óbitos elevava-se a vinte, quarenta, cem ou mais, e, logo depois, qualquer existência da epidemia, quando não negada categoricamente, <b>era reduzida a alguns casos isolados, importados de fora</b> (MANN, 2015, p. 66).	Gestão
De permeio, havia dúvidas, advertências, protestos contra <b>o jogo perigoso das autoridades italianas</b> (MANN, 2015, p. 66).	Gestão
À noite desse mesmo dia, depois do jantar, aconteceu que uma bandinha de cantores ambulantes, vindos da cidade, se exibisse no jardim da frente da hospedaria. [...] em direção ao amplo terraço onde os hóspedes se dignavam de assistir a esse espetáculo popular enquanto tomavam chá ou refrescos (MANN, 2015, p. 67).	Cultura
- Mas, ao abrir os olhos azuis, topou com o olhar do freguês, um olhar cansado, um tanto triste, que se fixava em seus lábios com uma expressão de leve desdém. E o inglês ruborizou-se: - Esta é, pelo menos – continuou falando em voz abafada e com certo nervosismo –, a explicação oficial, na qual por enquanto teimam em insistir. Posso lhe dizer que por atrás dela se escondem fatos muito diferentes. Então disse a verdade, servindo-se de seu idioma honesto, confortável. Havia vários anos que a cólera indiana demonstrava crescente tendência de se propagar e de migrar de uma país para outro (MANN, 2015, p. 72).	Serviço
Na tarde do dia seguinte, o teimoso Aschenbach já deu novo passo em continuação a seus esforços de sondar o mundo exterior, e dessa vez teve pleno êxito. [...] entrou na agência de turismo britânica e, após ter trocado algum dinheiro na caixa, dirigiu ao funcionário que o atendia a sua incômoda	

pergunta, fingindo-se forasteiro desconfiado. Seu interlocutor era um jovem inglês [...] Conduzia-se com aquela lealdade ponderada que nos afigura tão estranha e digna de nota no meio dos ágeis e safados povos do sul. O moço começou dizendo: - Não há nenhum motivo para preocupações, Sir. Trata-se de uma medida sem grande importância. Precauções dessa espécie são comuns e tencionam evitar os efeitos nocivos do calor e do siroco [...] (MANN, 2015, p. 73).	Serviço
[...] As autoridades venezianas mandaram responder que as condições higiênicas da cidade eram melhores do que nunca e tomaram as providências necessária para a debelação da praga. Mas provavelmente ocorrera alguma contaminação de alimentos, talvez de verduras, ou carne, ou leite, uma vez que o mal, por mais que o negassem ou disfarçassem, disseminava-se pelas vielas estreitas (MANN, 2015, p. 73).	Gestão
Mas o medo de um prejuízo geral, a consideração pela recém-inaugurada exposição de pintura nos jardins públicos, o receio de enormes perdas que, no caso de um pânico ou um descrédito da cidade, sofreriam os hotéis, os lojistas e todos os ramos da exploração do turismo, evidenciou-se mais poderoso do que o amor à verdade e o respeito aos convênios internacionais. Em virtude disso, as autoridades aferravam-se obstinadamente à sua política de silêncio, desmentindo todo e qualquer boato. O diretor do Departamento de Saúde da cidade, homem de grandes méritos, demitira-se, indignado, de seu posto e fora substituído, convenientemente, por uma personalidade mais dócil. O povo sabia dessas ocorrências, e a corrupção da alta sociedade combinava com a insegurança reinante devido à situação anormal que o progresso da produzia em Veneza (MANN, 2015, p. 73-74).	Cultura/serviço/gestão
O povo sabia dessas ocorrências, e a corrupção da alta sociedade, em combinação com a insegurança reinante devido à situação anormal que o progresso da mortalidade produzia em Veneza, provocava muita depravação das camadas baixas da população, dando estímulo a certos instintos obscuros, antissociais (MANN, 2015, p. 74).	cultura
Em face de tudo isso, o inglês chegou à conclusão decisiva - O senhor faria bem – terminou – <b>se partisse já</b> . Melhor hoje do que amanhã. <b>A quarentena deverá ser decretada</b> dentro de poucos dias no máximo (MANN, 2015, p. 74).	Serviço
Na praia, numerosas <b>barracas estavam vazias</b> . A frequência da sala de refeições diminuía muito, e na cidade só raras vezes se viu forasteiros. A verdade parecia ter transpirado. Por tenazmente que os interessados se aferrem à sua solidariedade, já não era possível deter o pânico (MANN, 2015, p. 77).	Serviço/gestão
Tudo isso o levava a tonificar-se e restaurar-se fisicamente, fazendo com que frequentasse amiudadamente a barbearia do hotel [...] – Grisalho! Disse, crispando a boca [...] O senhor por exemplo, tem direito à sua cor natural. Permita que lhe restitua o que lhe pertence! - Mas como? – perguntou Aschenbach. Então o profissional <b>eloquente lavou os cabelos do freguês</b> com duas espécies de loções [...] e seus cabelos voltaram a ser negros como nos dias de sua juventude (MANN, 2015, p. 77-78).	Serviço
<b>Uma pracinha vazia, como que encantada, descortinava-se a seus olhos</b> . Aschenbach reconheceu-a. Era a mesma na qual, semanas antes, forjara aquele frustrado plano de fuga. Deixou-se cair nos degraus da cisterna, no meio do recinto. Encostou a testa nas pedras da rotunda, ali, tudo era sossego. Entre as lajes crescia capim. Lixo estava espalhado em toda parte (MANN, 2015, p. 80).	Cultura
<b>A praia estava inóspita</b> . Pela vasta e rasa faixa de água que a separava do primeiro dos extensos bancos de areia, corriam de frente para trás arrepios que encrespavam a superfície. Uma atmosfera de outono, de passado, parecia pairar sobre o lugar de veraneio, outrora cheio de vida colorida e a essa altura <b>abandonada</b> . Já <b>não cuidavam do asseio da praia</b> . Uma máquina fotográfica, aparentemente sem dono, erguia-se sobre o seu tripé, à beira-mar, e um pano preto que a cobria era <b>sacudido pelo vento cada vez mais frio</b> (MANN, 2015, p. 82).	Gestão
Decorreram alguns minutos <b>antes que alguém acudisse</b> ao hóspede que acabava de desmaiar, com o corpo prostrado sobre o braço da cadeira. Levaram-no ao quarto. E no mesmo dia ainda o mundo recebeu, com reverência e comoção, a notícia de sua morte (MANN, 2015, p. 83).	Serviço

Fonte: elaborado pelo autor.

Os registros, que serão posteriormente analisados, revelam dinâmicas relacionadas às formas de ser da cidade, incluindo as dinâmicas do hotel em que Gustav se encontra hospedado. Como exemplificativo, tem-se o fragmento: “Já que fora anunciado, **acolheram-no com solicitude e presteza**. O gerente [...] falou com ele **submissa e cortesmente** em sua **voz suave**. **Acompanhou-o** no elevador, até o segundo andar, onde lhe mostrou o quarto” (MANN, 2015, p. 33). “Ali reinava aquele **silêncio solene** que todos os grandes hotéis ambicionavam. Os garçons atendiam os

hóspedes **a passo inaudível**. O esporádico tinido da baixela, uma ou outra palavra sussurrada era os ruídos que se ouviam”. (MANN, 2015, p. 37) (grifos nossos).

Menção às belezas da paisagem natural, às edificações e aos atrativos turísticos são feitas ao longo da obra (e nem todas se encontram no quadro, que é apenas exemplificativo), o que contribui para a formação de uma imagem positiva da cidade. “A paisagem da praia, esse panorama de despreocupada cultura, que, à margem do elemento, se entrega aos prazeres dos sentidos, distraía-o e deliciava-o como sempre”. (MANN, 2015, p. 38).

Porém, igualmente, o narrador aponta para o segredo que Veneza esconde de seus turistas/hóspedes – a cólera. [...] e, como lhe vedassem o acesso a ele [segredo], encontrava [Aschenbach] uma satisfação esquisita em dirigir perguntas insidiosas a pessoas inteiradas em induzir essa gente conluiada num pacto de sigilo a mentir descaradamente (MANN, 2015, p. 66). [...] . Foi quando o escritor lhe perguntou com ar displicente e casual por que cargas-d’água estavam, desde algum tempo, a desinfetar Veneza. - Trata-se – respondeu-lhe o velhacão – de uma medida policial, destinada a prevenir e coibir em tempo certos inconvenientes ou distúrbios de saúde pública que talvez possam ser originados pelo tempo abafado, excessivamente calmoso. [...] (MANN, 2015, p. 66).

Ao proceder à leitura dos fragmentos selecionados, é possível identificar que as dinâmicas relacionais entre Gustav von Aschenbach (turista) e a cidade de Veneza (considerados os vértices do Corpo Coletivo Acolhedor) apontam para uma dualidade que se estende por toda a narrativa: há movimentos de acolhimento, assim como movimentos de inospitalidade.

Pelos fragmentos coletados ao longo da obra, tem-se que os cidadãos de Veneza se identificam com uma cidade turística, tanto que suas ações revelam que vivem do setor turístico. É o turismo que movimenta a economia do lugar. “Mas o medo de um prejuízo geral, a consideração pela recém-inaugurada exposição de pintura nos jardins públicos, o receio de enormes perdas que, no caso de um pânico ou um descrédito da cidade, sofreriam os hotéis, os lojistas e todos os ramos da exploração do turismo, evidenciou-se mais poderoso do que o amor à verdade e o respeito aos convênios internacionais. Em virtude disso, as autoridades aferravam-se



obstinadamente à sua política de silêncio, desmentindo todo e qualquer boato”. (MANN, 2015, p. 73-74)

Em relação ao conjunto de serviços, a obra “A Morte em Veneza” apresenta uma cidade bem estruturada, capaz de receber os visitantes. Há referências ao segmento hoteleiro, a rede de restaurantes e bares, ao comércio e ao entretenimento. “Enquanto sorvia o chá, sentando em uma mesinha redonda de ferro, no lado da sombra da praça”. (MANN, 2015, p. 61). “Ali, um ônibus esperava o hóspede regressado e conduzia-o ao longo do mar encrespado diretamente ao Hotel Balneário. O gerentzinho bigodudo, na sua sobrecasaca muito justa, desceu pela escadaria a fim de cumprimentá-lo”. (MANN, 2015, p. 48). “Certo dia, porém, na barbearia que ele a essa época visitava mais amiúde, apanhou no curso das conversas uma palavra que o deixou perplexo”. (MANN, 2015, p. 61). “Ao dono de uma loja, o qual se recostava à porta do seu estabelecimento”. [...] pediu informações acerca do olor desagradável.

Metaforicamente, as “mãos” (serviços) do Corpo Coletivo Acolhedor (Veneza) abrem-se para receber o turista, representando simbolicamente a disposição e a prontidão da cidade em receber o turista de forma acolhedora. Essa imagem evoca a ideia de mãos abertas, estendidas e receptivas, prontas para receber e guiar os visitantes que chegam à cidade.

Em relação ao organismo gestor, perceptível a logística que aponta para a infraestrutura da cidade, em especial, aos transportes. Tanto o setor público quanto o privado são referenciados, reforçando o quando Veneza se articula para a recepção e permanência do turista. Tanto para chegar ao destino Veneza, como para transitar por entre seus atrativos, o setor de transporte mostra-se eficiente. “Uma lancha veloz conduziu Aschenbach e sua bagagem pelas águas de volta ao porto militar”. (MANN, 2015, p. 25). “Ali, um ônibus esperava o hóspede regressado e conduzia-o ao longo do mar encrespado diretamente ao Hotel Balneário”. (MANN, 2015, p. 48). “Os gritos do gondoleiro, mescla de advertência e de saudação, recebiam, em meio ao silêncio do labirinto, respostas baseadas em estranhas combinações”. (MANN, 2015, p. 64).

Em relação ao terceiro vértice do CCA, o do conhecimento e da cultura, há de se destacar a própria paisagem da cidade que é apropriada pelos cidadãos como um diferencial turístico – o que faz com que eles próprios destaquem a sua importância –

é, portanto, um espaço socialmente construído. “Mas a calma peculiar da cidade aquática parecia acolher suavemente todo aquele vozerio, tirando seu volume e dispersando-o pelas águas. Fazia calor no porto. Sob o morno contato do siroco, o turista refestelado nos coxins sentia-se embalado pelo elemento líquido”. (MANN, 2015, p. 30). “A paisagem da praia, esse panorama de despreocupada cultura, que, à margem do elemento, se entrega aos prazeres dos sentidos, distraía-o e deliciava-o como sempre”. (MANN, 2015, p. 38). A comunidade vê-se como turística – e isso caracterizará, na obra, tanto os momentos de hospitalidade quanto os de inospitalidade.

Esse terceiro vértice marca, portanto, como a comunidade se organiza: seus valores e saberes. É, enfim, como uma comunidade vive a sua própria cidade.

Os três quadros expostos a seguir registram, de forma amiúde, relações de hospitalidade, a partir da categorização da hospitalidade identificada: a hospitalidade encenada, as inospitalidades e a hospitalidade relacional.

O Quadro 5, apresenta o agrupamento representativo da hospitalidade comercial/encenada. A recuperação de fragmentos literários identificados para essa categoria soma o maior número exemplificativo, coadunando-se à ideia de que Veneza vê-se como uma cidade turística. A maior parte dos trechos selecionados revelam como é a recepção do turista pelos diferentes serviços ofertados, em especial ao setor hoteleiro e comercial.

### Quadro 5 – Registros da hospitalidade encenada: fragmentos identificados

<p>Uma lancha veloz conduziu Aschenbach e sua bagagem pelas águas de volta ao porto militar. Apenas desembarcado, subiu [...] ao convés úmido de um navio que estava pronto para zarpar rumo a Veneza. “[...] Num camarote cavernoso, artificialmente iluminado, para onde um marujo corcunda, pouco asseado, de <b>solicitude caricatural</b>, levou Aschenbach logo depois do embarque, encontrava-se sentado atrás de uma mesa um homem de cavanhaque cuja fisionomia recordava o <b>diretor de um circo provinciano</b>. [...] Com um <b>arremedo de elegância</b> e desembaraço, preenchia as fichas dos passageiros e entregava-lhes as passagens (MANN, 2015, p. 25).</p>
<p>- Como o senhor escolheu bem o seu destino! - <b>tagarelou</b>. - Essa Veneza! Que cidade magnífica! Uma cidade de atração irresistível para qualquer pessoa culta, não só pela sua história, como também pelos seus encantos atuais! (MANN, 2015, p. 25).</p>
<p>A <b>rapidez</b> mecânica dos seus gestos, tanto quanto o palavreado vazio que os acompanhava, quase traíam o <b>esforço de atordoar e distrair o futuro passageiro</b>, como se o homem receasse que este pudesse ainda desistir da ideia de ir a Veneza (MANN, 2015, p. 25).</p>
<p>Divirta-se, cavalheiro! - disse com uma <b>mesura teatral</b>. - É uma honra para mim transportar vossa senhoria ... Próximo! - exclamou, levantando o braço e fingindo-se de atarefado, muito embora não houvesse mais ninguém que quisesse ser atendido (MANN, 2015, p. 25).</p>
<p>[...] surgiram companheiros, um barco cheio de músicos ambulantes, homens e mulheres, a cantarem com acompanhamento de violões e bandolins. Conservando-se <b>importunadamente</b> ao lado da gôndola, <b>empestavam</b> o silêncio das águas com seu lirismo venal. Aschenbach <b>atirou algumas moedas no chapéu que lhe estendiam. Em seguida, calaram-se e foram embora</b> (MANN, 2015, p. 32).</p>
<p><b>Já que fora anunciado</b>, acolheram-no com solicitude e presteza. O gerente [...] falou com ele <b>submissa e cortesmente</b> em sua <b>voz suave. Acompanhou-o no elevador</b>, até o segundo andar, onde lhe mostrou o quarto (MANN, 2015, p. 33).</p>
<p>[...] Aschenbach avisou ainda antes do jantar o pessoal da recepção de que circunstâncias imprevistas o forçavam a partir na manhã seguinte. <b>Lamentaram e cobraram a conta</b> (MANN, 2015, p. 44).</p>
<p>Alguns [hóspedes] entravam enquanto ele se sentava à mesa, à espera <b>de que o garçom lhe servisse o que pedira</b> (MANN, 2015, p. 44).</p>
<p>[...] o porteiro, com o boné na mão, aproximou-se de Aschenbach para <b>pedir-lhe que se apressasse</b>. [...] Aschenbach, por sua vez, <b>achava que absolutamente não tinha pressa</b>. Sobrava-lhe mais de uma hora até a partida do trem. <b>Sempre se aborrecia com o mau hábito dos hoteleiros de desembarcarem-se antes do tempo dos hóspedes desejosos de partir</b>. Indicou ao porteiro que fazia questão de tomar tranquilamente seu chá. <b>Hesitante, o homem retirou-se, mas cinco minutos após voltou, asseverando que o carro não podia esperar por mais tempo</b>. Pois então, que se fosse e levasse as malas – respondeu Aschenbach, irritado [...] Que lhe fizesse o favor de deixar com ele o problema de sua travessia. O empregado <b>curvou-se respeitosamente</b>. Satisfeito por ter se livrado da <b>amolação importuna</b>, terminou, sem nenhuma pressa, sua refeição (MANN, 2015, p. 45).</p>
<p>Então partiu, <b>depois de ter distribuído as gorjetas</b>. O pequeno gerente, <b>solicito como sempre</b>, na sua sobrecasaca francesa, apresentou-lhe as despedidas. [...] abandonou o hotel seguido por um criado que carrega as suas valises. (MANN, 2015, p. 45).</p>
<p>No formigueiro do saguão, procurou o funcionário do hotel que ali devia estar de plantão. O moço apresentou-se para avisar que a mala grande já fora despachada” Despachada? Pois não. Para Como. Para Como? E de um diálogo <b>açodado, mescla de perguntas iradas e respostas constrangidas</b>, ressaltou o seguinte: o serviço de transportes do Hotel Excelsior <b>enviara a mala, junto com outras bagagens estranhas, numa direção totalmente errada!</b> (MANN, 2015, p. 46-47).</p>
<p>Ali, um ônibus esperava o hóspede regressado e conduzia-o ao longo do mar encrespado diretamente ao Hotel Balneário. O gerentezinho bigodudo, na sua sobrecasaca muito justa, desceu pela escadaria a fim de cumprimentá-lo. <b>Solicitamente, em voz suave, deplorou o engano ocorrido</b>, qualificando-o de sumamente tanto para ele próprio quanto para o estabelecimento. Aprovou, porém, enfaticamente a resolução de Aschenbach que aguardar no Lido a volta da mala. <b>Era bem verdade que o seu apartamento já estava ocupado, mas outro, nada inferior, estaria disponível</b> (MANN, 2015, p. 48).</p>
<p>Durante dois dias, teve de <b>suportar algumas privações</b>, que o obrigavam a trajar o seu terno de viagem [...] <b>até que enfim colocaram no chão do seu quarto o volume extraviado</b> (MANN, 2015, p. 50).</p>
<p>“<b>Condescendente</b>, saudava o guarda na entrada e também o velhote descalço, de barba branca, que acabava de preparar-lhe o local, estendendo o toldo pardo [...] (MANN, 2015, p. 52).</p>
<p>Ao dono de uma loja, o qual se recostava à porta do seu estabelecimento [...] pediu informações acerca do olor desagradável. Depois de fixar nele os olhos mortiços, o homem animou-se precipitadamente: - É apenas uma medida preventiva, <b>cavalheiro!</b> – respondeu, <b>gesticulando, Uma ordem muito acertada da polícia</b> (MANN, 2015, p. 62).</p>
<p>Apressadamente, em voz baixa, orientava o remador, <b>prometendo-lhe uma farta gorjeta</b>, se seguisse despercebidamente e a alguma distância aquela gôndola que nesse momento dobrava determinada esquina. Arrepiava-se quando o indivíduo, <b>com a obsequiosidade de um alcoviteiro</b>, afiançava-lhe que suas ordens seriam executadas, que ele <b>seria servido escrupulosamente</b> (MANN, 2015, p. 64).</p>
<p>Um antiquário postado em frente do seu antro, <b>convidava o passageiro com gestos submissos para que entrasse e se deixasse lograr</b>. Sim, essa era Veneza, a insinuante e suspeita beldade, mistura de contos de fada e <b>de armadilha para caçar forasteiros</b> [...] (MANN, 2015, p. 64).</p>
<p>Certa feita, durante o café da manhã no salão grande, [Aschenbach] interpelou o gerente, <b>aquele baixinho de andar inaudível</b> e sobrecasaca à francesa. No curso da ronda que fazia pelo recinto, <b>cumprimentando os hóspedes e fiscalizando o serviço</b>, o homem estacara junto à mesa de Aschenbach, a fim de <b>dizer-lhe algumas gentilezas</b>. Foi quando o escritor lhe perguntou com ar displicente e casual por que cargas-d’água estavam, desde algum tempo, a desinfetar Veneza. - Trata-se – respondeu-lhe o velhacão – de uma medida policial, destinada a prevenir e coibir em tempo certos inconvenientes ou distúrbios de saúde pública que talvez possam ser originados pelo tempo abafado, excessivamente calmoso (MANN, 2015, p. 66).</p>

<p>À noite desse mesmo dia, depois do jantar, aconteceu que uma bandinha de cantores ambulantes, vindos da cidade, se exibisse no jardim da frente da hospedaria. [...] em direção ao amplo terraço onde os hóspedes <b>se dignavam</b> de assistir a esse espetáculo popular enquanto tomavam chá ou refrescos (MANN, 2015, p. 67).</p>
<p>Na tarde do dia seguinte, o teimoso Aschenbach já deu novo passo em continuação a seus esforços de sondar o mundo exterior, e dessa vez teve pleno êxito. [...] entrou na agência de turismo britânica e, após ter trocado algum dinheiro na caixa, dirigiu ao funcionário que o atendia a sua incômoda pergunta, fingindo-se forasteiro desconfiado. Seu interlocutor era um jovem inglês [...] Conduzia-se com aquela lealdade ponderada que nos afigura tão estranha e digna de nota no meio dos ágeis e safados povos do sul. O moço começou dizendo:  <b>- Não há nenhum motivo para preocupações, Sir. Trata-se de uma medida sem grande importância. Precauções dessa espécie são comuns e tencionam evitar os efeitos nocivos do calor e do siroco [...]</b> (MANN, 2015, p. 73).</p>
<p>Tudo isso o levava a tonificar-se e restaurar-se fisicamente, fazendo com que frequentasse amiudadamente a barbearia do hotel [...] – Grisalho! Disse, crispando a boca [...] O senhor por exemplo, tem direito à sua cor natural. Permita que lhe restitua o que lhe pertence!  - Mas como? – perguntou Aschenbach.  Então o profissional eloquente lavou os cabelos do freguês com duas espécies de loções [...] e seus cabelos voltaram a ser negros como nos dias de sua juventude (MANN, 2015, p. 77-78).</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao Quadro 5, é possível observar a presença constante de termos e expressões que indicam uma perspectiva teatral ou de encenação do acolhimento dado/recebido por Gustav, o que nos leva a identificar a existência de uma hospitalidade comercial e, por vezes, até encenada. Os adjetivos utilizados para descrever a postura ou o comportamento das personagens são particularmente reveladores, como no caso de “solicitude caricatural” (MANN, 2015, p. 25), que sugere uma atuação exagerada ou forçada. Já a expressão “arremedo de elegância” (MANN, 2015, p. 25) indica uma tentativa frustrada de demonstrar uma postura refinada, enquanto “rapidez mecânica” (MANN, 2015, p. 25) sugere um movimento automatizado e pouco natural. Além disso, o uso de expressões como “mesura teatral” (MANN, 2015, p. 25) e “curvou-se respeitosamente” (MANN, 2015, p. 45) reforçam a ideia de que as personagens estão constantemente desempenhando papéis ou seguindo protocolos sociais, como se estivessem em uma peça teatral. Esses elementos contribuem para a construção de uma atmosfera artificial e pouco espontânea, como evidencia também este excerto: “Divirta-se, cavalheiro! - disse com uma medida teatral” (MANN, 2015, p. 25).

Como referido, os adjetivos qualificam o tipo de atendimento dado e reforçam que muitas das diferentes personagens que aparecem ao longo da obra estão desempenhando um papel, ou seja, estão agindo de forma consciente e deliberada para agradar ou impressionar os hóspedes, tal como os atores em uma peça teatral. É interessante observar, portanto, que a obra ressalta a importância da hospitalidade encenada na construção de uma relação harmoniosa e eficiente entre os prestadores de serviços e seus clientes. Além do uso de adjetivos, algumas ações são marcadas,

uma vez que mostram igualmente como o próprio Aschenbach, turista, deseja e espera ser tratado e atendido em suas demandas.

O Quadro 6, a seguir, reúne fragmentos da obra nos quais se evidencia a ausência de acolhimento, seja por parte dos personagens em relação ao protagonista, seja por parte da própria cidade de Veneza em relação ao turista. Essa falta de acolhimento é um tema recorrente na obra e contribui para a construção de uma atmosfera de isolamento e estranhamento. Como exemplo, cita-se um dos fragmentos já destacado anteriormente – “Mas o comportamento do homem, a sua aspereza arrogante, tão pouco usual nesse país, parecia-lhe insuportável” (MANN, 2015, p. 31) –, em que o protagonista, Gustav von Aschenbach, vê-se confrontado com a hostilidade do gondoleiro que o atende em sua segunda visita a Veneza. Além disso, o trecho sugere que o protagonista se sente deslocado e estrangeiro em sua própria viagem, incapaz de se integrar ao ambiente que o cerca. Novamente é o uso dos adjetivos que permite ao leitor identificar momentos de maior inospitalidade.

### Quadro 6 – Registros de inospitalidade: fragmentos identificados

Por voltas do meio-dia, chamaram-no para que almoçasse no salão de refeições, e mais parecia como um corredor e para o qual davam as portas dos camarotes. [...] A comida era pobre, e Aschenbach almoçou depressa (MANN, 2015, p. 27).
Cena em que a personagem solicita ao gondoleiro que o leve à estação dos vaporetis: “ - Pois então, não vai me levar à estação dos vaporetis? -perguntou , meio virado para trás. Cessou o murmúrio, <b>mas não veio resposta.</b> - Ora, vamos à estação dos vaporetis! - <b>insistiu Aschenbach</b> e, dessa vez virou-se totalmente a fim de fitar o rosto do gondoleiro [...] Era um homem <b>de fisionomia desagradável, quase brutal. Usava roupas azuis, à maneira dos marujos, e na cintura uma faixa amarela</b> (MANN, 2015, p. 30).
Franzindo a testa, olhava por cima do seu passageiro, enquanto respondia em tom categórico, <b>mesmo rude</b> (MANN, 2015, p. 31).
Permanecia calado. Mas o comportamento do homem, a sua aspereza arrogante, tão pouco usual nesse país, parecia-lhe insuportável (MANN, 2015, p. 31).
[...] Sozinho na laguna, com esse indivíduo <b>estranhamento insubordinado, teimoso, decidido, o passageiro não sabia como impor a sua vontade</b> (MANN, 2015, p. 31).
A hipótese de ter caído nas mãos de um criminoso passou fugazmente pelo espírito de Aschenbach, sem que tivesse força suficiente para alertar e ativar o seu cérebro. Mais antipática afigurava-lhe a possibilidade de que isso redundasse apenas em mera exploração (MANN, 2015, p. 31).
Realmente, você rema bem. Mesmo que estiver de olho na minha carteira e me mandar à casa de Hades com uma pancada traiçoeira na cabeça, teria feito uma boa viagem (MANN, 2015, p. 32).
Ao regressar, encontrou suas <b>bagagens empilhadas</b> num carrinho junto ao cais, ao passo que a gôndola e o <b>remador haviam sumido</b> (MANN, 2015, p. 32).
- <b>Ele deu o fora</b> – disse o ancião. - Não presta. É um sujeito que não tem licença. Olhe, cavalheiro, é o único gondoleiro sem licença. [...] O senhor viajou de graça – disse o velho, enquanto lhe apresentava o chapéu. Aschenbach lhe atirou uma moeda (MANN, 2015, p. 32).
Vendedores de mariscos, bolos e frutas acocoravam-se para oferecer sua mercadoria” [...] uma senhoria báltica que, sentada ao pé de um cavalete, pintava o mar sob <b>exclamações de desespero</b> (MANN, 2015, p. 39).
<b>Custou-lhe chegar a seu destino</b> , uma vez que o gondoleiro, <b>conluído com algumas fábricas</b> de rendas e artefatos de vidro, se <b>esforçava</b> em toda parte por fazê-lo descer para visitas e compras, e sempre que a originalidade do passeio pelo coração de Veneza começasse a exercer o seu encanto, <b>intervenha o espírito mercantil, explorador, da decadência rainha, para que a alma do turista novamente se tornasse sóbria e abatida</b> (MANN, 2015, p. 44).
Certo dia, porém, na barbearia que ele a essa época visitava mais amiúde, apanhou no curso das conversas uma palavra que o deixou perplexo. O barbeiro mencionara uma família alemã que acabava de partir, apenas poucos dias depois de chegar, e tagarelando, à sua maneira adúladora, acrescentará: - Mas o senhor fica aqui. Não tem medo do mal. Encarando-o, Aschenbach repetira: - Do mal? O palrador emudecera, fingindo-se ocupado. Fizera como se não tivesse ouvido a pergunta, e quando Aschenbach insistia, dissera que na verdade não sabia de nada. Com encabulada verbosidade, procurava mudar de assunto (MANN, 2015, p. 61).
Assim, sentia Aschenbach um obscuro contentamento em face daquilo que ocorria em face nas ruelas imundas de Veneza e que as <b>autoridades se empenhavam em esconder</b> – esse sinistro segredo da cidade que se confundia com o seu próprio segredo, que tanto lhe importava ocultar (MANN, 2015, p. 62-63).
Lembrando-se também de que a cidade estava doente e <b>disfarçava esse fato por mera ganância</b> , lançava olhares cada vez mais desenfreados em direção à gôndola que deslizava à sua frente (MANN, 2015, p. 64).
[...] e, como lhe <b>vedassem o acesso</b> a ele [segredo], encontrava [Aschenbach] uma satisfação esquisita em dirigir perguntas insidiosas a pessoas inteiradas em induzir essa gente conluída num pacto de sigilo a mentir <b>descaradamente</b> (MANN, 2015, p. 66).
[...] dirigia ininterrupta e teimosamente uma atenção indiscreta <b>aos sórdidos acontecimentos</b> que se davam no seio de Veneza [...] (MANN, 2015, p. 66).
[...] Aferrando-se à ideia de obter informações novas, confirmadas, sobre o estado ou progresso do mal, esquadrihava nos cafés da cidade <b>os jornais da sua terra, que, havia vários dias, tinham sumido da mesa de leitura do hotel. Neles se revezavam asseverações e desmentidos</b> (MANN, 2015, p. 66).
O número de casos de contágio ou de óbitos elevava-se a vinte, quarenta, cem ou mais, e, logo depois, qualquer existência da epidemia, quando não negada categoricamente, <b>era reduzida a alguns casos isolados, importados de fora</b> (MANN, 2015, p. 66).
Certa feita, durante o café da manhã no salão grande, [Aschenbach] interpelou o gerente, <b>aquele baixinho de andar inaudível e sobrecasaca à francesa</b> . No curso da ronda que fazia pelo recinto, <b>cumprimentando os hóspedes e fiscalizando o serviço</b> , o homem estacara junto à mesa de Aschenbach, a fim de <b>dizer-lhe algumas gentilezas</b> . Foi quando o escritor lhe perguntou com ar displicente e casual por que cargas-d’água estavam, desde algum tempo, a desinfetar Veneza. - Trata-se – respondeu-lhe o velhacão – de uma medida policial, destinada a prevenir e coibir em tempo certos inconvenientes ou distúrbios de saúde pública que talvez possam ser originados pelo tempo abafado, excessivamente calmoso (MANN, 2015, p. 66).
Já não cuidavam do asseio da praia. Uma máquina fotográfica, aparentemente sem dono, erguia-se sobre seu tripé, à beira-mar, e um pano preto que a cobria era sacudido pelo vento cada vez mais frio (MANN, 2015, p. 82).

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 7, por sua vez, trata da hospitalidade relacional e se refere apenas a uma das cenas narradas, justamente àquela que mostra como e quando Gustav von Aschenbach descobre que Veneza está contaminada pela cólera.

#### Quadro 7 – Registros da categoria hospitalidade relacional

<p>Na tarde do dia seguinte, o teimoso Aschenbach já deu novo passo em continuação a seus esforços de sondar o mundo exterior, e dessa vez teve pleno êxito. [...] entrou na agência de turismo britânica e, após ter trocado algum dinheiro na caixa, dirigiu ao funcionário que o atendia a sua incômoda pergunta, fingindo-se forasteiro desconfiado. Seu interlocutor era um jovem inglês [...] Conduzia-se com aquela lealdade ponderada que nos afigura tão estranha e digna de nota no meio dos ágeis e safados povos do sul. O moço começou dizendo:</p> <p>- Não há nenhum motivo para preocupações, Sir. Trata-se de uma medida sem grande importância. Precauções dessa espécie são comuns e tencionam evitar os efeitos nocivos do calor e do siroco...</p> <p>- Mas, ao abrir os olhos azuis, topou com o olhar do freguês, um olhar cansado, um tanto triste, que se fixava em seus lábios com uma expressão de leve desdém. E o inglês ruborizou-se:</p> <p>- Esta é, pelo menos – continuou falando em voz abafada e com certo nervosismo - , a explicação oficial, na qual por enquanto teimam em insistir. Posso lhe dizer que por atrás dela se escondem fatos muito diferentes. Então disse a verdade, servindo-se de seu idioma honesto, confortável.</p> <p>Havia vários anos que a cólera indiana demonstrava crescente tendência de se propagar e de migrar de uma país para outro (MANN, 2015, p. 72).</p>
<p>[...] Por meados de maio deste ano, porém, os horripilantes vibriões foram encontrados num e no mesmo dia nos descarnados e enegrecidos cadáveres de um tripulante de navio e de uma vendedora de legumes. Os casos foram ocultados, mas uma semana depois já havia dez, havia trinta, e isso em diferentes zonas. [...] As autoridades venezianas mandaram responder que as condições higiênicas da cidade eram melhores do que nunca e tomaram as providências necessária para a debelação da praga. Mas provavelmente ocorrera alguma contaminação de alimentos, talvez de verduras, ou carne, ou leite, uma vez que o mal, por mais que o negassem ou disfarçassem, disseminava-se pelas vielas estreitas. [...] (MANN, 2015, p. 73).</p>
<p>Em face de tudo isso, o inglês chegou à conclusão decisiva</p> <p>- O senhor faria bem – terminou – se partisse já. Melhor hoje do que amanhã. A quarentena deverá ser decretada dentro de poucos dias no máximo (MANN, 2015, p. 74).</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se, assim, que hospitalidades e inospitalidades surgem na obra de Thomas Mann. Trata-se de dualidades que refletem a complexidade das relações humanas e a forma como os contextos históricos e culturais podem influenciar a construção da hospitalidade em determinado lugar.

No capítulo seguinte, intenciona-se aprofundar a análise das categorias relacionadas à hospitalidade presentes em “A morte em Veneza”. O intuito consiste em buscar compreender como elas são expressas na narrativa e como se relacionam com as personagens e com a cidade de Veneza.

## 5 CAMINHANDO COM O LEITOR: HOSPITALIDADE NA OBRA “A MORTE EM VENEZA” A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE GUSTAV VON ASCHENBACH

Neste capítulo, é traçada a trajetória do protagonista, sua permanência e suas vivências na cidade destino – Veneza –, costurando relações com fios teóricos da hospitalidade. Reforça-se que a obra literária “A morte em Veneza” é apresentada como fonte histórica, oportunizando-nos a análise e a consequente compreensão de laços de hospitalidade em uma cidade que é turística e que se encontra em surto epidêmico.

Em “A morte em Veneza”, o protagonista, como anteriormente referido, é um escritor de meia-idade, famoso, que decide retornar à cidade de Veneza, visto que as lembranças da viagem anterior lhe são agradáveis. Todavia, o que o move não é o desejo precípua de voltar a um local do qual gostou ou o de descansar, mas o desejo de fuga e de renovação, que perpassa toda a narrativa. Gustav von Aschenbach, protagonista da obra, inicialmente revela que

Sempre, ou pelo menos desde que dispunha dos recursos necessários para valer-se das vantagens da circulação internacional, considerara as viagens apenas como uma medida higiênica que de vez em quando lhe convinha tomar, contrariando assim as suas inclinações e vontades (MANN, 2015, p. 14).

Entretanto, como o momento da personagem é outro, seus movimentos também são de outra natureza, o que é revelado na sua própria narrativa: “Tratava-se do ímpeto de fugir – era preciso confessá-lo a si mesmo! –, da saudade de coisas novas, longínquas, da ânsia de liberdade, exoneração, esquecimento” (MANN, 2015, p. 14).

Nas aproximações teóricas com conceitos atinentes ao turismo, evidencia-se a noção do tripé deslocamento-tempo/espaco-desejo. Aschenbach retorna para Veneza, um destino seu já conhecido, mas o que o move dessa vez é a pulsão para o desconhecido e para algo novo, que rompa com a sua condição atual. Esse desejo é marcado em diferentes momentos da narrativa. O fragmento transcrito a seguir segue apresenta esse desejo, expresso logo no início da obra:

Aschenbach deu-se conta, com surpresa total, de uma singular expansão de seu íntimo, de uma espécie de inquietação nômade, de uma saudade juvenil, ardente, de terras longínquas, de uma sensação tão vivida, tão veemente e,



todavia, a tal ponto olvidada ou desaprendida desde tempos imemoriais, que ele, cativado, com as mãos nas costas e os olhos pregados no chão, imobilizou-se, a fim de analisar a essência e a finalidade de tal sentimento. Era o desejo de viajar, nada mais, mas que o acossava com a força de um acesso, intensificando-se às raias de uma paixão e mesmo de uma alucinação (MANN, 2015, p. 13).

Nessa perspectiva, sua viagem a Veneza é motivada por um desejo interno de renovação, inspiração e fuga da rotina, e não necessariamente pela busca por atividades turísticas convencionais, embora elas estejam presentes em sua estadia pela cidade. A partir do infográfico presente na Figura 1, apresentado no segundo capítulo deste texto, é possível acompanhar os deslocamentos realizados pela personagem.

Há trechos da obra que descrevem as ações do turista Aschenbach, tais como: “Desembarcou em San Marco. Tomou o chá na praça. A seguir, de acordo com o plano preestabelecido, iniciou um passeio pelas ruas” (MANN, 2015, p. 43). Porém, em linhas gerais, como já referido, os deslocamentos da personagem convergem para o desejo de uma busca interna em virtude de suas inquietações, que culmina em um desejo de explorar sua própria psique e de encontrar respostas para perguntas que ele tem evitado:

Aschenbach deu-se conta, com surpresa total, de uma singular expansão de seu íntimo, de uma espécie de inquietação nômade, de uma saudade juvenil, ardente, de terras longínquas, de uma sensação tão viva, tão veemente e, todavia, a tal ponto olvidada ou desaprendida desde tempos imemoriais, que ele, cativado, com as mãos nas costas e os olhos pregados no chão, imobilizou-se, a fim de analisar a essência e a finalidade de tal sentimento. Era o desejo de viajar, nada mais, mas que o acossava com a força de um acesso, intensificando-se às raias de uma paixão e o mesmo de uma alucinação (MANN, 2015, p. 13).

Nesse sentido, nas possíveis relações estabelecidas entre a obra ficcional e os construtos teóricos sobre turismo, tem-se reforçada a perspectiva do ser humano que se movimenta física e psiquicamente, buscando conhecimento, tal como identificado pelas pesquisadoras Perazzolo, Santos e Pereira (2013, p. 46), que sustentam que o turismo é a “[...] expressão humana de busca do conhecimento”. Embasadas em construtos teóricos da psicanálise, as autoras defendem que “[...] a motivação básica do turismo está assentada no processo que aciona todos os demais comportamentos humanos: o desejo, que emerge de diferentes formas, na condição de uma metáfora do objeto original, inacessível” (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2013, p. 46).

Thomas Mann constrói sua narrativa concentrando-se na jornada de Gustav von Aschenbach, apresentando a personagem, um turista em Veneza, que se movimentado por um espaço geográfico, claramente delimitado, mas cuja maior viagem é aquela que ele faz no plano psíquico. Destaca-se, pois, que o narrador na história (re)constrói tanto os percursos físicos realizados pela personagem quanto os percursos psíquicos. A narrativa ainda apresenta Aschenbach como um homem curioso em descobrir o que Veneza oculta.

### 5.1 HOSPITALIDADES EM “A MORTE EM VENEZA”

A trama principal da obra destaca a viagem interna de Aschenbach, mas, igualmente, permite que o leitor, em outro plano de leitura, observe as relações estabelecidas entre Aschenbach (o turista) e a cidade. Essas dinâmicas, narradas na obra, são analisadas e perspectivadas nesta subseção pelo viés da hospitalidade e do acolhimento, mais especificamente a partir do construto teórico metodológico do Corpo Coletivo Acolhedor.

São múltiplas as abordagens que tratam da hospitalidade. O conceito adotado para o presente estudo é aquele que a caracteriza como um fenômeno relacional, constituído no espaço entre o sujeito (na sua forma singular ou plural) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2012). Nessa perspectiva, acolhedor e acolhido alternam os papéis que ocupam e, em um processo dialético, estabelecem trocas e modificam um ao outro, já que “A tônica do acolhimento [...] é a relação, a transformação dos sujeitos pela prática da experimentação do prazer e da afetividade” (FERREIRA; PERAZZOLO; PEREIRA, 2014, p. 4). Logo, a hospitalidade pode ser tanto individual quanto coletiva, sendo esta última que abriga o conceito de Corpo Coletivo Acolhedor.

Para melhor compreensão das possíveis relações de hospitalidade estabelecidas ao longo da narrativa, faz-se necessário caracterizar Veneza, uma cidade no nordeste da Itália, situada em um conjunto de ilhas na Lagoa de Veneza, no Mar Adriático. Trata-se de um dos destinos turísticos mais visitados, sendo famosa por sua arquitetura e suas paisagens únicas, com canais que cortam a cidade, pontes históricas, praças amplas e igrejas ornamentadas. Também é conhecida por sua cultura e história rica, tendo sido um importante centro comercial e cultural durante a

Idade Média e o Renascimento. Entre os seus atrativos turísticos, os mais famosos incluem a Basílica de São Marcos, a Praça de São Marcos, o Palácio Ducal, a Ponte de Rialto e o Grande Canal. Além disso, seus eventos culturais são bastante conhecidos, como o Carnaval e a Bienal de Arte, que atraem visitantes de todo o mundo. Outro aspecto interessante da cidade é o fato de o turista poder “perder-se” ao caminhar pelas ruas da cidade que são cortadas pelos canais.

Essa experiência de perda e encontro é fundamental para a identidade da cidade, que é vista como um labirinto de becos e canais que se desdobram em infinitas possibilidades. A ideia de se perder em Veneza não é vista como um problema, mas como uma oportunidade de descoberta e de exploração da cidade de uma forma mais autêntica e intensa. Afinal, é nos lugares menos óbvios e mais escondidos que muitas vezes se encontram os tesouros mais preciosos do local, como pequenas praças, jardins secretos e igrejas antigas. É por isso que a cidade é frequentemente associada à ideia de mistério e de fascínio, o que a torna ainda mais atraente para os visitantes. Assim, perder-se em Veneza é, na verdade, uma experiência única e enriquecedora, que permite uma imersão profunda na cultura e na história da cidade.

Na obra, Veneza é apresentada como um destino icônico: “Essa Veneza! Que cidade magnífica! Uma cidade de atração irresistível para qualquer pessoa culta, não só pela sua história como também pelos seus encantos atuais” (MANN, 2015, p. 25). É assim que o atendente do navio descreve o destino de Aschenbach. As frases exclamativas dão o tom da imagem construída sobre Veneza. E é assim que o próprio Gustav a percebe. Logo ao chegar, ainda no barco, é esta a visão que ele tem:

[...] o embarcadouro mais espantoso de todos, aquela deslumbrante combinação de edifícios fantásticos que a República oferecia aos reverentes olhares dos navegantes que se acercavam: a graciosa magnificência do palácio e a Ponte dos Suspiros, as colunas do leão e do santo à beira da água, o flanco pomposo, saliente, do lendário templo, a vista sobre a portada e o gigantesco relógio. Ao contemplar tudo isso, Aschenbach ponderou que chegar a Veneza por via terrestre, na estação ferroviária, era como que entrar num castelo pela porta dos fundos, e que essa cidade, a mais inverossímil do mundo, somente devia ser alcançada assim como ele o fazia dessa vez: de navio, vindo do alto-mar (MANN, 2015, p. 29).

Assim, na condição de destino turístico escolhido pela personagem, a cidade de Veneza é apresentada como um local de beleza singular, com paisagens e monumentos históricos que atraem visitantes de todo o mundo. Porém, via narrativa,

o leitor tem acesso também à forma como Gustav se relaciona com a cidade, considerando que essa visão é influenciada pelas próprias perspectivas e emoções da personagem. Dessa forma, o leitor nem sempre encontra uma descrição objetiva. Aliás, a personagem Gustav caminha pela cidade, seja seguindo (ou perseguindo) Tazio, seja tentando compreender o que está acontecendo na cidade. Como um detetive, busca pistas que possam responder às suas inquietações. Veneza, em sua estrutura labiríntica, acaba sendo uma metáfora do que se passa no íntimo da personagem. Na obra, portanto, Veneza apresenta-se como uma cidade encantadora aos turistas, não só por sua arquitetura peculiar e localização única, mas também por ser um lugar onde é possível se perder e encontrar novos espaços, em uma verdadeira aventura de descoberta e surpresa.

De acordo com Gastal e Kunz (2014, p. 104), “[...] a lógica urbana não se restringe ao espaço físico das cidades [...] mas se coloca como uma sensibilidade e um imaginário que as extrapola”. Nessa perspectiva, compreendê-la é uma tarefa complexa, que envolve múltiplos campos de saber. Para os pesquisadores,

O Urbano, mas, de muitas formas, também a Cidade, mostra-se como resultado da rede de tessituras entre o que é fixo no espaço e o que flui por ele sob a forma de deslocamento de pessoas, bens materiais e simbólicos, culturas e comportamentos – entre os quais está a Hospitalidade (GASTAL; KUNZ, 2014, p. 106).

Veneza destaca-se como uma obra arquitetônica de grande complexidade e sofisticação, reconhecida por sua estética encantadora, histórica e vibrante cultura. É preciso levar em conta que as experiências turísticas são processos que deixam marcas na memória dos visitantes e que essas marcas podem influenciar profundamente a maneira como a cidade é percebida e experienciada. Conforme Santos, Perazzolo e Pereira (2014, p. 49), “[...] as experiências são processos que traçam as marcas da memória; que fazem convergir a formação das representações para a culminância afetiva geradora das sínteses mentais de prazer ou desprazer” – e essas experiências marcadas conectam turistas com as cidades que eles visitam.

Como um Corpo Coletivo Acolhedor, Veneza constitui uma cidade receptiva e hospitaleira (embora essas relações nem sempre sejam marcadas pela cordialidade, visto serem tênues os fios relacionais). Um dos primeiros acolhimentos que Veneza oferece aos seus hóspedes é a sua paisagem. Suas belezas naturais e arquitetônicas

(ou seja, a paisagem natural e construída) não só atraem o turista como também o acolhem:

Mas a calma peculiar da cidade aquática parecia acolher suavemente todo aquele vozeiro, tirando seu volume e dispersando-o pelas águas. Fazia calor no porto. Sob o morno contato do siroco, o turista refestelado nos coxins sentia-se embalado pelo elemento líquido. Cerrando os olhos, saboreava essa lassidão tão doce quanto inusitada (MANN, 2015, p. 30).

Nessa passagem, é possível perceber que Gustav von Aschenbach se sente acolhido pela cidade de Veneza. Pode-se notar que essa sensação de acolhimento não é resultado da interação com pessoas ou serviços da cidade, pois advém da própria natureza local. A calma das águas, a tranquilidade do ambiente e a beleza dos cenários parecem envolver Gustav e amenizar suas inquietações interiores. Essa relação do turista com o ambiente natural é um aspecto importante na experiência turística, pois, muitas vezes, o contato com a natureza pode proporcionar sensações de bem-estar e conforto emocional.

Na Veneza turística, também são identificadas práticas de acolhimento que visam atender o turista, satisfazendo-o nas suas demandas. A oferta de serviços turísticos, a infraestrutura hoteleira e de transportes e a gastronomia local são exemplificativos da forma como a cidade se organiza para receber os turistas.

Em relação aos serviços oferecidos, Veneza é retratada como um lugar que valoriza a mobilidade e a acessibilidade. Quanto à mobilidade, são várias as opções de transporte, tais como *vaporetto*, balsas, gôndolas e lanchas. Já no que concerne à acessibilidade, além de considerar a oferta de transporte, é preciso levar em conta que os habitantes e turistas, independentemente de suas condições financeiras, podem percorrer praças, andar pelas ruelas e observar a arquitetura da cidade, que se abre para aqueles que se dispuserem a contemplá-la.

Cabe uma referência especial às gôndolas, que são mais do que um meio de locomoção; são parte da própria cultura e história da cidade – constituindo um símbolo da identidade local e um elemento importante da paisagem urbana. Trata-se de um atrativo turístico em si, merecendo, portanto, uma descrição, carregada de impressões pessoais da personagem:

Quem não terá de vencer um arrepio fugaz, um medo secreto, um quê de angústia, quando embarcar pela primeira vez ou depois de longos anos de desábito numa gôndola veneziana? Esses curiosos meios de transporte, que

não sofreram nenhuma modificação desde que nos foram legados por uma era romanesca, esses barcos tão caracteristicamente negros como são, entre todos os objetos do mundo, apenas os caixões – eles provocam em nós a associação a aventuras clandestinas e perversas nas águas noturnas, e ainda mais à própria morte, a féretros, a sombrios enterros... (MANN, 2015, p. 29).

Nesse excerto, a personagem descreve a sensação de medo e angústia que pode acometer aquele que, pela primeira vez (ou depois de um bom tempo), utiliza a gôndola como meio de transporte. Para Gustav von Aschenbach, as gôndolas remetem a imagens de aventuras sombrias e morte – o que é, de fato, uma impressão muito pessoal. Não se pode negar as informações anteriormente disponibilizadas ao leitor, que o apresentam como uma pessoa em fase de inquietude existencial, desânimo e decadência. Embora não seja o foco desta pesquisa, cabe ressaltar que essa passagem, ao apresentar a percepção da personagem sobre as gôndolas (sobretudo por Gustav não ser um turista que está conhecendo Veneza pela primeira vez), revela o quanto a experiência turística é pessoal e atrelada, inclusive, ao estado emocional do sujeito que se encontra em viagem.

Sobre os serviços, ainda é possível destacar o quanto os hotéis (da obra) estão preparados para receber seus hóspedes (a exemplo da existência de um treinamento prévio para receber o hóspede/turista), já que há muitos traços de uma hospitalidade encenada, em que um sistema de cortesia funciona de forma clara, com os papéis de anfitrião e hóspede previamente definidos. Por força de contrato, são estabelecidos os comportamentos que se espera de cada um:

Entre manifestações de solicitude do pessoal, atravessou o saguão e desceu pelo vasto terraço rumo ao trapiche, de onde se encaminhou à **praia reservada para os hóspedes do hotel**. Fez com que o velhote descalço de blusa de marujo, calças de linho e chapéu de palha, que ali exercia as funções de almoxarife, lhe indicasse a barraca alugada a ele. **Em seguida deu ordens para que levassem para fora a mesa e cadeira de lona e as colocassem na plataforma** de tábuas areentas. Refestelou-se na espreguiçadeira que ele mesmo puxara até a beira-mar através da areia cor de cera (MANN, 2015, p. 38, grifo nosso).

Esse excerto é exemplificativo da dinâmica dessa hospitalidade comercial/encenada. Entre “manifestações de solicitude”, o hóspede movimenta-se pelo hotel e segue até a praia reservada. Espera, portanto, ser atendido nas suas demandas, embora possa, inclusive, abrir concessões: “[...] considere que o turista puxou a espreguiçadeira até a beira-mar (e não se sentiu mal por fazer isso)” (MANN,

2015, p. 38). Outro extrato que igualmente marca essa relação do que cada um dos agentes espera na relação comercial é o transcrito a seguir:

Aschenbach saudava o mar com os olhos, e o fato de saber que Veneza ficava facilmente acessível alegrava-o sobremodo. Finalmente, ele se voltou, lavou o rosto, deu algumas ordens à arrumadeira para completar o seu conforto e deixou-se conduzir ao andar pelo suíço que cuidava do elevador (MANN, 2015, p. 33).

Além dos hotéis, a obra em análise destaca a importância de outros serviços em Veneza. Restaurantes, bares e cafés são mencionados como essenciais para a experiência turística na cidade, assim como o comércio ativo, que oferece aos visitantes uma variedade de produtos locais. Serviços de barbearia e casas de câmbio também são considerados importantes para garantir o conforto dos turistas, assim como shows e eventos culturais, que são vistos como uma forma de entretenimento e de enriquecimento cultural, contribuindo para a atmosfera acolhedora de Veneza. Todos esses serviços, de um modo ou de outro, contribuem para a hospitalidade da cidade e para a satisfação dos seus visitantes.

Em relação à gestão, a obra faz menção tanto à gestão hoteleira quanto à gestão municipal, com destaque ao serviço de saúde, responsável pela fixação de cartazes alertando para o não consumo de ostras e mariscos, devido a moléstias gastrointestinais. Embora a gestão municipal de Veneza envolva diversos aspectos, a obra em análise concede destaque a um em particular: a cidade está enfrentando uma epidemia, mas esconde isso dos turistas. Tal paradoxo coloca em xeque a hospitalidade de Veneza, que, por um lado, esforça-se para receber bem seus visitantes e, por outro, omite informações importantes sobre a saúde pública. A atitude da gestão municipal de esconder a epidemia pode ser vista como uma forma de manter o turismo em alta, mas também pode ser interpretada como uma falta de transparência e de responsabilidade com a saúde dos próprios moradores e visitantes da cidade. Esse fato evidencia a complexidade da relação entre turismo e hospitalidade e a maneira como a busca pelo bem receber pode ser comprometida por questões de naturezas diversas.

No que remete à cultura, Veneza carrega consigo o *éthos* de ser a Sereníssima, também conhecida por ser a cidade da eterna história de amor entre Romeu e Julieta.

É vista, assim, como um lugar romântico, aberto ao outro e ao amor, de uma paz inabalável.

Se a cultura diz respeito ao cérebro do Corpo Coletivo Acolhedor, ao núcleo pensante da comunidade, há de se reconhecer em Veneza um conjunto de crenças e valores típicos de uma sociedade acostumada a receber visitantes.

A comunidade, ou a representação mental de um corpo social, se constituiria, portanto, na totalidade caracterizada por um espaço habitado, compartilhado e construído pelo pensamento. Derivada da experiência, a representação do corpo social, a ideia evocada de cada comunidade, estrutura-se na relação com o outro, é vivida como real, e pode coincidir ou não com a circunscrição territorial, geográfica, política. O território ocupado pelo corpo é um território imaginado, em grande parte compartilhado pelos membros que o habitam (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 10).

Veneza é aquela compartilhada pelos cidadãos e turistas. Nela circulam valores e saberes distintos – conhecimentos formais e informais –, que são transmitidos e socializados. A dimensão da cultura, como apontam Santos e Perazzolo (2012, p. 10), é o espaço “[...] onde moram as concepções morais, as crenças, os desejos, mas, também, os fantasmas, os pesadelos, os medos de destruição, de aniquilamento”. Nessa dimensão, surgem diferentes formas de organização social.

Esse vértice do Corpo Coletivo Acolhedor perpassa toda a obra “A morte em Veneza”. Durante a estadia de Gustav von Aschenbach na cidade, o leitor vai tendo acesso à própria organização local e à forma como Veneza recebe o turista ao mesmo tempo que dele esconde a sua condição de endemia.

Em uma das passagens, que trata das andanças de Gustav von Aschenbach pela cidade, agora não mais como um turista se deleitando com os atrativos, mas como alguém em busca de respostas para seus questionamentos sobre as dinâmicas que vem observando em Veneza, ele chega a uma pracinha vazia e aparentemente abandonada (não está mais na zona turística). Há uma referência direta à desorientação sentida pela personagem nesse momento (que pode ser interpretada, por outro viés, como metáfora de sua própria desorientação), a qual revela, em um nível mais direto, o próprio desconforto por encontrar-se em um lugar que não lhe é familiar. Novamente, reitera-se na obra o desconforto (que vai sendo construído desde a chegada de Aschenbach em Veneza). Assim, o clímax vai sendo formado, e as contradições ficam igualmente mais visíveis. A cena é descrita como encantadora,



mas o ambiente apresenta uma inospitalidade latente, já que há lixo espalhado e capim crescendo entre as pedras, bem como cheiro de ácido fênico:

Uma pracinha vazia, como que encantada, descortinava-se a seus olhos. Aschenbach reconheceu-a. Era a mesma na qual, semana antes, forjara aquele frustrado plano de fuga. Deixou-se cair nos degraus da cisterna, no meio do recinto. Encostou a testa nas pedras da rotunda. Ali, tudo era sossegado. Entre lajes crescia capim. **Lixo estava espalhado em toda parte.** Entre as casas vetustas de altura irregular que o cercavam, uma tinha o aspecto de um palácio, com janelas ogivais, atrás das quais **morava a solidão**, e com balcões adornados, de pequenos leões. No andar térreo de outra, achava-se uma farmácia. Rajadas de vento quente que traziam de vez em quando **o cheiro de ácido fênico** (MANN, 2015, p. 80, grifo nosso).

A cidade, considerada como Corpo Coletivo Acolhedor, revela-se em suas diferentes contradições: ao mesmo tempo que parece acolher o visitante, repele-o. Nada mais parece como outrora, posto que Aschenbach já estivera em Veneza. Contudo, esse desvelamento da cidade ocorre aos poucos – a narrativa vai ampliando a carga informacional para a personagem perceber que Veneza não está mais tão acolhedora. Nesse cenário, a inospitalidade dos moradores é marcada pela recusa em informar ao turista que a cidade está enfrentando um problema sanitário.

## 5.2 HOSPITALIDADE COMERCIAL

Como já referido no capítulo teórico (item 3.2.2), a hospitalidade comercial é marcada pela força de um contrato em que, não raro, tanto o anfitrião quanto os hóspedes têm papéis definidos e ambos, previamente, sabem das regras existentes nesse contrato. Conforme afirma Lashley (2004, p. 19), “A oferta da hospitalidade comercial depende da reciprocidade com base na troca monetária e dos limites da concessão de satisfação aos hóspedes”, chamando a atenção para as consequências desse tipo de relação, já que esta causa impacto sobre “[...] a natureza da conduta hospitaleira e da experiência da hospitalidade.

Na obra, essa relação anfitrião-hóspede é a mais marcada. Há uma hospitalidade encenada, identificada nas mais diversas situações pelas quais o turista Gustav passa. Importante destacar que essa hospitalidade (comercial/encenada) não carrega em si necessariamente um grau negativo, porque, na previsibilidade do atendimento a ser inicialmente dispensado ao hóspede, há certo grau de conforto, o que possibilita uma aproximação, mesmo que por força de um contrato.

A tipologia para o acolhimento, apresentada pelas pesquisadoras Perazzolo, Pereira e Santos (2014), pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre os sujeitos. No construto teórico, dois eixos, o da simetria e o da sincronia, desempenham papel significativo para o entendimento das condições e das características do acolhimento.

A simetria considera o nível de equilíbrio (igualdade ou desigualdade) relativo à necessidade do acolhimento. Na simetria, a relação pode ser assimétrica, simétrica ou amétrica. Quanto ao eixo do tempo, as relações, no nível da sincronia, podem ser pré-sincrônicas, sincrônicas e pós-sincrônicas.

Em se tratando da hospitalidade observada na obra, ambos os eixos, o da simetria e o da sincronia, podem ser identificados. Os hotéis preparam-se para a chegada de um hóspede, antecipando, portanto, as suas demandas e buscando, assim, previamente atendê-las. Quando o hóspede chega ao hotel, espera que o seu quarto esteja limpo para que possa nele descansar. Ainda, o hóspede espera ser bem recebido pelos funcionários. Na sua estadia, outras demandas surgem e, sempre que possível, são atendidas pelos funcionários.

Essas relações que focam o atendimento de demandas são evidenciadas na narrativa e podem ser exemplificadas na forma como Gustav von Aschenbach é recebido pela equipe do Hotel des Bains – com cuidado e prestatividade. O narrador destaca a importância do costume utilizado pela recepção de tratar seus clientes com atenção e cordialidade. Além disso, a narrativa deixa claro que o tom de voz dos funcionários é cuidadosamente escolhido para transmitir a ideia de submissão e cortesia, evidenciando a hospitalidade contratada pelo hóspede. A gestão cuidadosa do hotel, que prioriza a personalização e a atenção ao hóspede, pode fazer toda a diferença na experiência de quem se hospeda e criar um ambiente acolhedor e confortável durante a estadia:

Depois de atravessar o amplo saguão e o vestíbulo, encaminhou-se à recepção. Já que fora anunciado, **acolheram-no com solicitude e presteza**. O gerente, um homenzinho bigodudo que trajava sobrecasaca cortada à moda francesa, **falou com ele submissa e cortesmente em voz suave**. **Acompanhou-o** no elevador até o segundo andar, onde lhe **mostrou o quarto**. Era um aposento simpático, com mobília de cerejeira, enfeitado com flores muito cheirosas e de altas janelas que davam para o mar (MANN, 2015, p. 33, grifo nosso).

Ao descrever a chegada de Gustav von Aschenbach no Hotel des Bains, no Lido, a citação supracitada enfatiza a atenção e prontidão com que ele foi recebido pela equipe da recepção. O tratamento respeitoso e cuidadoso por parte dos funcionários do hotel ilustra a importância da hospitalidade na criação de um ambiente acolhedor e confortável para os hóspedes. Essa gestão atenciosa contribuiu para que Gustav se sentisse bem-vindo e confortável durante sua estadia no hotel em vários momentos.

Voltando ao eixo da simetria, é possível identificar que a obra, ao circunscrever a narrativa em dois espaços, o hotel e a cidade, reforça, no eixo da simetria, as relações assimétricas, em que são reveladas condições desiguais na relação. As relações estabelecidas, que marcam trocas ocorridas, fortalecem a perspectiva da hospitalidade comercial/encenada. Telfer (2004, p. 56), na tentativa de definir o que seria o bom hospedeiro, apresenta-o como alguém que é responsável pelos hóspedes: “[...] enquanto eles estiverem debaixo de seu teto, um bom hospedeiro será aquele que deixará seus hóspedes felizes, ou tão felizes quando seus esforços e ajudas forem capazes – enquanto estiver sob a sua atenção”. Em seguida, a autora avança na reflexão ao questionar se ser um bom hospedeiro equivale a ser hospitaleiro. Para ela, a resposta é negativa, já que alguém pode ser hospedeiro sem necessariamente ser hospitaleiro.

Ao discutir o setor comercial, Telfer (2004, p. 58) afirma que os bons hospedeiros comerciais são capazes de “[...] assegurar o bem-estar de seus hóspedes”, apresentando estes como aqueles que pagaram pelo serviço. Aschenbach nitidamente pagou para hospedar-se em um hotel de luxo e espera que possa ser atendido nas suas demandas/necessidades, a exemplo do que evidencia o trecho a seguir:

Logo depois, o porteiro aproximou-se, com o boné na mão, para pedir que se apressasse. Afirmou que já estava pronto o automóvel que conduziria a ele e outros passageiros até o Hotel Excelsior, de onde uma lancha os levaria à estação da via férrea pelo **canal particular da companhia**. Insistindo, disse que o tempo era curto. Aschenbach, por sua vez, achava que absolutamente não tinha pressa (MANN, 2015, p. 45, grifo nosso).

Essa “gentileza” no serviço de hotelaria, a oferta de um automóvel que o conduziria a um outro hotel e a presença de um serviço de lancha que o levaria até a estação férrea por um “canal particular da companhia”, é exemplificativa da relação

estabelecida. Aschenbach pagou pela sofisticação e discrição que são ofertadas pelo Hotel des Bains.

Telfer (2004, p. 63), ao refletir sobre hospitalidade, problematiza, ainda, a questão no âmbito comercial: “[...] se um hospedeiro comercial atende bem aos seus hóspedes, com um interesse autêntico por sua felicidade, cobrando um preço razoável não extorsivo por aquilo que oferece, suas atividades poderão ser chamadas de hospitaleiras”. E continua sua reflexão: “[...] o hospedeiro presta um serviço generoso, não mínimo, porque deseja agradar os hóspedes; os hóspedes pagam, não em hospitalidade, mas através de uma soma de dinheiro” (TELFER, 2004, p. 63).

Pode-se entender que, para Telfer (2004), a hospitalidade é caracterizada pela prestação de um serviço generoso, não apenas porque é uma obrigação, mas também porque os anfitriões desejam agradar os seus hóspedes. Ao mesmo tempo, os hóspedes pagam pela estadia, não necessariamente pela hospitalidade em si, mas pelo conjunto de serviços e experiências oferecido. Dessa forma, a hospitalidade comercial pode ser vista como uma maneira de agregar valor à experiência do cliente, gerando satisfação e fidelidade.

Muitos estudiosos, como Cruz (2019), Erig e Menezes Nascimento (2017) e Quadros (2011), reportam-se à hospitalidade como um diferencial competitivo significativo em diversos setores, afirmando que esse fator desempenha um papel crucial na indústria do turismo. Ao oferecer um serviço acolhedor e de alta qualidade, as empresas têm a oportunidade de se destacar em um mercado exigente. Como diferencial competitivo, a hospitalidade está intrinsecamente ligada à construção de relacionamentos sólidos com os clientes, em que a fidelização surge como o resultado de todo o processo.

Boff (2005), no primeiro volume de sua obra “Virtudes para um outro mundo possível”, que trata sobre hospitalidade, apresenta o mito da hospitalidade, fazendo reflexões interessantes sobre a preocupação com o acolhimento do estrangeiro ao aproximar o mito das formas de ser e de agir das sociedades atuais. Segundo o autor, o acolhimento pode ser uma obrigação, constituindo muito mais do que um ato genuíno para com o outro – já que o sujeito pode receber o outro pelo medo de estar diante de Zeus disfarçado de peregrino. O oposto igualmente pode ser verdadeiro: também o hóspede pode ter medo do tipo de acolhida que terá, tal como expressa

Ulisses, na obra “Odisseia”.

Fazendo analogias entre os exemplos supracitados e as relações estabelecidas no domínio comercial, é possível afirmar que há, nessas relações, a preocupação dos servidores em receber o hóspede, pois, embora este hóspede não seja Zeus, é aquele que, ao pagar pelos serviços oferecidos, pode, igualmente, caso não se sinta satisfeito, reclamar ou até “quebrar o contrato estabelecido”. Já o medo de não ser bem-recebido, tal como expresso por Ulisses, também pode ser expresso pelo turista/consumidor.

Na obra “A morte em Veneza”, Aschenbach, em determinado momento, expressa o medo de morrer, considerando que teme ser assaltado durante o seu deslocamento logo que chega em Veneza:

- O senhor não vai ao Lido?
  - Mas não com você.
  - Sou bom gondoleiro.
- “Isso é verdade”, pensou Aschenbach, relaxando. “Realmente, você rema bem. Mesmo que estiver de olho na minha carteira e me mandar à casa dos infernos com uma pancada traiçoeira na cabeça, terei feito uma boa viagem” (MANN, 2015, p. 31).

Desde o momento em que Gustav von Aschenbach chega à cidade, depara-se com uma série de serviços que são essenciais para a sua estadia, como a hospedagem, a alimentação e o transporte. Esses serviços são prestados por hotéis, restaurantes, gondoleiros, barbeiros e outros trabalhadores locais, que desempenham um papel fundamental na experiência do turista em Veneza.

Ao longo da narrativa, pode-se perceber que as relações entre Gustav e esses atores são bastante diversas. Por um lado, ele se sente acolhido por alguns deles, como a recepção feita durante a sua estadia no hotel. Por outro, sente-se prisioneiro de certos comportamentos, pois, mesmo cômico de que está, não raro, em uma relação comercial (ele é um turista na cidade e paga pelos diferentes serviços para prestados), sente que é explorado, como acontece em um de seus passeios, em que o gondoleiro acaba conduzindo Gustav até um comércio específico, sem que ele houvesse registrado qualquer vontade de andar por tal espaço. Há de se considerar que, nessa passagem, é possível igualmente defender que uma série de gestos de inospitalidade se fazem presentes, considerando que o gondoleiro não estava atento às demandas de seus passageiros, posto que, pelo contrário, voltava-se para as suas próprias necessidades:

Custou-lhe chegar a seu destino, uma vez que o gondoleiro, conluiado com algumas fábricas de rendas e artefatos de vidro, se esforçava em toda parte por fazê-lo descer para visitas e compras, e sempre que a originalidade do passeio pelo coração de Veneza começasse a exercer o seu encanto, intervinha o espírito mercantil, explorador, da decaída rainha, para que a alma do turista novamente se tornasse sóbria e abatida (MANN, 2015, p. 44).

Mas a invasão do espaço do turista não é rara em Veneza. Em outro passeio de gôndola, Gustav, desejoso de ficar no silêncio acolhedor que Veneza ofertava, vê-se obrigado a escutar as canções de atores que, em outra embarcação, ofertam canções para os turistas em troca de gorjetas:

[...] surgiram companheiros, um barco cheio de músicos ambulantes, homens e mulheres, a cantarem com acompanhamento de violões e bandolins. Conservando-se importunamente ao lado da gôndola, empestavam o silêncio das águas com seu lirismo venal. Aschenbach atirou algumas moedas no chapéu que lhe estendiam. Em seguida, calaram-se e foram embora. E de novo se ouvia o murmúrio do gondoleiro, que falava sozinho, abrupta e intermitentemente (MANN, 2015, p. 32).

Considerando que estamos discutindo hospitalidade comercial, é importante ressaltar que ela, em si, conceitualmente não carrega traços negativos. Apesar de estar baseada em contratos e obrigações, não é menos importante que a hospitalidade do tipo incondicional, também conhecida como dádiva. A hospitalidade comercial envolve uma troca mútua, na qual tanto o prestador de serviços quanto o hóspede possuem responsabilidades a cumprir e expectativas são geradas. Ademais, é possível que um tipo de relação previamente marcado também derive para outras formas de relação, em que ambos – anfitrião e hóspedes – alternem os papéis previamente acordados. Isso ocorre porque a hospitalidade, como fenômeno relacional, sempre pode abrir-se para outras perspectivas que não previamente acordadas.

### 5.3 HOSPITALIDADE RELACIONAL

A hospitalidade relacional é descrita no capítulo teórico deste estudo como uma interação entre sujeitos – anfitrião e hóspede – em que os papéis se alternam na relação. Ela estabelece um espaço de acolhimento mútuo, permitindo a troca de experiências e transformações. A base da hospitalidade relacional está nos valores de empatia, respeito e diálogo e pode resultar em relações duradouras e significativas.

Ela dá ênfase à necessidade de uma abordagem mais colaborativa e horizontal nas relações interpessoais, em que ambas as partes têm a oportunidade de mutuamente aprenderem.

Na obra “A morte em Veneza”, apenas um registro é encontrado sobre esse tipo de hospitalidade e diz respeito ao momento em que Gustav von Aschenbach, após uma busca incessante, descobre o que a cidade esconde: a cólera. Isso ocorre quase ao final da história, quando, já cansado por saber-se enganado, mas por não ter ainda tido validação por parte dos venezianos de que algo está errado na cidade, entra em uma casa de câmbio e interpela o atendente. Este, um jovem inglês que trabalhava no local, inicialmente tenta minimizar a situação, afirmando que não há motivo para preocupações e que se tratava de uma medida de saúde sem grande importância. No entanto, ao olhar nos olhos cansados e tristes de Aschenbach, o inglês acabou confessando a verdade por trás dos acontecimentos: “Essa é, pelo menos, a explicação oficial na qual eles ainda insistem. Posso dizer-lhe que por trás dela estão fatos muito diferentes” (MANN, 2015, p. 72).

Importante destacar que, nessa passagem, Aschenbach apresenta-se como um forasteiro (e a esse respeito caberiam questionamentos, tais como: o fato de ele estar em Veneza por algum tempo confere-lhe o direito de ser ou de se sentir um cidadão veneziano? É o tempo de permanência em algum lugar que marca a passagem de turista para cidadão? Um forasteiro teria maiores chances de receber uma resposta honesta?) e encontra a verdade pela boca de um igualmente forasteiro: um inglês. Essa demarcação, a de que o jovem é alguém de fora da cidade, é expressa pelo narrador: “Conduzia-se com aquela lealdade ponderada que se nos afigura tão estranha e digna de nota no meio dos ágeis e safados povos do sul” (MANN, 2015, p. 72). Na comparação assumida pelo narrador, o atendente é melhor do que os “**safados** povos do sul” (MANN, 2015, p. 72, grifo nosso), ou seja, que os italianos.

#### 5.4 INOSPITALIDADES

Durante a leitura da obra “A morte em Veneza”, é possível perceber também momentos de inospitalidade que o protagonista enfrenta em sua viagem a Veneza. Um exemplo disso está presente no trecho que segue, que retrata o momento em que

Gustav é mal atendido pelo gondoleiro, que não o trata bem e não responde aos seus pedidos de informação sobre a estação. Além disso, descobre-se que o gondoleiro é um trabalhador clandestino, sem autorização para realizar o transporte de turistas, o que revela um problema social e político presente na cidade. A figura do gondoleiro é descrita como desagradável e quase brutal, gerando uma sensação de desconforto no protagonista e no leitor.

Aschenbach pergunta ao gondoleiro: “- Pois então, não vai me levar á estação dos *vaporetti*? – perguntou, meio virado para trás. Cessou o murmúrio, mas não veio nenhuma resposta. – Ora, vamos à estação dos *vaporetti*! Insistiu Aschenbach, e dessa vez virou-se totalmente a fim de fitar o rosto do gondoleiro, que às suas costas, de pé na plataforma elevada, destacava-se da palidez do céu. Era um homem de fisionomia desagradável, quase brutal. – O senhor vai ao lido. – Pois é – respondeu Aschenbach -, mas tomei a gôndola somente até San Marcos. Quero pegar o *vaporetto*. – O senhor não pode pegar o *vaporetto*. – Porque não? – Porque o *vaporetto* não transporta bagagens. Era verdade. Aschenbach lembrava-se. Permanecia calado, mas o comportamento do homem, a sua aspereza arrogante, tão pouco usual nesse país parecia-lhe insuportável (MANN, 2015, p. 20-31).

Os momentos de inospitalidade que Gustav von Aschenbach encontra em sua viagem, juntamente com seus medos e suas inseguranças, criam uma atmosfera de tensão e desconforto que permeia a obra. Isso se deve, em geral, a duas situações específicas que irão surgir de forma reiterada na obra: uma diz respeito a algumas atitudes que extrapolam a hospitalidade comercial, quando o turista se sente invadido e não atendido em suas demandas; e outra (a principal) é aquela que vai sendo construída ao longo da narrativa e que concerne ao ocultamento que os habitantes fazem acerca do problema de saúde pelo qual Veneza passa: a endemia de cólera.

Assim, não raro, as pessoas que ele encontra durante os seus passeios, muitas vezes, parecem hostis à sua presença. Isso cria uma sensação de isolamento e alienação que afeta profundamente a personagem.

Durante os mais diferentes passeios pela cidade, Aschenbach vai sendo provocado por cheiros fétidos e comportamentos estranhos dos munícipes. Veneza esconde um segredo e a personagem mostra-se determinada a desvendá-lo: “Aferrando-se à ideia de obter informações novas, confirmadas, sobre o estado ou progresso do mal, esquadrihava nos cafés da cidade os jornais da sua terra, que, havia vários dias, tinham sumido da mesa de leitura do hotel” (MANN, 2015, p. 66).



Importante destacar que, apesar das belezas da cidade, que contribuem para o acolhimento, a personagem também sente alguns desconfortos, como se as próprias condições climáticas e a própria natureza estivessem dando sinais de repulsa e de afastamento: as ruas labirínticas, os canais escuros e alguns céus nublados contribuem para a criação de uma atmosfera de tensão e desconforto. Esses elementos combinados criam um sentimento de ansiedade e instabilidade que permeia toda a obra e aumenta a sensação de que Gustav está em um ambiente hostil e estranho – o que marcará a grande inospitalidade.

#### 5.5 O NÃO - ACOLHIMENTO – O SILENCIAMENTO DA CIDADE SOBRE A EPIDEMIA

À medida que Gustav von Aschenbach passa mais tempo em Veneza, começa a perceber, como já afirmado, que algo estranho está acontecendo. Na obra, esse estranhamento vai sendo anunciado desde a chegada da personagem a Veneza, posto que o narrador aponta que o céu já não é tão azul. Em sua chegada ao hotel, Gustav reconhece a existência de um odor que continua a pairar no ar: “Ao abrir a janela, Aschenbach tinha a impressão de sentir o cheiro podre da laguna” (MANN 2015, p. 36).

Durante sua estadia, Aschenbach observou que, apesar de ser o auge da estação, o número de pessoas na hospedaria estava diminuindo em vez de aumentar. Ele também notou que o idioma alemão estava silenciando e sumindo ao seu redor, o que o deixou desconfortável. Na praia e à mesa, ele só conseguia ouvir frases estrangeiras que lhe pareciam estranhas e incompreensíveis. Essas observações contribuíram para uma sensação de isolamento e estranheza, como se ele estivesse perdendo seu lugar no mundo. Ele começa, então, a se questionar se a cidade de Veneza era tão encantadora e acolhedora como ele havia pensado anteriormente ou se havia algo mais sério acontecendo.

E essa sensação vai se intensificando à medida em que ele transita pela cidade. Por exemplo, ao tomar chá em um estabelecimento na Praça de São Marcos, novamente percebe um cheiro estranho e, mais do que isso, toma consciência de que esse cheiro já estava em suas narinas anteriormente:

Em São Marcos, não encontrou o seu ídolo. Mas, enquanto sorvia o chá, sentado a uma mesinha redonda de ferro, no lado de sombra da praça, farejou de repente um olor estranho a pairar pelo ar, e que, segundo lhe parecia nesse instante, já chegara às suas narinas dias antes, sem, no entanto, avançar até a sua consciência. Era um cheiro adocicado, medical, que provoca associações a feridas, miséria, higiene suspeita, abandonou a praça pelo lado oposto à igreja (MANN, 2015, p. 61-62).

Gustav von Aschenbach, ao longo de sua estadia em Veneza, nota que a cidade esconde segredos sombrios nas suas ruelas sujas e escuras e que as autoridades locais estão empenhadas em ocultá-los. Mais do que isso, esses segredos se entrelaçam à identidade atual da cidade.

Desconfortável com esse não acolhimento, Aschenbach buscará, tal como um investigador, entender o que a cidade esconde dele. Assim, começa a fazer perguntas aos atendentes do hotel em que se hospedara, tentando obter informações sobre os rumores que circulavam pela cidade. Contudo, logo descobre que essas pessoas eram reservadas, talvez por saberem mais do que estavam dispostas a revelar. Mesmo assim, Aschenbach persiste em sua busca por respostas, sabendo que precisará mergulhar mais fundo na cidade para desvendar seus segredos mais ocultos:

Mesmo assim, o solitário Aschenbach sentia firmemente ter um direito especial de participar desse segredo e, como lhe vedassem o acesso a ele, encontrava uma satisfação esquisita em dirigir perguntas insidiosas a pessoas inteiradas e em induzir essa gente conluiada num pacto de sigilo a mentir descaradamente. Certa feita, durante o café da manhã no salão grande, interpelou o gerente, aquele baixinho de andar inaudível e sobrecasaca à francesa. No curso da ronda que fazia pelo recinto, cumprimentando os hóspedes e fiscalizando o serviço, o homem estacara junto à mesa de Aschenbach, a fim de dizer-lhe algumas gentilezas. Foi quando o escritor lhe perguntou com ar displicente e casual por que cargas-d'água estavam, desde algum tempo, a desinfetar Veneza (MANN, 2015, p. 66).

Por onde anda, recebe respostas evasivas e sempre é desestimulado a continuar buscando informações sobre o que está ocorrendo na cidade, até que chega a uma agência de câmbio. Lá descobre o segredo de Veneza.

Essa atmosfera de mistério e ocultação, combinada com a crescente sensação de desordem e decadência que Gustav percebe ao seu redor, aumenta sua sensação de isolamento e alienação em relação à cidade – o que marca movimentos de inospitalidade. Na busca por respostas, a personagem principal não as encontra junto

aos moradores locais e comerciantes; pelo contrário, o que impera é um silenciamento: ninguém revela que a cidade está vivendo um surto de cólera e que pessoas estão morrendo. A obra deixa explícito o motivo de tal comportamento: os munícipes estão preocupados em manter a boa imagem da cidade e não querem revelar informações que possam prejudicar as dinâmicas turísticas de Veneza. Tal aspecto pode ser evidenciado no trecho a seguir:

Mas o medo de um prejuízo geral, a consideração pela recém-inaugurada exposição de pintura nos jardins públicos, o receio de enormes perdas que, no caso de um pânico ou de um descrédito da cidade, sofreriam os hotéis, os lojistas e todos os ramos da exploração do turismo, evidenciou-se mais poderoso do que o amor à verdade e o respeito aos convênios internacionais. Em virtude disso, autoridades aferravam-se obstinadamente à sua política de silêncio (MANN, 2015, p. 73-74).

A complexidade das decisões políticas em uma cidade turística é destacada nesse excerto, revelando a importância de compreender para qual direção a balança da hospitalidade se inclina. A análise dessas nuances políticas se mostra essencial para compreender a dinâmica da cidade turística e a qualidade da experiência proporcionada aos seus visitantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar a compreensão do fenômeno da hospitalidade, considerando as dinâmicas de acolhimento, nem sempre é tarefa fácil para um pesquisador, em especial quando se intenta analisá-las durante o processo de interação, no exato momento em que as relações estão se estabelecendo. Isso requer ou um pesquisador participante ou um pesquisador observador. Via de regra, dinâmicas de hospitalidade são recuperadas a partir de processos mnemônicos: o sujeito, ao relatar uma experiência vivida, em um processo metadiscursivo, reencontra-se com as suas vivências, mas, de certa maneira, encontra-se já “fora” da interação.

A obra literária, entendida como um documento de análise, possibilita, a partir de sua característica mimética (de representação), que se possa acompanhar momentos de interação - no caso da presente pesquisa, de dinâmicas de hospitalidade vivenciadas pela personagem Gustav Von Aschenbach. Isso é possível porque há um narrador (no caso do gênero narrativo) que se assume como participante, como observador ou até como onisciente, apresentando, para o leitor, uma história.

Na presente pesquisa, a obra “A morte em Veneza”, mimeticamente, representa a viagem de Gustav Von Aschenbach, um escritor que, em crise, busca na cidade de Veneza, refúgio para seus dilemas. O que ele encontrará, porém, será uma cidade que está vivendo a epidemia do Cólera. Ao entender a obra literária como uma fonte documental, abre-se possibilidade de escuta (e análise) de relações que são estabelecidas entre diferentes personagens, mas, em especial, considerando o recorte teórico da presente pesquisa, das relações entre Aschenbach e Veneza, no caso das dinâmicas de acolhimento. Nesse sentido, o espaço relacional da hospitalidade – o espaço entre – surge cena a cena, esquadrihado as interações.

A análise das dinâmicas representadas na obra literária, na sua representação mimética, pode auxiliar a refletir sobre nossas próprias práticas de acolhimento e de cuidado. A partir da análise de “A morte em Veneza” e das vivências do protagonista Gustav von Aschenbach, pode-se perceber que a hospitalidade desempenha um papel crucial na experiência da personagem como turista em Veneza: de um lugar de passeio apazível (lembança que tinha de sua primeira viagem feita ao local em época

passada) passa a um lugar de refúgio e de (re)descoberta de si. Os conflitos vivenciados pela personagem parecem estar igualmente marcados na cidade turística: há algo diferente, e Veneza, assim como Aschenbach, está estranha. Mas esses estranhamentos, tanto da personagem quanto da cidade, vão sendo apresentados ao leitor de forma paulatina.

Em relação à temática da presente pesquisa, é possível identificar que a hospitalidade é representada como um elemento fundamental na experiência de Gustav von Aschenbach como turista em Veneza. Nesse sentido, a obra literária apresenta-se como um importante recurso de estudos sobre a hospitalidade, uma vez que as narrativas evidenciam, pelas vivências de suas personagens, formas de pensar e de viver de uma sociedade.

No que concerne ao objetivo específico de caracterizar a obra “A morte em Veneza” no contexto sócio-histórico e literário, é possível afirmar, a partir das considerações presentes no segundo capítulo desta dissertação, que a narrativa de Thomas Mann se insere em um período de profundas transformações e mudanças de paradigmas. O contexto literário da época buscava romper com as convenções estéticas e morais vigentes e explorar as tensões e contradições vivenciadas naquele momento. Nesse sentido, a obra de Mann reflete essa busca por novas formas de expressão e representação artística, explorando a simbologia e a linguagem metafórica como forma de representação. Além disso, a obra pode ser interpretada como uma crítica aos valores e ideais burgueses que se mostravam insuficientes para dar sentido à vida humana, enfatizando a importância da busca pela beleza e da contemplação da arte como aspectos essenciais da existência. A obra “A morte em Veneza” insere-se, portanto, em um contexto literário e sócio-histórico marcado pela inquietação e pela busca por novas formas de compreensão do mundo e da vida humana.

No que diz respeito ao objetivo específico de sistematizar proposições teóricas sobre hospitalidade e acolhimento, pode-se afirmar que os conceitos apresentados sustentam a análise de obra literária são expressivos de dinâmicas que ocorrem entre sujeitos individuais e coletivos. Os movimentos de acolhimento são, muitas vezes, tensionados e, não raro, tencionados. O fenômeno da hospitalidade carrega em si um componente ético e moral, uma vez que o acolhimento exige dos indivíduos a

disposição para se colocar no lugar do outro e respeitar suas diferenças e particularidades. Em um mundo cada vez mais marcado pela individualização e pelo distanciamento social, a reflexão sobre a premência da hospitalidade e do acolhimento torna-se cada vez mais relevante, como forma de estabelecer relações mais humanas e solidárias entre as pessoas.

Sobre o terceiro objetivo específico, o de analisar a relação do turista com a cidade de Veneza (entendendo-a como um Corpo Coletivo Acolhedor), é possível estabelecer relações entre a representação de Veneza na obra e o escopo teórico-metodológico do CCA, considerado em seus vértices cultura, gestão e serviços. Veneza é uma representação desse CCA, com serviços hoteleiros, de transporte, de restaurantes e com um comércio ativo. Também, na obra, faz-se referências a serviços autônomos como o de barbearia e casa de câmbio. Além dos serviços, há uma gestão pública que surge, em plano de fundo, tratando de cuidar dos moradores autóctones em virtude da endemia. A gestão é marcada igualmente pela administração de cada um dos lugares. Porém, no somatório, para além da gestão pública (que aparece melhor marcada textualmente no combate ao Cólera) a gestão dos próprios serviços pode ser identificada, concorrendo para o acolher na cidade de Veneza – que parece se movimentar em função do turista. O capital cultural aponta tanto para as belezas da cidade – e as sensações que acompanham os turistas – como também para o modo de ser dos venezianos. Assim, compreender algumas das dinâmicas narradas/representadas na obra, a partir da análise dos vértices desse Corpo, abre um campo de possibilidades analítico-interpretativas.

Ao contemplar o último objetivo específico, voltado a identificar sinalizadores de representações de hospitalidade na obra “A morte em Veneza” identificou-se, de forma preponderante, a hospitalidade encenada, também denominada hospitalidade comercial, cujas relações são tipificadas, sobretudo considerando que Veneza é uma cidade icônica como destino turístico. A narrativa é tecida, quase que exclusivamente, sob o enfoque da hospitalidade comercial, o que é justificado pelo próprio enredo que apresenta a personagem Gustav von Aschenbach como um turista em Veneza. Da mesma forma que Veneza recebe o turista, ela esconde, na obra, um segredo, em direção ao qual o leitor vai sendo conduzido labirinticamente, não só pelas ruas da

cidade, mas também por uma dinâmica que se mostrará inospitaleira: Veneza está doente.

A abordagem sobre hospitalidade, pela lente teórica do Corpo Coletivo Acolhedor oferece uma visão dinâmica e integrada da relação entre turista e cidade, enfatizando a importância da hospitalidade e da colaboração mútua para o desenvolvimento urbano e para a construção de espaços mais inclusivos e acolhedores, ao mesmo tempo que desvela a fragilidade dos laços estabelecidos. A narrativa oferece uma reflexão acerca das complexas dinâmicas que se estabelecem entre turistas e cidades em contextos de crise e incerteza. Por meio das vivências do protagonista Gustav von Aschenbach, que visita Veneza durante a epidemia de cólera, a obra retrata a cidade como um espaço ambivalente e contraditório. Por um lado, Veneza é apresentada como um lugar de acolhimento e hospitalidade, que oferece ao turista uma experiência rica em sensações e experiências. Por outro lado, a cidade é retratada como um espaço de risco e perigo, que pode ameaçar a vida e a integridade física do turista. Nesse sentido, a obra revela a complexidade das relações entre turista e cidade, evidenciando a importância de considerar múltiplos fatores e variáveis para compreender o fenômeno da hospitalidade, em especial em contextos de crise.

Ao longo da narrativa, percebe-se, assim, que as dinâmicas de acolhimento em Veneza oscilam entre momentos de acolhimento e generosidade e momentos de rejeição e inospitalidade. De um lado, a cidade é apresentada como um espaço fascinante e acolhedor, repleto de belezas e encantos que atraem o protagonista e o fazem se sentir em casa; de outro, a cidade é retratada como um espaço ameaçador e inóspito, marcado pela presença da cólera e pela hostilidade dos seus habitantes, que escondem o fato dos turistas, receosos de perderem o seu sustento. Nesse sentido, a obra revela a complexidade das dinâmicas da hospitalidade em contextos de crise.

Por fim, é fundamental ressaltar que essa análise não pretende ser conclusiva, uma vez que a obra está constantemente aberta a novas perspectivas e interpretações. O realizado nesta pesquisa foi uma jornada de leitura, impulsionada pelas lentes teóricas da hospitalidade. Por meio desse enfoque, foi possível explorar e compreender de forma mais detalhada aspectos relacionados à recepção, ao

acolhimento e à interação que, presentes na obra, podem, pela perspectiva mimética adotada, integrar as relações de hospitalidade. No entanto, é importante reconhecer que existem outras abordagens possíveis e que cada leitor pode contribuir com sua própria visão e experiência, enriquecendo, assim, a compreensão do texto.

A obra literária revela-se, portanto, como uma lente valiosa para explorar as camadas mais profundas da hospitalidade, abrindo espaço para diálogos contínuos e ampliando a compreensão dos temas abordados. Ainda, oferece possibilidades de um olhar mais apurado sobre a realidade. Nesse sentido, “A morte em Veneza” apresenta elementos que nos permitem refletir sobre as relações estabelecidas entre o turista e a cidade que ele visita, aproximando-as dos construtos teóricos sobre hospitalidade e propiciando que se (re)veja a relação estabelecida entre os sujeitos primariamente acolhidos e primariamente acolhedores. Nessa perspectiva, a conexão entre literatura e estudos de hospitalidade pode proporcionar uma visão mais ampla e crítica sobre o tema, contribuindo para o desenvolvimento de práticas e estratégias mais efetivas e sustentáveis no setor turístico.

Durante o presente estudo, evidenciou-se que a hospitalidade é um elemento central para o turismo de uma cidade e que sua importância se estende para além do contexto da viagem. Ela é um valor que permeia as relações humanas e pode ser uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais acolhedora e inclusiva. Nesse sentido, embora não se descarte a relevância da hospitalidade comercial, é preciso pensar para além desse tipo de hospitalidade. Além disso, por intermédio da análise de dinâmicas de acolhimentos presentes na obra “A morte em Veneza”, foi possível compreender como elas influenciam as experiências dos turistas.

A leitura de obras literárias (e a análise que é possível a partir delas) transforma-nos, simultaneamente, em personagens e em observadores – assim, podemos empatizar com alguns personagens, vivenciando as situações que eles enfrentam e, nesse sentido, pelo viés adotado na presente pesquisa, podemos nos sentir mais ou menos acolhidos. Mas, no papel de observadores, podemos analisar o que acontece à luz de escopos teóricos, desnudando as relações estabelecidas. No caso da obra “A morte em Veneza”, como observadores do que ocorria com a



personagem, pudemos olhar, de certa forma, para a nossa própria natureza acolhedora: ambígua, dúbia, genuína, desinteressada...facetas da hospitalidade.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, M. Hoje na História: 1911 - Thomas Mann concebe o romance 'Morte em Veneza'. **História UPF**, 25 maio 2011. Disponível em: <http://historiaupf.blogspot.com/2011/05/hoje-na-historia-1911-thomas-mann.html?view=flipcard>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- ALVES, J. A. L. Os Balcãs novamente esquecidos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 55-83, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/MdRLffhpBCWkHS8RggFwssK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- ARNOLD, D. B. S. **Da embaixada ao turismo**: avaliando a qualidade da tradução de guias de viagem oficiais virtuais. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_ea286c0931bf0e71ed4bce351c3c22ad](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_ea286c0931bf0e71ed4bce351c3c22ad). Acesso em: 15 dez 2022.
- ASSIS, M. A. S. **Riobaldo e Aschenbach**: audazes navegantes: experiências de travessia em Grande Sertão: Veredas e em Morte em Veneza. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10811/1/Maria%20Aurin%c3%advea%20Sousa%20de%20Assis.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 278-326.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BELÉM, E. de F. A homossexualidade do escritor alemão Thomas Mann. **Jornal Opção**. Edição 1982, de 30 de junho a 6 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/a-homossexualidade-do-escritor-alemao-thomas-mann/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Senac, 2019.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOTTOS, N. B. **A obra de arte em “Morte em Veneza”, de Thomas Mann**: embriaguez, influência e inversão. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2012. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3805/2/NORIVAL%20BOTTOS%20J%c3%9aNIOR.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BOUDOU, C. J.-M. **A abordagem geográfica do turismo**. 2003. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10205703042012Topicos\\_Especiais\\_em\\_Geografia\\_Aula\\_6.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10205703042012Topicos_Especiais_em_Geografia_Aula_6.pdf). Acesso em: 12 jan. 2023.

BRUM, C. K. Turismo, Arqueologia e Literatura: análise antropológica da construção da memória coletiva em São Nicolau, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 54-83, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v1i1.79>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BURIL, B. Desejo e alteridade em Morte em Veneza. **Estado da Arte**, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/desejo-alteridade-morte-veneza-buril/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

CAILLÉ, A. **Antropologia do dom**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALDAS, P. S. P. Arte como forma da moral: um ensaio sobre *O Anjo Azul a A Morte em Veneza*. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 22, n. 37, p. 102-128, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pg/a/KgqWfzGJ6KfH8m45Dft6PVb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2020.

CAMARGO, L. O. de L. Os domínios da hospitalidade. *In*: BUENO, M. S.; DENCKER, A. de F. M. (org.). **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/151>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 42-69, 2015.

CAMPOLINA, T. 'Morte em Veneza': o retrato de um artista em decadência. **Jornalismo Júnior**, 3 jun. 2021. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/morte-em-veneza/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CAMPOLINA, T. 'Morte em Veneza': o retrato de um artista em decadência. **Jornalismo Júnior**, 03 jun. 2021. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/morte-em-veneza/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

CARDOSO, M. A Morte em Veneza: a redenção pela morte. **Revista de Letras**, Taguatinga, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/2986>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARVALHO, M. V. C. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 15-31, jan./fev. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/srHtDcRYvvQQ7bTxggtJz5G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CASARIN, H. de C. S.; CASARIN, S. J. **Pesquisa científica**: da teoria à prática. Curitiba: Coleção InterSaberes, 2012.

CHEN, C.-C.; PETRICK, J.; SHAHVALI, M. Tourism experiences as a stress reliever. **Journal of Travel Research**, v. 55, n. 2, 2014. DOI: 10.1177/0047287514546223.

COSTA, L. S.; CAMARGO, L. N. **Filosofia hermenêutica**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

CRUZ, G. L. A hospitalidade como diferencial competitivo sob a percepção dos gestores hospitalares: um estudo de caso comparativo. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 109-124, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2019.v16n1.006>.

CURY, M, Z. F; ALIS, G. A hospitalidade na literatura: uma análise de “O convívio”, de João Gilberto Noll Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32947/18934>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CUSSATE, C. de P. **A hospitalidade na cidade do Rio de Janeiro expressa nas obras de Machado de Assis**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Hotelaria) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/1700/TCC%20Camila%20de%20Paula.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 dez. 2022.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, J. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!** Coimbra: Minerva, 2001.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. 22. ed. Madri: Real Academia Española, 2001.

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1. ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2015.

ERIG, G. A.; MENEZES NASCIMENTO, M. E. A hospitalidade como diferencial na gestão de restaurantes. **Cenário**: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, v. 4, n. 7, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v4i7.15235>.

FAGUNDES, J. A. et al. Estrutura organizacional e gestão sob a ótica da teoria da contingência. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v. 26, n. 78, art. 33, p. 52-63, 2010.

FERNANDES, C. Nazismo. **História do Mundo**, 2023. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FERNANDES, D. O assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando. **Fundação Biblioteca Nacional**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/assuntos/noticias/o-assassinato-do-arquiduque-austriaco-francisco-ferdinando#:~:text=Sarajevo%2C%2028%20de%20junho%20de,do%20grupo%20separatista%20M%C3%A3o%20Negra>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FERREIRA, A. C. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-92.

FERREIRA, L. T.; PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S. O acolhimento como índice de desenvolvimento turístico: o exemplo da rota “os caminhos de pedra”, R.S. *In*: SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UECE, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, F. F. **A verdade da desconstrução**. O horizonte ético do pensamento de Jacques Derrida. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

FORTES, A. Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil. **Nuevo Mundo**, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.66177>.

FREITAS, M. E. de. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamôs nômades? **o&s**, Salvador, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

FROGATTA, M. Crítica | Morte em Veneza – O Amor pela Beleza. **Nos Bastidores**, 2017. Disponível em: <https://nosbastidores.com.br/critica-morte-em-veneza-visconti/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

FURTADO, F. F. F. Morte em Veneza: cinema e melancolia. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 75-84, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R6-Fiorese.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GASTAL, S.; KUNZ, J. G. Hospitalidade e turismo: as virtudes das cidades. *In*: CAPELLANO, M. M.; BAPTISTA, I. (org.). **Laços sociais**: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul, Educs, 2014.

GODBOUT, J. T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 39-52, 1998.

GOMES, C. C.; MARCUSSO, E. F. Turismo e territorialidade: o território da cerveja da região serrana do Rio de Janeiro como vetor da governança e do

desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 16, 2214, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2214>. Acesso em: 21 dez. 2022.

GOTMAN, A. O turismo e a encenação da hospitalidade. *In*: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. de L. **Cultura e consumo**: estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2008. p. 115-134.

GOTMAN, A. O comercio da hospitalidade é possível? **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 3-27, 2009. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/311/299>. Acesso em: 17 jan. 2023.

GOTMAN, A. Les perils de l'asymétrie. La mondialisation et la fin de l'étranger. **Collège des Études juives de l'Alliance universelle**, p. 15-36, 2011.

GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. *In*: MONTANDON, A. (org.). **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011. p. 45-53.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 29-50, 2006.

GRINOVER, L. Hospitalidade urbana: mobilidade e acessibilidade. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: – Universidade Anhembi Morumbi, 2009. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/134.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

GRINOVER, L. Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. **Revista Iberoamericana da Turismo**, Penedo, v. 3, n. 1, p. 16-24, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/979>. Acesso em: 21 dez. 2023.

GRINOVER, L. **A cidade nós, e a hospitalidade**. Caxias do Sul: EducS, 2021. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/a-cidade-nos-e-a-hospitalidade/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

HORA, V. da; CORTELETTI, E. “A Morte em Veneza & Tônio Kroeger”, Thomas Mann. **Biblioteca José de Alencar UFRJ**, 9 nov. 2022. Disponível em: <https://letras.biblioteca.ufrj.br/a-morte-em-veneza-tonio-kroeger-thomas-mann/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

IKAWA, R. T. R. **Sinalizadores discursivos da relação entre o turista como sujeito primariamente acolhido e o Corpo Coletivo Acolhedor numa perspectiva sociodinâmica do acolhimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/735/Dissertacao%20Rafael%20Rezende.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jan. 2023.

INNOCÊNCIO, F. R. S. Filemon e Baucis nos gerais (uma estória da modernização). **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, v. 2, n. 29, p. 152-171, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512454263010.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KOGA, D. **Medidas das cidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, M. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. *In*: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade**. Barueri: Manole, 2004.

LASHLEY, C. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 70-92, 2015.

LEMOS, A. C. A imitação em Aristóteles. **Anais de Filosofia Clássica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 84-90, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/16970>. Acesso em: 21 dez. 2023.

LEMOS, G. V. **A vida do artista e a crise da modernidade**: uma leitura de Morte em Veneza, de Thomas Mann. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LIDO-VENEZA: destino de verão em Veneza! **Viajareumprazer**, 23. jun. 2021. Disponível em: <https://www.viajareumprazer.com.br/o-que-fazer-em-lido-veneza/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

LUÍS, B. O intelectual e o turista regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira. **Revista IEB**, São Paulo, n. 5, p. 111-126, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/NjX5mWdYLD9wZWB3K3tpXPq/?format=pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MANN, T. **A morte em Veneza**. São Paulo: Abril, 1971.

MANN, T. **A morte em Veneza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTINS, P. H. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. – Movimento antiutilitarista nas ciências sociais: itinerários do dom. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 105-130, 2008.

MARUJO, N. O estudo acadêmico do turismo cultural. **Revista Turismo y Desarrollo Local Sostenible**, v. 8, n. 18, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/290997938\\_O\\_ESTUDO\\_ACADEMICO\\_D\\_O\\_TURISMO\\_CULTURAL](https://www.researchgate.net/publication/290997938_O_ESTUDO_ACADEMICO_D_O_TURISMO_CULTURAL). Acesso em: 20 dez. 2022.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2019.

MEDAGLIA, J. Turismo e informação: a pesquisa de demanda turística real de Diamantina/MG. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 22, n. 2, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tva/a/X8tGZdq53MqTDdC4qRhQwJH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MENEZES, A. T. de. O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: a ressignificação de Grande Sertão: Veredas pelo turismo literário. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_72b0d616f537c129239548a6487f5676](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_72b0d616f537c129239548a6487f5676). Acesso em: 17 dez. 2022.

MEYER, B. R.; BRITO JUNIOR, A. B. O esnobismo e o mecanismo do desejo em Morte em Veneza. **Scriptorium**, v. 5, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/scriptorium/article/view/33207/18751>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MOISÉS, M. **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1987.

MÜLLER, R.; SILVA, R. B. S. da. **Planejamento e organização do turismo**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

MUNHOZ, J. P. *et al.* Rotas de bebidas e turismo cervejeiro: atratividade e caracterização das microcervejarias artesanais do Paraná – Brasil. **Gestão do Turismo**, São Paulo, v. 16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/HLqDcR95cHrMhX58sC8Rxmb/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2022.

NABONA, R. Os últimos dias de Thomas Mann. **Letras in.verso e re.verso**, 3 set. 2018. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2018/09/os-ultimos-dias-de-thomas-mann.html>. Acesso em: 12 jan. 2023.

NUÑEZ, C. F. P. **Armadilhas ficcionais**. Modos de desarmar. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

OLIVEIRA, J. P.; OLIVEIRA, A. L. J. O belo, o castigo e a doença: “A Morte em Veneza”. **RevLet** – Revista Virtual de Letras, Jataí, v. 11, n. 1, p. 426-442, jan./jul. 2019. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/510.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

OLIVEIRA, R. L. de; CONTI, B. R.; VALDUGA, M. C. Discussões sobre a comensalidade e as experiências de viagens para os veganos. Cenário: **Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v10i1.40850>. Acesso em: 17 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PAOLILLO, A. M.; REJOWSKI, M. **Transportes**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

PEDRON, M.; HORODYSKI, G. S. Turismo de experiência nos parques urbanos de Curitiba – PR. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E



PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2012.

PELIZARO, V. S.; BISOGNIN, E. L. O fenômeno turístico e ensino-aprendizagem por meio das práticas turísticas. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 19-49, 2010.

PENHA, M. V. Thomas Mann e o decadentismo. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 160-174, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/20025/11614>. Acesso em: 11 jan. 2023.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; PEREIRA, M. M. C. Corpo Coletivo Acolhedor: uma proposição teórica. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8., 2011, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. Balneário Camboriú: Univali, 2011. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/8/83.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Tenerife, v. 11, n. 1, p. 45-55, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/881/88125588004.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2023.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; SANTOS, M. M. C. Sincronia e simetria: proposições tipológicas para o acolhimento. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPTUR, 2014. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/61.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

PEREZ, J. P. **Acontecimento, beleza e conhecimento em A Morte em Veneza**. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, Maringá, v. 36, n. 1, p. 21-28, jan./mar. 2014.

PLENTZ, R. S. **O papel da hospitalidade na busca de um outro turismo**. 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-o-papel.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2022.

PRATER, D. **Thomas Mann**. Uma biografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

QUADROS, A. H. A hospitalidade e o diferencial competitivo das empresas prestadoras de serviço. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 43-57, 2011. Disponível em: <https://revhosp.homologacao.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/346>. Acesso em: 12 jan. 2023.

RANAIVOSON, D. Acolher, explicar, desvelar: até onde me apresentar ao outro? Transparência e opacidade nas literaturas francófonas. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 140-154. Disponível em: <https://revhosp.org/hospitalidade/article/view/490>. Acesso em: 17 dez. 2022.

RASIA, J. M. Morte em Veneza: desejo e interdição. **Revista Letras**, Curitiba, n. 55, p. 55-77, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2819>. Acesso em: 18 dez. 2022.

RIBEIRO, H. J. **Ana em Veneza: ex-cêntricos antimodernos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95421/301935.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2020.

RINKE, S. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 21, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/j6T3yxTNHhRZNRvC8Lkcmhy/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ROCHA, G. **Mauss & a Educação**. São Paulo: Autêntica, 2013.

ROSA, J. C. J. **Smells Like Spleen Spirit: o decadentismo na América da segunda metade do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12117/1/Tese.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ROSENFELD, A. **Thomas Mann**. Debates. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SALVÁ, C.; DIEDRICH, A. A morte em Veneza e seu tratado sobre o fazer artístico. **Instituto Ling**, 03 ago. 2020. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/a-morte-em-veneza-e-seu-tratado-sobre-o-fazer-artistico>. Acesso em: 17 dez. 2022.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o Corpo Coletivo Acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 3-15, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/484/503>. Acesso em: 03 jan. 2023.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S. Dimensión Relacional de la Acogida. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, p. 138-153, 2014.

SANTOS, M. T. dos. Fundamentos de turismo e hospitalidade. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. Disponível em: [http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo\\_hosp\\_lazer/061112\\_fund\\_de\\_tur\\_e\\_hosp.pdf](http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_fund_de_tur_e_hosp.pdf). Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, O. *et al.* Escala de motivações de turistas seniores. **APDR Congress**, Lisboa, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341255894\\_Silva\\_et\\_al\\_2018\\_Escala\\_de\\_Motivacoes\\_de\\_Turistas\\_Seniores](https://www.researchgate.net/publication/341255894_Silva_et_al_2018_Escala_de_Motivacoes_de_Turistas_Seniores). Acesso em: 20 dez. 2022.

SILVA, V. M. de A. e. Os conceitos de literatura e literariedade. *In*: SILVA, V. M. de A. e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2014. p. 1-42.

SIMÕES, C. L. “**Marília de Dirceu**”: mimese e alteridade em diálogo na poesia lírica brasileira do século XVIII. 2007. Dissertação (Mestrado em Crítica e Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14819/1/Luis%20Simoes.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SOARES, J. A; SALLES, R. R. M. **A Percepção de hospitalidade em um romance literário**. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/103.pdf>. Acesso em 13 jan. 2023.

SOUSA, J. C. **As contribuições da obra de Mário de Andrade para o estudo do turismo cultural brasileiro**. 2021. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_9eebe2e825c4f573f8e839bbc9ccef21](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_9eebe2e825c4f573f8e839bbc9ccef21). Acesso em: 17 dez. 2022.

TAAM, F. E. M. **Luchino Visconti e os signos proustianos**: a trilogia alemã à luz de em busca do tempo perdido. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

TELFER, E. 2004. A filosofia da ‘Hospitalidade’. *In*: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade**. Barueri: Manole, 2004. p. 53-78.

THOMAS Mann - Morte em Veneza. Palestra: Temas e poéticas do romance “Morte em Veneza” de Mann Thomas mann resumo da morte em Veneza. **Mylandrover**, 2023. Disponível em: <https://mylandrover.ru/pt/brake-system/tomas-mann---smert-v-venecii-lekciya-tematika-i-poetika-novelly.html>. Acesso em: 12 jan. 2023.

TRIGO, L. G. G. **Turismo básico**. 5. ed. São Paulo: Senac, 1998.

VERNANT, J.-P. Héstia-Hermes: sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos. *In*: VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

WEBER, E. **França fin de siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**: seguido do caderno de notas das “Memórias de Adriano” e da nota. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.